

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

PRISCYLLA MARIA FERREIRA DA SILVA

**CICLO DE VIDA DA ÁREA TURÍSTICA:
O CASO DO PONTAL DE CORURIBE-AL**

Maceió
2016

PRISCYLLA MARIA FERREIRA DA SILVA

**CICLO DE VIDA DA ÁREA TURÍSTICA:
O CASO DO PONTAL DE CORURIBE-AL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo

Coorientadora: Prof. Dr.^a Silvana Pirillo Ramos

Maceió
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

S586c Silva, Priscylla Maria Ferreira da.
Ciclo de vida da área turística: o caso do Pontal de Coruripe-AL / Priscylla Maria Ferreira da Silva. – 2016.
143 f.: il.

Orientador: Lindemberg Medeiros de Araújo.
Coorientadora: Silvana Pirillo Ramos.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 129-135.
Apêndices: f. 136-142.
Anexos: f.143.

1. Turistificação. 2. Pousadistas. 3. Lugar Turístico. 4. Território. I. Título.

CDU: 711.557

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Priscylla Maria Ferreira da Silva

**CICLO DE VIDA DA ÁREA TURÍSTICA:
O CASO DO PONTAL DE CORURUPE-AL**

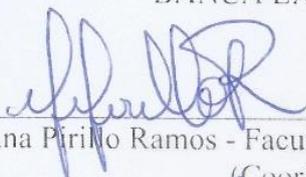
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fau/Ufal, com ênfase em Dinâmicas do Espaço Habitado, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em: 30/11/2016

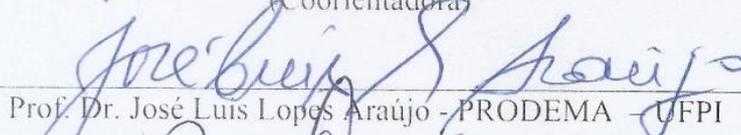


Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo.
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL
(Orientador)

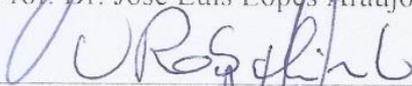
BANCA EXAMINADORA



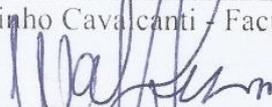
Prof. Dr.ª Silvana Pirillo Ramos - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL
(Coorientadora)



Prof. Dr. José Luis Lopes Araújo - PRODEMA – UFPI



Prof. Dr.ª Verônica Robalinho Cavalcanti - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Prof. Dr. Walter Matias Lima - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL

Ao meu pai, Amaro Ferreira dos Santos (*in memoriam*),
por seu gosto por comer uma peixada em Pontal de Coruripe.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu orientador, Lindemberg Medeiros de Araujo, por sua presteza, pela paciência, pelo apoio e pela compreensão constantes.

À minha coorientadora, Silvana Pirillo Ramos, pelo acolhimento em um momento crucial para a conclusão deste curso.

A esses meus dois exemplos de profissionais: muito obrigada.

Ao Professor Marcelo Ribeiro, pelo estímulo durante a graduação que hoje resulta na concretização desta etapa.

Aos atuais e antigos pousaditas de Pontal de Coruripe, pela hospitalidade com que me receberam, disponibilizando-me dados e informações necessários à composição deste trabalho; em especial a Ada Vígano, pelas conversas, pelo compartilhamento dos arquivos de sua biblioteca. À população de Pontal de Coruripe em geral, pelo bem receber.

Aos meus familiares pelo apoio constante, em especial à minha mãe, Maria Augusta, e à minha avó, Maria Teresa.

A Capes, pelo apoio financeiro durante o mestrado.

Aos meus professores do DEHA, em especial à Verônica Robalinho e ao Walter Matias, que muito contribuíram com o processo de desenvolvimento deste estudo ao aceitarem o convite para participar das etapas de qualificação e defesa. Pelos mesmos motivos, sou grata ao avaliador externo, professor José Luís Lopes Araujo.

Aos funcionários do DEHA, pela disponibilidade.

À minha turma, pelo exemplo de união e companheirismo.

Aos amigos que contribuíram direta e indiretamente para a concretização desta etapa, em especial a Thassia Ramalho, Thayse Danyele, Victória Azevedo, Fafátima Gomes e Jailson Oliveira.

RESUMO

Este trabalho examina o ciclo de vida turístico do povoado Pontal de Coruripe-AL. O modelo do ciclo de vida da área turística, conhecido na literatura internacional pela sigla *TALC* (*Tourism Area Life Cycle*) (BUTLER, 1980) vem sendo amplamente utilizado há mais de trinta anos para o estudo de destinações, lugares ou atrativos turísticos em todo o mundo, visando compreender as características contextuais locais dos destinos e sua trajetória até o presente. Pontal de Coruripe, localizado no litoral sul alagoano – município de Coruripe-AL – assim como a maior parte do litoral de Alagoas, tem seu território marcado pela influência do turismo, com um histórico de implantação de meios de hospedagem comerciais desde a década de 1980. Nesse contexto, buscou-se compreender como e quando o Pontal de Coruripe surgiu como lugar turístico, como se desenvolveu ao longo do tempo e quais foram os principais fatores intervenientes, até o presente. O trabalho caracteriza-se como um estudo de caso do tipo exploratório, com abordagem metodológica qualitativa. O estudo do *TALC* envolve principalmente o levantamento da evolução temporal do setor de hospedagem, expresso pelo número de unidades habitacionais, e, no caso deste estudo, buscou-se também identificar e analisar as influências que os meios de hospedagem, e o turismo a eles associado, representaram para o território local. O principal instrumento de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas realizadas junto aos atuais e antigos proprietários ou gestores dos meios de hospedagem de Pontal de Coruripe. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de análise de conteúdo. As residências secundárias iniciaram o processo de turistificação de Pontal, o qual foi seguido pela implantação de meios de hospedagem; após três décadas da instalação dos primeiros meios de hospedagem comerciais, o destino apresenta características de declínio, com um histórico de desarticulação entre os atores que compõem a atividade turística local.

Palavras-chave: Turistificação. Pousadistas. Lugar turístico. Território.

ABSTRACT

This study examines the tourism area life cycle of the village of Pontal de Coruripe, Alagoas state, Brazil. The model of the tourism area life cycle (TALC) (BUTLER, 1980) has been widely used over more than thirty years to study destinations, places and attractions around the world; the model seeks to understand the local contextual characteristics of destinations since the destination inception to the present. Pontal de Coruripe, which is located in the municipality of Coruripe, just as most of the Alagoas' littoral has a territory that is marked by the influence of tourism with a history of accommodation building commencing in the 1980s. The study seeks to understand how and when Pontal e Coruripe emerged as a tourist place, how it developed over time up to the present, and which were the main factors influencing its evolution. The work uses an exploratory case study which was developed by means of a qualitative research approach. A TALC study involves mainly a characterization of the temporal evolution of a place's accommodation sector, based on the number of hotel rooms; in this study it also sought to identify and analyze the influences that the accommodation sector and visitors have exerted on the local territory over time. The main data collecting instrument used was a semi-structured interview which was run with the owners or managers of current or previous local accommodation units of Pontal de Coruripe. The interviews were recorded and transcribed and were analyzed using the content analysis method. The study shows that second-homes represented the kick-off of the touristification process in Pontal de Coruripe which was later followed by the opening of commercial accommodation units. Three decades after the opening of the first accommodation units the destination shows the emergence of Butler's (1980) decline stage; the destination also shows a history of lack of integration between local tourism agents.

Palavras-chave: Touristification. Hostel owners. Touristic Place. Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Modelo do Ciclo de Vida da Área Turística	26
Figura 2 - Região Turística Lagoas e Mares do Sul	34
Figura 3 - Mapa de localização do município de Coruripe	35
Figura 4- Mapa de localização dos rios Poxim e Coruripe	35
Figura 5 - Igreja de São José no ano de 2010,.....	37
Figura 6 - Mapa: principais lugares que compõem o município de Coruripe-AL	38
Figura 7 - Farol de Pontal, [20- -].....	44
Figura 8 - Portal do município de Coruripe, AL 101 Sul	44
Figura 9 - Chegada de Forman ao Pontal na década de 1960.....	45
Figura 10 - Pontal, uso recreativo da praia ao fim de tarde em 7 Set. 2015.....	47
Figura 11-Participação de crianças na confecção de artesanato em palha de ouricuri.....	48
Figura 12 - Peças confeccionadas pelas artesãs da Associação em nov. 2015.....	50
Figura 13-Praia do estaleiro: década de 1960 (A) / Novembro de 2015 (B).....	52
Figura 14 - Pesca coletiva na década de 1960	53
Figura 15 - Procissão marítima no ano de 2008	54
Figura 16 - Acesso ao mar por estreitas vielas	55
Figura 17 - Pontal de Coruripe, década de 1960	56
Figura 18 - Imagem de satélite do povoado Pontal de Coruripe, 2014.	57
Figura 19 - Praça do avistamento em outubro de 2015	60
Figura 20 - Placa de sinalização da praça no ano de 2008	60
Figura 21 - Casa da D. Celina, atual pousada Casarão.....	63
Figura 22 - Farol do Pontal de Coruripe, década de 1970.....	64
Figura 23 - Pontal Praia Hotel, entrada, restaurante e área de lazer	68
Figura 24 - Coruripe Mar Hotel, vista externa	68
Figura 25 - Primeiras instalações da Pousada da Ada, construções da década de 1980.	70
Figura 26 - As casinhas da Ada, jun. 2015	71
Figura 27 - Praia do Pontal, 1991	75
Figura 28 - Festival na praia de Pontal, década de 1990	78
Figura 29 - Pousada Recanto do Pontal, fachada e área de lazer	80
Figura 30- Pousada Mirante do Pontal, fachada e vista de um dos apartamentos.....	80
Figura 31 - Área de lazer da Pousada Paradise	82
Figura 32 - Clube Afusco - Chalés ao fundo e salão de eventos	83

Figura 33 - Pousada Pontal Pôr do Sol, áreas comuns e chalés ao fundo	83
Figura 34 – Orla de Pontal no período de 1991 a 2008.....	85
Figura 35 - Orla de Pontal após o projeto de urbanização.....	86
Figura 36 - Lateral da Pousada Arapiraca em nov. 2008/ em ago. 2016.....	87
Figura 37 - Deck da Pousada Canto de Yemanjá	88
Figura 38 - Pousada Casarão do Pontal	88
Figura 39 - Vista área da orla de Pontal, meados da década de 1990	117
Figura 40 - Vista área da orla de Pontal, [20- -]	118
Figura 41 - Maré alta e redução da faixa de praia em Pontal	118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características das fases do Ciclo de Vida do Lugar Turístico.....	27
Quadro 2 - Uso das residências secundárias enquanto alojamento turístico	66
Quadro 3 - Turismo em Pontal: a visão dos pousadistas.....	100
Quadro 4 - Atrativos que os pousadistas de Pontal recomendam aos turistas.....	107
Quadro 5 - <i>TALC</i> : perspectivas de futuro da oferta de hospedagem.....	110
Quadro 6 - O futuro do turismo em Pontal de Coruripe.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico1 - Culturas agrícolas presentes no município de Coruripe e respectivas áreas de plantio. Outras culturas, com áreas inferiores a 100 hectares são: feijão, maracujá, mandioca, mamão, abacaxi, milho, melancia e amendoim.....	40
Gráfico 2 - Evolução da oferta receptiva comercial, década de 1980	72
Gráfico 3 - Oferta de meios de hospedagem no período de 1985 a 1999.....	79
Gráfico 4 - Evolução da oferta de hospedagens, 1985-2015.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Valores em R\$ dos royalties petrolíferos - Coruripe-AL	41
Tabela 2- Composição do PIB de Coruripe-AL, divisão por setores	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUSCO	Associação dos Funcionários da Usina Coruripe
AMAP	Associação dos Moradores e Amigos do Pontal
ANP	Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis
APA	Área de Proteção Ambiental
PIB	Produto Interno Bruto
DAESC	Departamento de Água e Esgoto Sanitário de Coruripe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IMA-AL	Instituto Do Meio Ambiente Do Estado De Alagoas
LTTD	Laboratório de Território Turismo e Desenvolvimento
MTUR	Ministério do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PAB	Programa do Artesanato Brasileiro
PRODETUR	Programa Regional para o Desenvolvimento do Turismo
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
RBMA	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEDETUR-AL	Secretaria De Estado Do Desenvolvimento Econômico e Turismo de Alagoas
SMPE/PR	Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República
TALC	<i>Tourism Area Life Cycle</i>
UFAL	Universidade Federal de Alagoas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TALC E TERRITÓRIOS TURÍSTICOS	20
2.1 Turismo	20
2.2 Ciclo de vida de áreas turísticas	24
2.1 Turismo e território	29
3 PONTAL DE CORURIFE: O RETRATO DO TURISMO EM UMA VILA DE PESCADORES.....	34
3.1 O município de Coruripe	34
3.2 Pontal de Coruripe	43
3.2.1 Artesanato em palha de Ouricuri	48
3.2.2 A pesca em Pontal e os reflexos da relação com o mar	51
3.2.3 Turismo: experiências e atratividade	58
4 TALC: HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DO SETOR DE HOSPEDAGEM E SERVIÇOS	63
4.1 Início do processo de turistificação local	63
4.2 Década de 1990	74
4.3 Período de 2000 a 2015	81
5 TALC: CARACTERÍSTICAS DA OFERTA E EXPECTATIVAS DE FUTURO	93
5.1 Características da oferta de hospedagem comercial em Pontal de Coruripe	93
5.2 O turismo na visão dos empreendedores e expectativas de futuro do destino	100
6 CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICES	136
APÊNDICE A – Roteiro aplicado aos pousadistas de Pontal de Coruripe	136
APÊNDICE B – Perfil dos pousadistas	139
APÊNDICE C – Alguns quadros resultantes das entrevistas	140
ANEXOS	143
ANEXO A – Crandall’s list of motivation	143

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade dinâmica que ao se espacializar cria diversas possibilidades de desenvolvimento, que variam de acordo com as singularidades dos lugares, somadas às diversas formas de gestão que podem ser adotadas pelos atores que se relacionam com o setor, como a iniciativa privada, o poder público, os próprios turistas e as populações receptoras. Ao se espacializar, como qualquer outra atividade humana, o turismo gera impactos de ordem social, cultural e ecológica, transformando paisagens e culturas em mercadorias, através de um processo de apropriação dos lugares pelo capital (XAVIER, 2007; LUCHIARI, 1998).

As implicações espaciais do turismo para os lugares nos quais ele se insere são normalmente diversas e abrangentes. As mudanças locais que são desencadeadas pela atividade turística tendem a ser mais profundas nas localidades receptoras. Entretanto, apesar de sofrerem impactos negativos, os lugares turísticos também podem se beneficiar com resultados favoráveis, como a valorização do patrimônio cultural local, a diversificação das atividades econômicas, a geração de emprego e o incremento da renda, o aumento da oferta de serviços, a melhoria na infraestrutura, dentre outros.

O turismo permite ao poder público e à iniciativa privada e, por vezes, em maior ou menor grau, também às comunidades envolvidas a escolha de vários caminhos, com incontáveis possibilidades, podendo contribuir para o desenvolvimento dos lugares, por meio de relações equilibradas com o meio ambiente, relações estas que podem favorecer o desempenho positivo da atividade a curto, médio e longo prazo (BRAMWELL; LANE, 1993). Até mesmo lugares que passaram por profundas modificações ambientais resultantes do turismo de massa, como é o caso de inúmeras ilhas gregas, podem ser revitalizados, recuperando áreas degradadas e redirecionando o desenvolvimento do lugar turístico no futuro (SPILANIS; VAYANNI, 2004).

Por tais características, essa atividade vem sendo estimulada na maior parte dos países, particularmente pelo poder público, o que é aproveitado por diversos tipos de investidores. No Brasil, por exemplo, há décadas tem-se políticas públicas específicas que objetivam fomentar o desenvolvimento do setor, como os planos nacionais de turismo (2003-2007; 2007-2010; 2013-2016), o Programa Regional para o Desenvolvimento do Turismo (Prodetur), dentre outros.

Na década de 1960, quando o poder público começou a se preocupar com o turismo e vislumbrar nessa atividade uma alternativa de emprego e renda, o mar passou a ser mais explorado como área de lazer. *No Nordeste, sobretudo a partir da década de 1980, começou-se a investir em infraestrutura no sentido de atrair visitantes*

nacionais e estrangeiros, divulgando-se, sobretudo, o sol, o mar e a beleza feminina (FONTELES, 2004, p. 37, grifo nosso).

Como consequência da visibilidade que o turismo passou a ter no Brasil, como uma possibilidade e alternativa de desenvolvimento, incontáveis lugares, principalmente ao longo do litoral do país, iniciaram a formação de uma oferta turística. Nesse cenário, enquadra-se o recorte espacial de análise deste estudo – o povoado Pontal de Coruripe (município de Coruripe-AL) – que teve o início da implantação de sua estrutura de hospedagem na década de 1980.

Localizado no litoral sul alagoano, o município de Coruripe, assim como a maior parte do litoral de Alagoas, tem seu território marcado pela influência do turismo. Apesar de se ter propostas que almejam viabilizar o desenvolvimento do setor em outras regiões, através do Programa de Regionalização do Turismo (PRT), em Alagoas, a atividade turística é historicamente mais difundida no litoral.

Com a capital Maceió e o município de Maragogi (litoral Norte) destacando-se no cenário da política do Ministério do Turismo (MTur), o litoral alagoano subdivide-se em três regiões turísticas: a região metropolitana, o Polo Costa dos Corais (litoral Norte) e o Polo Lagoas e Mares do Sul (litoral Sul).

A região metropolitana, naturalmente, concentra uma gama de serviços e equipamentos turísticos e de apoio, com estrutura de transporte, acesso e formatação de serviços de agenciamento que permitem que o turista se hospede na capital e realize passeios do tipo *day use* em viagens de excursão que têm como destinos os receptivos turísticos agenciados de Alagoas e do litoral sul de Pernambuco, como Maragogi, São José da Coroa Grande e Porto de Galinhas.

A região do Polo Costa dos Corais, do ponto de vista de estrutura turística, é marcada por meios de hospedagem do tipo *resorts* e beneficiada no aspecto natural pela presença de uma barreira de recifes de corais e de arenito que se inicia em Maceió e vai até o litoral Sul de Pernambuco, propiciando a formação de ‘piscinas naturais’ durante as marés baixas.

A região do Polo Lagoas e Mares do Sul, com um apelo centrado também nos recursos naturais, como as lagoas costeiras interligadas ao mar (lagunas) e coqueirais presentes na região, possui estrutura de hospedagem composta por empreendimentos do tipo hotéis, pousadas e residências secundárias. Nesse contexto, insere-se o município de Coruripe.

A natureza caprichou em Coruripe. O mar exuberante e coqueiros em profusão realçam o lugar. O município tem belas praias, destacando-se Lagoa do Pau, Míai de Cima, Míai de Baixo. Cada qual se destaca pela singularidade de suas belezas como é o caso do Pontal de Coruripe, que tem sua marca registrada desde 1948, quando se construiu um farol para orientar as embarcações. *O Pontal é um povoado de*

pescadores que se transformou num atraente destino turístico (SEDETUR-AL¹, 2015, grifo nosso).

Tal transformação nos despertou para a realização deste trabalho. Buscamos compreender como e quando Pontal de Coruripe surgiu como lugar turístico e como se desenvolveu ao longo do tempo, identificando as características de seu ciclo de vida turístico.

A teoria do ciclo de vida da área turística, conhecida na literatura internacional pela sigla *TALC* (*tourism area life cycle*), foi publicada por Richard W. Butler em 1980, e desde então vem sendo utilizada para o estudo de destinações, lugares ou atrativos turísticos, visando identificar o estágio atual em que o objeto estudado se encontra, suas características contextuais, e, por conseguinte, a visualização da trajetória passada e possíveis caminhos futuros.

O *TALC* de Pontal de Coruripe foi investigado, neste trabalho, priorizando-se suas dimensões econômica, social e territorial. Assim, este estudo tem como objetivo compreender a constituição e desenvolvimento de Pontal do Coruripe como lugar turístico, por meio da caracterização de seu ciclo de vida turístico.

A compreensão das singularidades do processo de turistificação leva ao conhecimento detalhado da oferta e do modo pelo qual se deu sua inserção no local e interação com os demais grupos de atores que influenciam e são influenciados pelo turismo, como o poder público, a população local, além dos próprios turistas. Assim, identificar a maneira como o turismo ocorre em localidades relativamente pequenas, que têm no turismo um dos usos de seu território, como é o caso de Pontal de Coruripe, possibilita a compreensão do fenômeno turístico por meio de um processo singular que transforma o lugar e cria novas possibilidades de desenvolvimento.

Pontal de Coruripe carece de estudos científicos que priorizem o turismo como foco de análise. Passados trinta anos após a implantação dos primeiros meios de hospedagem no local, tem-se, por exemplo, o registro de apenas uma dissertação de mestrado que estudou esse povoado com base no turismo (PAIVA, 2010). A compreensão do processo de turistificação local pode vir a ser um mecanismo útil para se maximizar os benefícios que a atividade pode gerar tanto localmente, como em áreas com contextos similares, particularmente através da criação de políticas públicas adequadas às particularidades locais.

Nesse contexto, este trabalho se caracteriza como um estudo de caso do tipo exploratório, que emprega uma abordagem metodológica qualitativa. O estudo de caso é um método de pesquisa comumente utilizado na área de ciências sociais e de acordo com YIN

¹Secretaria De Estado Do Desenvolvimento Econômico e Turismo de Alagoas (SEDETUR-AL).

(2010, p. 24) “[...] permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – como os ciclos individuais da vida, o comportamento dos pequenos grupos [...]”. Assim, para o autor supracitado, um estudo de caso é definido como: “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2020, p. 39).

O estudo do *TALC* de um determinado lugar envolve, dentre outras coisas, uma compreensão do processo de turistificação local e, às vezes, regional, por meio da apreensão do histórico do desenvolvimento do turismo no recorte espacial escolhido. Para tanto, pode-se levantar dados e informações em jornais, revistas e outras fontes semelhantes, visando retratar momentos passados, o que por vezes pode dotar o estudo de uma roupagem de pesquisa histórica.

O estudo de caso conta com muitas das mesmas técnicas que a pesquisa histórica, mas adiciona duas fontes de evidência geralmente não incluídas no repertório do historiador: observação direta dos eventos sendo estudados e entrevistas das pessoas envolvidas nos eventos (YIN, 2010, p. 32).

Portanto, o caráter aparentemente histórico que esse estudo possa ter adquirido em dados momentos de sua apresentação é parcial, não abarcando, desse modo, o foco e conteúdo geral da pesquisa. Para Yin (2010), é vantajoso utilizar o estudo de caso como método de pesquisa em situações em que se tem um conjunto de eventos contemporâneos e quando o investigador não tem controle sobre os eventos analisados, o que justifica o enquadramento do método para a compreensão e análise do ciclo de vida da área turística em Pontal de Coruripe.

Nesse contexto, o presente estudo se concretizou, em parte, pela coleta de dados com base em fontes documentais e fotográficas, acesso a sites e redes sociais das pousadas de Pontal, visando à obtenção de dados secundários e/ou informações que permitissem a caracterização da unidade de análise em seus aspectos gerais, além de observação direta de campo. Esta caracterização priorizou aspectos turísticos, econômicos sociais e territoriais, delimitada por um recorte temporal que abrange o período anterior à chegada do turismo (1980) até o momento atual, contemplando o *TALC* de Pontal de Coruripe, desde a sua fase “exploração” (BUTLER, 1980).

Seguindo essa perspectiva, para melhor compreensão da realidade local, com ênfase nos meios de hospedagem, em junho de 2015, teve-se a etapa que configurou o início da pesquisa de campo por meio de visitas exploratórias aos meios de hospedagem ativos de Pontal, onde através de conversas com os gestores ou funcionários, levantaram-se dados básicos relacionados à oferta de hospedagem, como, por exemplo, a capacidade receptiva do

povoado, a origem dos pousadistas, e o porte e as características básicas de cada empreendimento.

Além disso, como resultado dessa etapa de campo, realizou-se a identificação dos sujeitos que participariam da etapa posterior da pesquisa, ou seja, com base nesse contato inicial foi possível identificar o sujeito mais adequado para representar cada meio de hospedagem, enquanto entrevistado qualificado, de tal forma que as informações a serem fornecidas fossem adequadas para o objetivo do estudo.

O estudo do *TALC* envolve principalmente o levantamento da evolução temporal do setor de hospedagem, expresso pelo número de unidades habitacionais, e, no caso deste estudo, buscou-se identificar e analisar também as influências que os meios de hospedagem e o turismo a eles associado representaram para o território local. Para este fim específico, como instrumento de coleta de dados, em abril de 2016, foram realizadas entrevistas com base em roteiro semiestruturado junto aos atuais e antigos proprietários ou gestores dos meios de hospedagem de Pontal de Coruripe.

O estudo cobriu intencionalmente o universo temporal da existência dos meios de hospedagem locais, ou seja, incluiu empreendimentos ativos (em funcionamento) e inativos (os que encerram suas atividades ao longo das três décadas do processo de turistificação de Pontal). Para identificar os empreendimentos inativos, realizou-se um levantamento por meio de buscas em jornais, livros e sites relacionados ao lugar, e principalmente, perguntou-se aos próprios entrevistados dos meios de hospedagem contemporâneos se eles se recordavam de algum antigo meio de hospedagem em Pontal.

Como a pesquisa teve como sujeitos o universo dos pousadistas (ativos e inativos) de Pontal, foram realizadas 11 entrevistas, com participação voluntária de todos; apenas uma entrevista não foi gravada, pois não houve o consentimento do entrevistado.

Com essa exceção, as demais entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas pelo método proposto por Bardin (1979), que é a análise de conteúdo, que se dá basicamente por meio da seleção e agrupamento de dados em categorias, que visam expressar as ideias dos discursos dos participantes da pesquisa, priorizando-se os aspectos de interesse para se alcançar os objetivos do estudo. Como salientam Cavalcante; Calixto; Pinheiro (2014, p. 16): “Durante a etapa da exploração do material, o investigador busca encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado”.

No presente relatório, objetivando preservar as identidades dos sujeitos entrevistados para este estudo, quando são mencionadas as falas diretas dos entrevistados atribuímos

códigos que vão de P1 a P 11, onde o P significa Pousadista. Além disso, a nomeação de cada entrevistado por um número foi atribuída aleatoriamente, portanto não obedece a qualquer tipo de critério de ordem.

O roteiro foi composto por duas partes, a primeira que remete a um questionário do tipo pergunta-resposta, com questões que visam ao levantamento de características dos empreendimentos, e a segunda parte, com estrutura comum de roteiro de entrevistas, com questões gerais relacionadas à temática abordada.

A base semiestruturada do roteiro de entrevistas (APÊNDICE A) permitiu a fluidez e a flexibilidade durante a aplicação das entrevistas. Outros aspectos qualitativos e quantitativos do *TALC*, como oferta de serviços públicos, caracterização dos empreendimentos de hospedagem, foram obtidos, como mencionado acima, por meio de observação de campo e pesquisa documental.

Assim, a dissertação é apresentada na seguinte ordem: após esta introdução, o segundo capítulo discute o modelo do ciclo de vida do lugar turístico, com base em Butler (1980), acompanhado de discussões sobre turismo e território. O terceiro capítulo caracteriza a unidade espacial de análise, primeiramente na escala do município, apresentando características básicas e gerais de Coruripe-AL, que permitem uma compreensão do contexto em que o foco desta dissertação está inserido. A segunda seção do capítulo apresenta especificamente o povoado Pontal de Coruripe, com suas características atuais e as que se referem ao período anterior à chegada do turismo (final da década de 1960).

O quarto capítulo demonstra o histórico e a evolução da oferta comercial de hospedagens e serviços ao longo dos trinta anos de ciclo de vida turístico de Pontal, sua relação com o território, seus aspectos econômicos e sociais. No quinto e último capítulo, intitulado “Características da oferta e expectativas de futuro”, tem-se um panorama atual dos meios de hospedagem comerciais e o posicionamento de seus respectivos empreendedores, além dos apontamentos que caracterizam a atividade turística no local e as expectativas de futuro do destino, com base na visão dos principais agentes que compõem a oferta turística local – os pousadistas. Por fim, o estudo se encerra com a apresentação da conclusão.

2 TALC E TERRITÓRIOS TURÍSTICOS

2.1 Turismo

O turismo, como fenômeno socioespacial, é baseado nos deslocamentos humanos e motivado principalmente pelo consumo de paisagens. Academicamente, o autor J. Jafari (1994, p. 17) o conceitua como “[...] o estudo do homem fora do seu local de residência habitual: é o resultado do aparelho turístico e suas redes, do mundo conhecido (local de origem) e não conhecido (turístico) e da relação dialética entre ambos”.

Dessa forma, o turismo articula o local de origem dos viajantes ao seu lugar de destino, trazendo mudanças sociais, econômicas e culturais (URRY, 1990). Além disso, o turismo também causa mudanças espaciais e territoriais que trazem amplas consequências para os habitantes das destinações e lugares turísticos (CRUZ, 2003; ARAUJO; MOURA, 2007).

Assim, a prática da atividade turística requer a ligação entre oferta e demanda. Do ponto de vista espacial, os espaços de deslocamento cumprem a função de elo entre os centros emissivos e os núcleos receptores (CRUZ, 2003), permitindo a experiência turística. A busca por uma experiência turística está vinculada às mais diversas motivações², e pode ser vivenciada através de produtos e serviços múltiplos, possibilitados pela diversificação da oferta disponibilizada pelos lugares ou destinações turísticas.

O turismo é um fenômeno que se relaciona diretamente aos setores econômico, sociocultural e ambiental, sendo influenciado e paralelamente influenciando a organização social e política dos lugares onde se insere, sejam eles centros emissivos, espaços de deslocamento ou destinos. Nesse contexto, porém, os destinos normalmente são os que mais são atingidos pelas implicações da atividade turística, ao serem reorganizados para atender às expectativas de olhares externos (URRY, 1990) que buscam contato com o diferente e ao mesmo tempo, a satisfação de desejos particulares.

Ambientes naturais e aspectos culturais são fatores historicamente responsáveis pela atração de perfis distintos de turistas. Assim, natureza e cultura são transformadas em objetos de consumo, no contexto de processos de mudança, para adaptação dos lugares para atender as novas demandas que surgem em função da atividade turística. Por tais particularidades, “[...] o fenômeno contemporâneo do turismo coloca-se como um vetor de transformação contraditório e emblemático: acentua a produção de lugares de consumo e o consumo dos

² Sobre motivações ver ANEXO A.

lugares” (LUCHIARI, 1998, p. 23), com consequências sociais, econômicas e ambientais que variam segundo o contexto local e regional.

Comumente visto como uma opção de desenvolvimento para áreas ricas em belezas naturais, porém fragilizadas economicamente (SPILANIS; VAYANNI, 2004), o turismo tornou-se uma atividade ambicionada tanto por governantes quanto por investidores em praticamente todo o mundo. Das grandes metrópoles aos pequenos vilarejos, expectativas relacionadas à implantação de atividades turísticas são frequentemente identificadas na literatura dessa área do conhecimento.

Para que um lugar, município, região etc. possa se beneficiar do desenvolvimento turístico, inevitavelmente precisa ocorrer o fenômeno da turistificação, que é o processo de transformação dos lugares em destinos turísticos; se refere ao modo de inserção da atividade turística no contexto dos espaços receptivos. Como expressa a autora Rodrigues (2015, p. 99) é “[...] a conferência de novas funcionalidades a espaços pré-existentes, num movimento de apropriação e readequação das atividades anteriores, muitas vezes significando a valorização de potencialidades turísticas iminentes”.

Knafou (1996) define a existência de três fontes de turistificação dos lugares: os turistas, o mercado, e os planejadores e promotores territoriais. Os turistas são responsáveis pela turistificação de lugares à medida que ‘descobrem’ novos destinos, o que estimula posteriormente a inserção de uma oferta turística. O mercado torna-se responsável pela turistificação dos lugares, quando insere uma oferta turística em uma determinada área eleita, transformando-a em destino turístico, provocando, posterior ou paralelamente, a conquista de uma demanda. Já os planejadores e promotores territoriais, incluindo o poder público e alguns setores do mercado, são os agentes responsáveis pelo fomento e preparação de um lugar para a recepção de uma demanda turística.

Na fase inicial do processo de turistificação, normalmente se enaltecem os impactos positivos que o turismo pode proporcionar aos lugares, como geração de emprego e incremento da renda de parte da população local; melhoria na infraestrutura, o que beneficia a todos os residentes, e aumento do consumo de bens e serviços, dinamizando a economia local e, às vezes, regional. Porém, “[...] na construção dos lugares turísticos há uma infinidade de variáveis subjetivas, não sujeitas à quantificação, além de uma série de combinações possíveis e imprevisíveis” (LUCHIARI, 1998, p. 21).

Frequentemente, uma ênfase excessiva nos aspectos econômicos do turismo (GUNN, 1994) deixa de captar fenômenos e sentimentos mais sutis associados à turistificação dos lugares, os quais podem vir a ter consequências negativas na evolução do lugar ou destinação

turística. De forma semelhante, o turismo pode se desenvolver com base em iniciativas exclusivas do mercado, sem que o lugar, sua população e interesses coletivos sejam articulados na formação da oferta.

Ao se inserir nos lugares, o turismo influencia o território reorganizando-o, ao tempo em que estabelece relações com atividades preexistentes e interage com práticas culturais singulares de cada destino. Por essa capacidade de gerar transformação, a forma de inserção das populações receptoras na atividade turística é determinante para os tipos de efeitos que o turismo pode gerar localmente; para que se tenham resultados favoráveis, faz-se necessário que a população local seja inserida na atividade, tendo participação nas decisões dos processos vinculados à gestão do turismo (ARAUJO, 2009), atuando na comercialização da oferta, pois como salienta Barretto (2005, p. 81):

É muito importante a qualificação da população local para integrar-se na prestação de serviços turísticos de forma direta e não marginalmente, por meio de comércio informal e da esmola, como se vê na maior parte dos lugares em que a população local foi reduzida a atrativo.

Do ponto de vista econômico, para que o turismo seja sustentável, é necessário que haja o equilíbrio de sua participação na economia dos destinos, através de um planejamento que inclua em sua cadeia produtiva, as demais atividades econômicas locais e/ou regionais. O contrário pode acarretar efeitos devastadores, pois

O turismo mal planejado elimina as experiências produtivas existentes nas comunidades receptoras, tornando-se a sua única fonte de renda. É o caso dos pescadores e agricultores, que deixaram suas atividades originais para viver em função do turismo (FONTELES, 2004, p. 204).

O turismo é uma atividade influenciada direta ou indiretamente por fatores externos e internos, que podem interferir em seu ciclo de desenvolvimento. Um desses fatores é a sazonalidade que ocorre principalmente em áreas litorâneas tropicais e subtropicais, onde comumente se predomina o turismo de “sol e mar.”

Dentre os possíveis efeitos da sazonalidade tem-se: a diminuição do número de empregos na baixa estação e o aumento dos preços de alugueis, produtos alimentícios e demais suprimentos necessários ao consumo humano, durante a alta estação. Seja na alta ou baixa temporada, a oscilação da demanda turística impacta diretamente as populações receptoras, visto que “[...] o produto turístico está dirigido não apenas a uma plateia de curiosos forasteiros (estrangeiros ou não), mas também aos próprios cidadãos locais [...]” (BARRETTO, 2000, p. 76).

Obviamente, dependendo de uma série de fatores, a população local pode se beneficiar ou não da turistificação de seu lugar, a depender, até certo ponto, do tipo de turismo priorizado e se o planejamento da atividade contempla a participação e os interesses dos residentes.

A gestão da atividade turística nos espaços receptivos é configurada pela forma de atuação das categorias sociais que fomentam a atividade, que são o poder público, a iniciativa privada, a população local e os próprios visitantes. Para as populações receptoras os efeitos do turismo são diretos à medida que a atividade dinamiza o cotidiano local.

Com o turismo, a memória e os modos de vida dos nativos entram no circuito mercadológico, fazendo parte da paisagem e compondo cenários elaborados para a atração dos turistas. Em determinadas circunstâncias, uma pessoa pode significar o mesmo que uma pedra ao ser fotografada a fim de figurarem como ornamentos ou de servirem como souvenir (FONTELES, 2004, p. 187).

Em situações como essa, pode não ter havido uma preocupação dos planejadores e promotores do turismo no sentido de realçar as singularidades dos lugares visitados, nem de criar mecanismos claros para a inserção do lugar e sua população no desenvolvimento local do turismo. Assim, aspectos econômicos, sociais e culturais podem não passar – para quem está por trás da oferta e para o visitante – de um mero detalhe do lugar, sem maiores implicações para sua experiência como visitante.

Atualmente, várias modalidades de turismo estão disponíveis, o que permite que atrativos sejam utilizados de forma responsável, de modo que se preze pela qualidade dos recursos que compõem a oferta e, paralelamente, pela experiência do visitante, além dos interesses locais. O que por vezes dificulta a geração de possíveis benefícios advindos do turismo é a redução da atividade ao seu aspecto econômico e financeiro, como criticado por Gunn (1994).

Em uma crítica direta à forma pela qual o turismo vem se desenvolvendo no Brasil, Fonteles argumenta que “a busca desenfreada pelo lucro fácil com o turismo no Brasil, especialmente no Nordeste, tem trazido sérias consequências para os núcleos receptores” (FONTELES, 2004, p. 108), como tem ocorrido, por exemplo, no litoral Norte alagoano, em Tamandaré-Pernambuco, e em Canoa Quebrada, no Ceará.

Assim, é necessário que se atente para as amplas consequências do turismo, pois apesar de ser uma atividade ligada diretamente ao lazer, portanto supostamente algo ‘não sério’, o turismo é um fenômeno complexo, que pode causar efeitos diversos nos lugares nos quais se insere. Com planejamento responsável, que busca integrar os interesses do mercado aos interesses locais, a atividade tem maiores possibilidades de contribuir positivamente para

os lugares com os quais se relaciona, possibilitando diversificação econômica, valorização de manifestações culturais, artesanato, monumentos; melhoria da infraestrutura urbana e das condições de acesso, aumento da oferta de serviços – bancários, de saúde, de alimentos e bebidas etc.

Entretanto, o turismo “[...] pode provocar também efeitos negativos. Se for massificado e desordenado, pode ocasionar a deterioração do meio ambiente, destruição do patrimônio natural e cultural, mudança da cultura regional [...]” (FONTELES, 2004, p. 94). Esse alerta em relação ao potencial que o turismo tem de causar problemas nos lugares onde se insere, principalmente o turismo de massa, também é realizado por Barretto (2000, p. 30):

Ao longo destes anos de auge do turismo de massas e da crença generalizada de que o turismo pode transformar drasticamente as economias locais, a tendência tem sido explorar todos os recursos, naturais, culturais ou históricos, da forma mais lucrativa possível. Isso tem levado à degradação de alguns lugares em diversos níveis e aspectos.

Assim, por todas as possíveis combinações resultantes da inserção e desenvolvimento do turismo nas localidades receptoras, cada destino possui particularidades, que necessitam ser analisadas para a compreensão do fenômeno do turismo. Nesse cenário, a teoria do ciclo de vida da área turística de Butler (1980), é um mecanismo que permite essa compreensão.

2.2 Ciclo de vida de áreas turísticas

Os espaços turísticos são cenários de interação entre demanda e oferta, estas que, por razões diversas, sofrem alterações ao longo do tempo. Em 1980, o pesquisador Richard W. Butler publicou o modelo evolutivo do ciclo de vida da área turística, baseado na ideia de que estas são dinâmicas e que mudam com o passar do tempo.

O modelo é fundamentado no conceito de curva de venda e ciclo de vida do produto. Segundo este, na fase inicial um produto é vendido de forma lenta, após, registra-se uma fase marcada pelo rápido crescimento, em seguida as vendas estabilizam e, posteriormente, declinam (BUTLER, 2006, p. 4).

O modelo de Butler permite a compreensão do processo de evolução do turismo em determinada área de estudo, através da identificação do estágio em que o destino ou atrativo se encontra e as fases pelas quais tenha passado. Do ponto de vista teórico e metodológico, o pesquisador pode agregar ao modelo do ciclo de vida diversas dimensões analíticas, tais como: dinâmica territorial do lugar, preço da terra, políticas públicas, desenvolvimento etc.

A demanda turística é responsável por moldar ou influenciar a oferta, assim, muitos destinos adaptam-se ao gosto de seus visitantes. Pesquisadores como Plog (1973) e Cohen (1972) são conhecidos na literatura especializada por terem desenvolvido pesquisas relacionadas à tipologia de visitantes. Viajantes com determinadas características psicográficas buscam destinos compatíveis com suas motivações e expectativas. Plog (1973) define que os viajantes se distribuem ao longo de um *continuum* que vai do psicocentrismo ao alocentrismo, ou seja, os que buscam contatos com ambientes familiares durante as viagens e os que buscam novos ambientes, respectivamente.

Em um dos extremos estão os “psicocêntricos,” que tendem a ser ansiosos, inibidos, não afeitos a aventura e preocupados com os pequenos problemas da vida. Em contraste, os “alocêntricos” são autoconfiantes, curiosos, aventureiros e extrovertidos; de acordo com Plog, viajar é para eles um meio de expressar o seu caráter inquiridor e curioso (PEARCE, 2003, p.44).

No meio da escala de Plog, há os viajantes meiocêntricos (ou mesocêntricos) que possuem características intermediárias, havendo meiocêntricos que podem ter uma inclinação maior para o psicocentrismo ou para o alocentrismo.

Outro pesquisador de tipologias de viajantes é Cohen (1972), que estabelece a divisão dos tipos de turistas em quatro categorias. Lohmann e Netto (2012, p. 271-2), sintetizam as características de cada tipo definido por Cohen:

- Turista de massa organizado: são turistas que viajam para destinos populares, através de tradicionais pacotes turísticos ofertados por operadoras, em que a programação de toda a viagem é preestabelecida desde o momento em que o pacote é planejado. Esse tipo de turista tende a frequentar lugares “inventados” pelo turismo, onde o contato com a população receptiva pode ser mínimo ou inexistente.
- Turista de massa individual: diferencia-se do primeiro tipo, basicamente pela possibilidade de flexibilizar a programação durante a viagem. É aquele viajante que garante a compra antecipada de pacotes turísticos que incluem serviços de transporte e hospedagens mas que mantém a programação no destino aberta, podendo inclusive, alterar o tempo de permanência.
- Turista explorador: viaja sem a intermediação de agências, interessando-se mais por contatos com as populações receptoras do que com outros turistas. Prefere explorar novos lugares evitando destinos excessivamente marcados pelo turismo.

- Turista errante: é o que pretende se incluir no destino como um próprio nativo, negando assim, a condição temporária de turista.

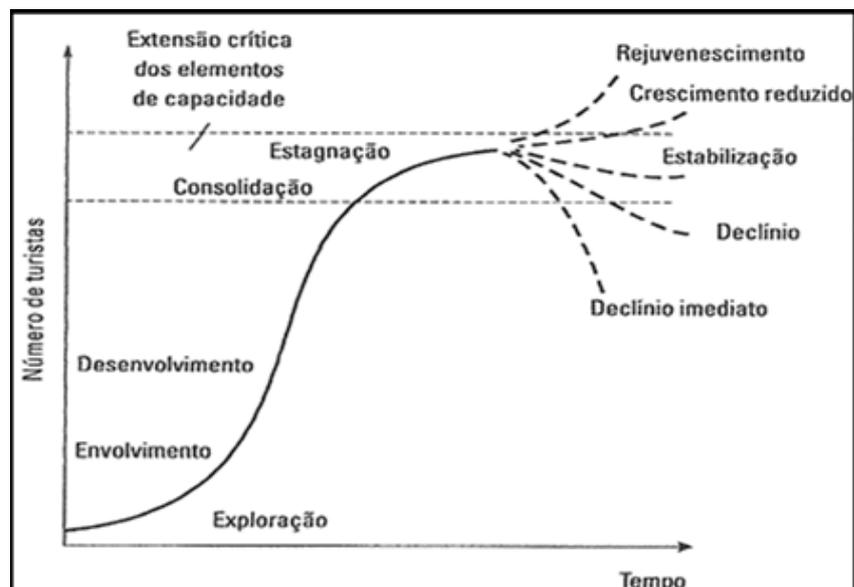
Tem-se que o crescimento no número de visitantes é acompanhado de mudanças em sua composição, seguindo o padrão de passagem do alocentrismo para o psicocentrismo esboçado por Plog e outros pesquisadores para o turismo de massa institucionalizado, conforme sugerido por Cohen (1972) (PEARCE, 2003, p. 47).

Nessa perspectiva, o modelo de Butler prevê que inicialmente uma localidade turística recebe pequenos números de visitantes, restritos por carência de acesso, de instalações e falta de conhecimento do local; mas, à medida que instalações e condições de acesso são ofertadas ou melhoradas, o número de visitantes cresce e com a disseminação de informações através de campanhas de marketing e o aumento de facilidades aos viajantes, a área rapidamente se populariza (BUTLER, 2006, p. 4).

Assim, uma nova destinação turística será “descoberta” pelos turistas alocentriscos e, quando se torna mais conhecida e com maior e melhor infraestrutura turística e geral, passa a ser frequentada pelos mesocêntricos, que correspondem ao segmento quantitativo mais numeroso – geralmente chamado de turismo de massa (RUSCHMANN, 2010, p. 95).

O modelo evolutivo de Butler (1980) segue a perspectiva de que à medida que o tempo passa os destinos se alteram e passam por fases caracterizadas por mudanças no perfil da demanda (em termos de número e tipos de turistas) e da oferta turística (atrativos, instalações, serviços etc.). Essas alterações marcam distintas fases no ciclo de vida da área turística (Figura 1).

Figura 1 - Modelo do Ciclo de Vida da Área Turística



..... Fonte: Pearce (2003) redesenhada a partir de Butler (1980).

Com base em autores, como o próprio Bulter (1980) e Argarwal (1997); Pearce (2003) e Cooper et al. (1993), Araujo e Moura (2007) apresentam as características de cada fase que compõe o modelo de Butler (Quadro 1).

Quadro 1 - Características das fases do Ciclo de Vida do Lugar Turístico

ESTÁGIO	CARACTERÍSTICA
Exploração	<ul style="list-style-type: none"> • A área começa a ser visitada por poucos turistas aventureiros. • A área apresenta poucas facilidades públicas. • Os turistas são de um único tipo – alocêntricos (PLOG, 1973). • O patrimônio natural encontra-se bem preservado e, juntamente com a cultura local, se constituem nos principais atrativos turísticos do lugar.
Envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Os residentes começam a oferecer serviços básicos aos turistas. • O local começa a ser vendido como um lugar turístico. • Emerge um período de alta temporada e correspondente pressão sobre o setor público para a construção de infraestrutura. • A maior parte dos serviços e negócios turísticos pertence aos residentes.
Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • O número de visitantes ultrapassa a população residente na estação turística. • A maior parte dos serviços e negócios pertence a pessoas de outras áreas. • Início de antagonismo dos residentes aos turistas. • Começam a surgir problemas ambientais, incluindo deterioração dos equipamentos turísticos.
Consolidação	<ul style="list-style-type: none"> • O turismo se torna o principal segmento da economia local. • Os equipamentos turísticos apresentam avançado grau de deterioração. • Os problemas ambientais se tornam visíveis.
Estagnação	<ul style="list-style-type: none"> • A área perde seu glamour inicial e sai da moda. • A área começa a perder turistas para outras destinações. • A área apresenta sérios problemas ambientais econômicos e sociais.
Pós-estagnação	<ul style="list-style-type: none"> • A destinação entra em declínio gradual ou rápido. • Pode surgir um processo de rejuvenescimento da área através de investimentos na criação de novos atrativos, recuperação física da área ou por meio de campanhas de marketing. • Nesse estágio geralmente a situação ambiental encontra-se em fase crítica.

Fonte: Araujo; Moura (2007, p. 98-99), baseados em Bulter (1980); Argarwal (1997); Pearce (2003) e Cooper et al. (1993).

Desde 1980 até os dias atuais, o modelo de Butler vem sendo utilizado por diversos pesquisadores que o aplicaram em diferentes contextos. A curva em “S” não é um padrão de resultado, cada destino apresenta suas particularidades, inclusive na sequência e duração das fases. O TALC é uma ferramenta descritiva que permite a visualização do histórico do turismo em determinado lugar, destinação ou atrativo, de sua evolução ao longo do tempo e, por conseguinte, possibilita a visualização prospectiva de possíveis cenários futuros.

Uma sustentação empírica de caráter geral para o modelo de Butler é dada por no mínimo dezenas de estudos em que ele tem sido aplicado, com diferentes autores enfatizando aspectos particulares do processo ou relatando variações no tempo de duração e na natureza dos estágios identificados [...] (PEARCE, 2003, p. 47).

O TALC pode ser analisado pelas dimensões econômica, ambiental, social e outras. No presente estudo, o ciclo de vida turístico de Pontal de Coruripe está sendo investigado considerando as dimensões econômica e social, associadas à questão do território.

Os efeitos econômicos do turismo são diretos e indiretos. O gasto de um turista em um destino pode alimentar um ciclo, o qual Barretto (1995) define como efeito multiplicador.

A relação entre o dinheiro que entra por conceito de turismo e sua repercussão final no Produto Interno Bruto chama-se *efeito multiplicador*, que é definido como o coeficiente que mede a quantidade de ingresso gerado por cada unidade de despesa turística. O efeito multiplicador é produzido pela sucessão de despesas que tem origem no gasto do turista e que beneficia os setores ligados diretamente e os ligados indiretamente ao fenômeno turístico (BARRETTO, 1995, p. 74, grifo do autor).

Esse possível efeito de circulação financeira na economia de destinos, proporciona o ingresso de divisas que pode contribuir para mudanças no território e para a melhoria da qualidade de vida da população residente. Os efeitos econômicos que o turismo pode gerar são comumente vistos e/ou analisados como positivos, o que faz com que, por vezes, a atividade seja vista exclusivamente por este aspecto.

Em suas múltiplas relações, o turismo privilegia o âmbito econômico, materializado na produção e consumo de diversos bens, nos serviços de empresas de transporte, de hospedagem e alimentação e na transferência de capitais (FONTELES, 2004, p. 82).

Porém, o âmbito econômico é apenas uma das faces que compõem a atividade turística. De modo semelhante, os aspectos sociais, culturais e ambientais influenciam e são influenciados pelo turismo. Resultados econômicos positivos não devem anular a inquietação com efeitos adversos nos demais setores; as contradições do turismo devem motivar novas formas de gestão e organização da atividade.

Primeiramente podemos considerar as contradições mais visíveis desta atividade que desponta com índices elevados de crescimento no contexto econômico mundial, mas que também desencadeia processos de degradação ambiental, com a destruição de importantes ecossistemas naturais (LUCHIARI, 1998, p. 15).

Os efeitos maléficos do turismo não se restringem ao meio natural, por isso é necessário que haja equilíbrio nas relações, para que resultados financeiros não prevaleçam em detrimento de custos sociais, com ônus por vezes irreversíveis para as populações locais. “É sob esse aspecto que vamos encontrar um dos grandes desafios do turismo: proporcionar aos núcleos receptores não somente desenvolvimento econômico, mas também desenvolvimento social” (BENI, 2006, p. 45).

Tal desafio se dá em função dos (des)encontros entre turistas e população nativa que partilham o mesmo espaço, porém exercendo funções distintas. A junção dessas funções nem

sempre é positiva ou favorece a melhoria dos meios sociais dos destinos, pois “a organização territorial dos lugares turísticos não responde somente à lógica do lugar, do meio, e da população local, ela é a reprodução de atributos valorizados nos centros emissores” (LUCHIARI, 1998, p. 23).

Assim, novas práticas sociais são inseridas no contexto dos destinos, alterando-os significativamente. “Produzindo o espaço turístico, o homem socializa a natureza, que se transforma em outra natureza, e esta modificação normalmente compromete a qualidade de vida local a médio, longo e até curto prazo” (FONTELES, 2004, p. 42). Tal proposição é tanto verdadeira quanto se reconhece que o turismo se apropria de diversos aspectos do lugar, alterando em maior ou menor extensão o espaço habitado pelos residentes preexistentes à chegada do turismo.

Por tais fatores, as relações entre turismo e território precisam ser vistas como detentoras de possibilidades as mais variadas possíveis. Cada destino ou atrativo possui singularidades que ao serem confrontadas com o turismo, suscitam formas variadas do processo de turistificação, e cada uma dessas formas funcionam como fatores que influenciam o território e os níveis de desenvolvimento do turismo.

2.3 Turismo e território

Por consequência das variadas configurações de apropriação do espaço pelo turismo, faz-se necessário esclarecer as possíveis formas da relação entre turismo e território, que, segundo Knafou (1996), ocorre em três diferentes tipos de contexto: o primeiro é caracterizado pelos territórios sem turismo, o segundo pelo turismo sem território e, por fim, têm-se os territórios turísticos.

Os territórios sem turismo são lugares que não têm função turística; o turismo sem território designa lugares que possuem função turística, no entanto, são marcados por instalações que são indiferentes ao seu entorno, configurando o que muitos autores da área denominam de enclave (PEARCE, 2003), bolha (JAAKSON, 2004), guetos (KRIPPENDORF, 2009), ou seja, equipamentos turísticos são implantados em um determinado espaço, sem se conectar ao lugar, como é o caso dos parques temáticos e *resorts* instalados de forma relativamente padronizada em várias partes do mundo, pelo que a autossuficiência típica da proposta desse tipo de empreendimento impede a comunicação entre os turistas e o lugar.

O terceiro tipo de relação turismo-território definido por Knafou são os territórios turísticos, que são os “inventados e produzidos pelos turistas, mais ou menos retomados pelos operadores turísticos e pelos planejadores” (KNAFOU, 1996, p. 73). Portanto, seguindo essa perspectiva, é como território turístico que se enquadra o nosso objeto de estudo – Pontal de Coruripe – e, assim, é sobre relações condizentes com esse contexto teórico que iremos nos reter.

Por território, compreendemos os usos de um determinado espaço caracterizado por relações de poder. Para Haesbaert (2008, p. 20), “ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”, ou seja, há um duplo viés na noção de território, o primeiro atrelado a um aspecto material – poder de dominação –, e o segundo caracterizado por um aspecto simbólico, referente ao poder de apropriação. Essas duas acepções do conceito de território correspondem ao que Lefebvre (1969) denomina de valor de troca e valor de uso, respectivamente.

A ideia de relações de poder é encravada em relações sociais de poder. Desse modo, “[...] devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc.” (HAESBAERT, 2008, p. 21). Daí advém a noção de territorialidade, a qual Knafou (1996) comenta com base na relação turista/residente:

[...] há diferentes tipos de territorialidades que se confrontam nos lugares turísticos: a territorialidade sedentária dos que aí vivem frequentemente, e a territorialidade nômade dos que só passam, mas que não têm menos necessidade de se apropriar, mesmo fugidamente, dos territórios que frequentam (KNAFOU, 1996, p. 64).

Assim, fica claro que os lugares turísticos são palco de múltiplas territorialidades que atuam simultaneamente, incluindo, por exemplo, usos, interesses e valores dos residentes, dos turistas, dos sujeitos ou das organizações responsáveis pela oferta turística que, dentre outros, incluem os donos de hotéis, pousadas e restaurantes, assim como o poder público.

De maneira abstrata, o turismo tem o potencial de interferir no espaço dos lugares turísticos; empiricamente, ele reorganiza o território e normalmente impõe a sua lógica mercadológica.

Diversas particularidades caracterizam a relação turismo-território no que concerne à produção e ao consumo de territórios pelo turismo. Uma dessas especificidades diz respeito ao fato de o principal objeto de consumo do turismo ser o espaço, entendido como o conjunto indissociável de objetos e de ações, de fixos e de fluxos. Nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos (CRUZ, 2002, p. 17).

Conforme afirma Cruz (2003, p. 5), “o turismo, entendemos, é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. As localidades inseridas na dinâmica do turismo, sejam elas centros emissivos ou receptivos e/ou espaços de deslocamento, muitas vezes preexistem ao turismo enquanto lugar de moradia e fluxos para suas populações autóctones.

A condição de ser dinâmica é uma característica da sociedade humana, que naturalmente se altera em função da história, da cultura e das evoluções técnico-científicas e informacionais, como discutido em detalhe por Castells (2010), no seu livro ‘A sociedade em rede’.

Nenhuma sociedade tem funções permanentes (SANTOS, 1979). Nesse contexto, o turismo é uma atividade que exerce um papel de elo dinâmico entre diferentes lugares, através da criação de pontes decorrentes da experiência turística, que se dá por meio do encontro entre oferta e demanda, no território turístico. Assim, os territórios turísticos são formados por um conjunto de territorialidades que os representam no todo.

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (SACK *apud* HAESBAERT, 2008, p. 21).

Knafou (1996) ressaltou a distinção entre a territorialidade nômade dos turistas e a territorialidade sedentária dos residentes. Nos territórios turísticos, porém, pode haver ainda uma infinidade de outras territorialidades, baseados na ideia de composição de territórios por relações sociais de poder, a exemplo da(s) territorialidade(s) exercida por residentes secundários, pelos promotores da oferta turística, além das mencionadas territorialidade dos turistas e dos residentes. Para Xavier (2007, p. 12), a noção de territorialidade deve englobar “[...] o físico, o ecológico, o ético, o social e o psicológico, além de todas as formas de relações que podem se estabelecer entre os grupos humanos e os lugares.”

No processo de turistificação, quando as atividades turísticas inserem novas territorialidades no interior de territorialidades preexistentes, os lugares são inseridos em um novo contexto, baseado na lógica de atender aos anseios de agentes exógenos (visitantes e não raramente investidores), anseios estes que nem sempre coincidem com as necessidades das populações receptoras e que indubitavelmente ocasionará alterações no modo de vida local.

O turismo cria novos objetos nos lugares, mas também se apropria de objetos preexistentes, como objetos naturais (rios, praias, montanhas etc.) e objetos culturais

(infraestrutura, edifícios, patrimônio histórico), atribuindo-lhes novos significados e, muitas vezes, novas feições (CRUZ, 2003, p. 25).

Como resultado do encontro e da coexistência de distintas territorialidades, e da capacidade que o turismo tem de criar novos usos e funções nos lugares onde se insere, não raras vezes surgem conflitos, pois

essa nova organização socioespacial estabelecida pelo uso turístico do território dá-se sobre uma organização socioespacial preexistente e seria um engano crer que não há embates decorrentes do encontro dessas diferentes territorialidades. Os nexos antigos assimilam as novidades, mas forçam, no limite, a coexistência (CRUZ, 2002, p. 12).

A urbanização – o turismo é uma forma de urbanização (LUCHIARI, 1998; MULLINS, 1991) – imprime suas marcas no território, do mesmo modo que o turismo o faz através, principalmente, da influência que a demanda exerce sobre o produto turístico, que se espacializa e cria uma nova dinâmica territorial nos lugares turísticos. “Conduzidos pela *urbanização turística* os lugares entram rapidamente no fluxo de informações, bens e pessoas, e inserem-se no movimento global” (LUCHIARI, 1998, p.16, grifo do autor).

O setor de prestação de serviços, de modo geral, é direta ou indiretamente influenciado pela presença do turista no lugar, do que decorre o surgimento e/ou multiplicação de equipamentos de restauração, lazer e apoio ao usuário turista. O setor informal pode ser, igualmente, estimulado pela presença de uma demanda turística nos territórios receptores desses fluxos (CRUZ, 2003, p. 25).

Conforme o *TALC* expressa (BUTLER, 1980), um destino turístico inicialmente pode não possuir serviços e equipamentos voltados ao atendimento de uma demanda turística, mas a evolução temporal do destino é responsável por embutir em seu território as práticas decorrentes da atividade, que ao se atrelarem ao cotidiano preexistente dos lugares induzem a urbanização, criam novos espaços, equipamentos e funções. E essas mudanças podem ter as mais variadas influências no desenvolvimento do lugar, afetando a qualidade de vida dos anfitriões. Como informa Cruz,

Exemplos típicos desse caso são alguns pequenos povoados litorâneos do Nordeste do Brasil, tal como Porto Seguro. Esses povoados surgem como destinos turísticos “selvagens” e, com o aumento dos fluxos, são submetidos a um acelerado processo de urbanização, decorrente da demanda por infraestruturas urbanas desencadeada pelo uso massivo do lugar pelo turismo (CRUZ, 2003, p. 17).

As formas de apropriação dos lugares pelo turismo são variadas. Como exemplo, sobre o modo de apropriação dos lugares, podemos considerar duas formas extremas. Na primeira, as características singulares dos destinos são respeitadas e integradas à oferta; ao se promover a atividade preza-se pela valorização dos costumes e manifestações da cultura local (TIMMS;

CONWAY, 2012, p. 404). Essa forma de territorialização tem certo potencial de envolver interesses do lugar na oferta turística, contribuindo para o desenvolvimento local.

Na segunda forma, conhecida na literatura como excludente, o turismo se impõe de modo que se desconsideram os processos humanos vividos no destino. Pensa-se primordialmente na satisfação da demanda (MCKERCHER, 1993), o que não raras vezes afeta negativamente a população local. Nesse caso, frequentemente o uso seletivo do território marginaliza a população local e cria dificuldades para a circulação das pessoas ou as separa de alguma forma de lugares antes frequentados pelos nativos ou residentes do lugar.

Essas diferentes formas pelas quais o turismo se insere nos lugares turísticos tem implicações diretas para a experiência dos turistas no destino. Quando o turismo beneficia a população local, o lugar tende a ser um destino hospitaleiro para o visitante. Quando, porém, o turismo não consegue atender às necessidades básicas da população nativa, a inserção do turismo tende a agravar problemas preexistentes, pois raramente a oferta de serviços públicos consegue acompanhar o aumento da população em função do turismo.

Assim, considerando os múltiplos tipos de interações possíveis entre o desenvolvimento turístico e os lugares, consequentes do encontro de territorialidades, o turismo é uma atividade que pode interferir nos lugares de variadas formas, podendo contribuir para o desenvolvimento dos lugares onde se insere. Os investimentos diretos, a criação de infraestruturas e a oferta de serviços potencialmente geram complexas influências na ampla rede formada pela cadeia produtiva do turismo (BARRETTO, 2005). Essas influências podem ser negativas, mas possivelmente também incluem efeitos positivos que podem melhorar efetivamente a forma como as pessoas vivem nos espaços onde habitam.

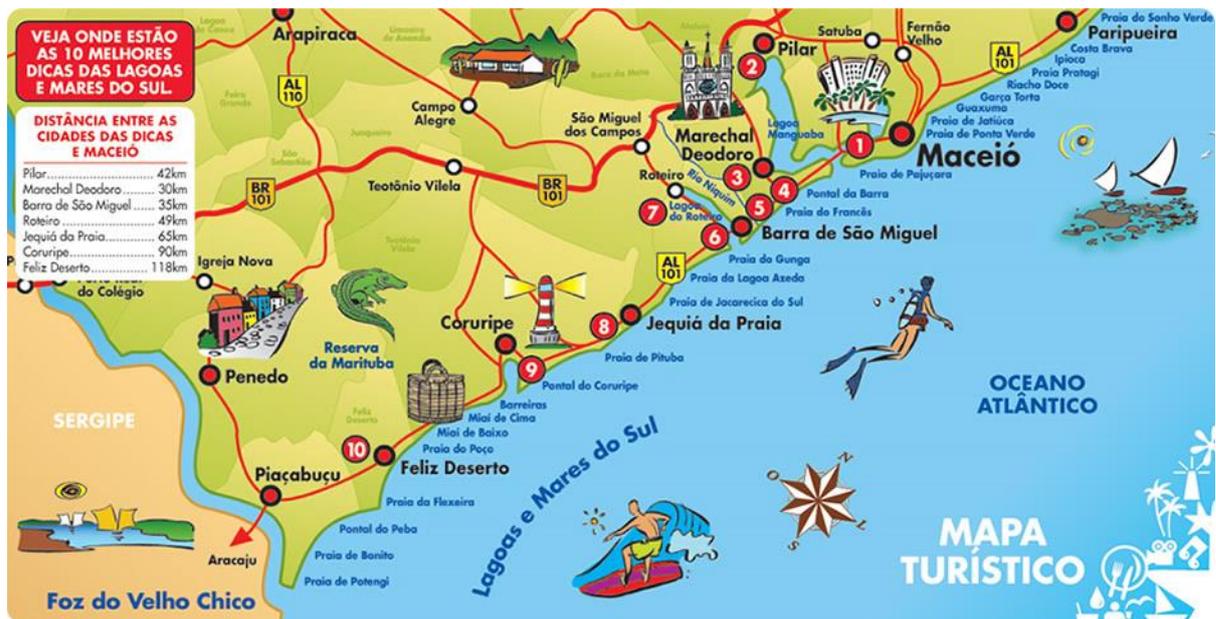
3 PONTAL DE CORURIPE: O RETRATO DO TURISMO EM UMA VILA DE PESCADORES

3.1 O município de Coruripe

O município de Coruripe situa-se no litoral sul alagoano e, junto aos municípios de Pilar, Marechal Deodoro, Barra de São Miguel, Roteiro, Jequiá da Praia e Feliz Deserto, forma a Região Turística Lagoas e Mares do Sul (Figura 2), região criada pelo governo do Estado de Alagoas, como parte do PRT com o intuito de viabilizar o desenvolvimento turístico. Além da oferta de recursos naturais como as praias e as lagoas/lagunas, a gastronomia baseada em frutos do mar é outro atrativo característico da região.

Nesse cenário, Coruripe enquadra-se como um destino de ‘sol e mar’, sem aparente promoção de recursos culturais na composição de sua oferta turística ou engajamento do *trade* para diversificação desta.

Figura 2 - Região Turística Lagoas e Mares do Sul

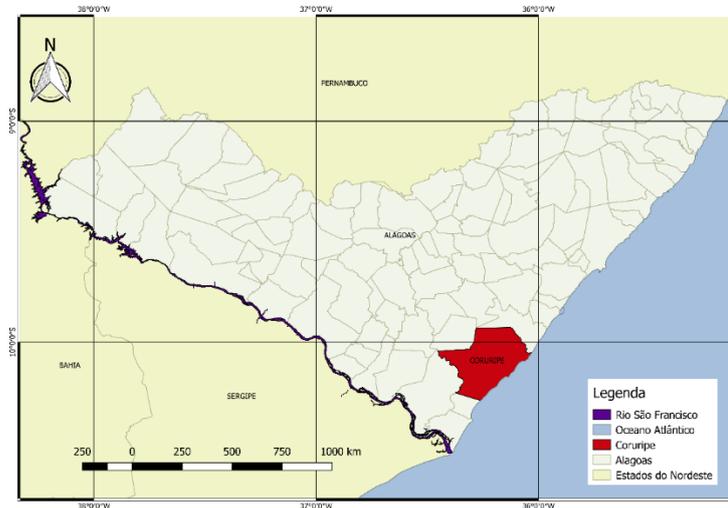


Fonte: SEDETUR-AL, 2015.

Com temperatura média anual de 24,4°C, Coruripe limita-se ao Norte com os municípios de Jequiá da Praia e Teotônio Vilela, ao Sul com Feliz Deserto e o Oceano Atlântico, a Oeste com Penedo e na parte Leste, com o Oceano Atlântico. Distante 90

quilômetros de Maceió, e com área territorial de 898,625 km² (IBGE³, 2015), Coruripe é um dos maiores municípios do Estado (Figura 3).

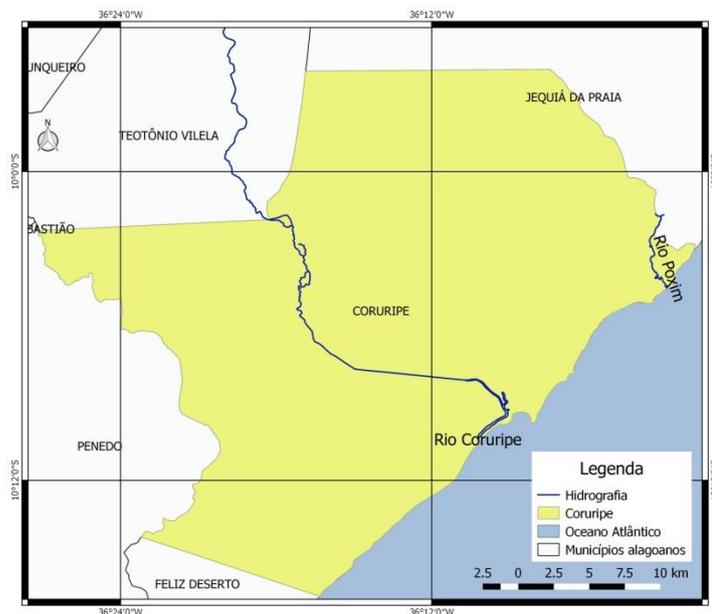
Figura 3 - Mapa de localização do município de Coruripe



Fonte: LTTD⁴/Ufal, 2016(adaptado).

A palavra Coruripe, de origem tupi-guarani, significa “rio dos seixos”⁵. O desenvolvimento inicial da localidade está diretamente ligado à presença dos rios Coruripe e Poxim (Figura 4).

Figura 4- Mapa de localização dos rios Poxim e Coruripe



Fonte: LTTD/Ufal, 2016(adaptado).

³Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴Laboratório de Território Turismo e Desenvolvimento (LTTD).

⁵Coruripe, de origem tupi significa rio dos sapos (Cururugy), de acordo com o cronista colonial frei Vicente Salvador, ou rio dos seixos (Cu-ru-ry-pe) conforme o professor Silveira Bueno (*apud* ENCICLOPÉDIA..., 2012, p. 298).

Não foram os rios grandes, mas os pequenos, assinalou Gilberto Freyre, os amigos do colonizador no Brasil; foi na colaboração dos rios pequenos que o homem pôde desenvolver o seu trabalho econômico. E, em particular, na da cana de açúcar foi que a agricultura colonial encontrou nos rios o melhor elemento para colaborar no seu desenvolvimento (DIÉGUES, 2006, p. 45).

A formação do atual território do município de Coruripe iniciou-se oficialmente em um de seus povoados – Poxim – local cujo rio homônimo foi significativo para compor um dos primeiros núcleos de povoamento alagoano de que se tem registro. A freguesia de Poxim foi criada a partir da irradiação do povoamento de Penedo (DIÉGUES, 2006). Segundo Lemos (1999a, p. 173), “Poxim surgiu como um pequeno vilarejo por volta de 1600 e tornou-se rapidamente ponto de apoio para os viajantes com destino às cidades de Penedo e Salvador”.

A disponibilidade de recursos naturais como as lagunas da região, o rio Poxim⁶, que servia de transporte para o comércio do açúcar, e as características do solo que permitiram a agricultura da cana-de-açúcar foram fatores que contribuíram para evidenciar Poxim no contexto regional.

Foi no decorrer do século XVII que se alastrou o povoamento da região, e criaram-se os engenhos de açúcar; os vales do Coruripe e do Poxim prestavam-se para a cultura da cana. E começaram a encher-se de canaviais, de boeiros de engenhos, de casas-grandes; igualmente – e principalmente – de negros escravos (DIÉGUES, 2006, p. 84).

Enquanto Poxim e Coruripe tinham nos rios a conseqüente presença dos engenhos, Pontal de Coruripe é mencionado nesse período como um porto marítimo marcado pela primeira forma de exploração econômica que os europeus encontraram no Brasil. Uma característica em comum entre todos era a presença dos escravos.

Long ago, in the sixteenth and seventeenth centuries, Pontal [de Coruripe] was a busy port. Portuguese and French sailors and merchants came here to get a dye wood, which in the Portuguese language we speak was called *pau-brasil*. Then the wood was taken to Europe, where they made the dye [...] (FORMAN, 1969, p. 29).⁷

Os engenhos e a conseqüente circulação de pessoas, o comércio e a estrutura foram responsáveis pela elevação da freguesia de Poxim ao título de Vila e paróquia, no início do século XVIII (ENCICLOPÉDIA..., 2012), passando a se chamar Vila Real de São José do

⁶A palavra Poxim, de origem tupi-guarani, possui com um dos significados “rio de águas escuras”, conforme Lemos (1999^a). Assim como ocorreu em Coruripe, a povoação que se fixou nas margens do rio herdou o nome homônimo. O rio Poxim possui 39 km de extensão, liga-se as lagoas Guaxuma, Escura, Lavagem, Tabuleiros e Patos e deságua no Oceano Atlântico.

⁷ Há muito tempo, nos séculos XVI e XVII, Pontal era um porto muito movimentado. Navegadores e comerciantes portugueses e franceses vinham aqui para obter uma madeira corante que no idioma português que falamos, nós chamamos de pau-brasil. E assim, a madeira era levada para a Europa, onde se fazia o corante (tradução nossa).

Poxim do Sul. Nome que faz referência ao Santo padroeiro do local, cuja igreja, datada de 1762⁸, com traços arquitetônicos barrocos e neoclássicos, é o bem patrimonial mais antigo do município de Coruripe, e uma representação tangível desse período (Figura 5).

Figura 5 - Igreja de São José no ano de 2010, observando-se o Pelourinho em primeiro plano



Fonte: acervo pessoal, 2010.

Poxim se torna município por ordem do governo de Pernambuco em 08 de julho de 1799. Só em 02 de agosto de 1801 o ouvidor, Manoel Joaquim de Matos Castelo Branco instala, oficialmente, a vila do Poxim, construindo um pelourinho a uns 40 metros da Igreja (LEMOS, 1999b, p. 77).

Enquanto Poxim vivia seus tempos de paróquia e Vila Real, Coruripe era um pequeno povoado que pertencia a tal vila. “Povoados surgem paralelamente à vida dos núcleos fundamentais. A cana de açúcar assegura a prosperidade econômica pela fundação de engenhos” (DIÉGUES, 2006, p. 44).

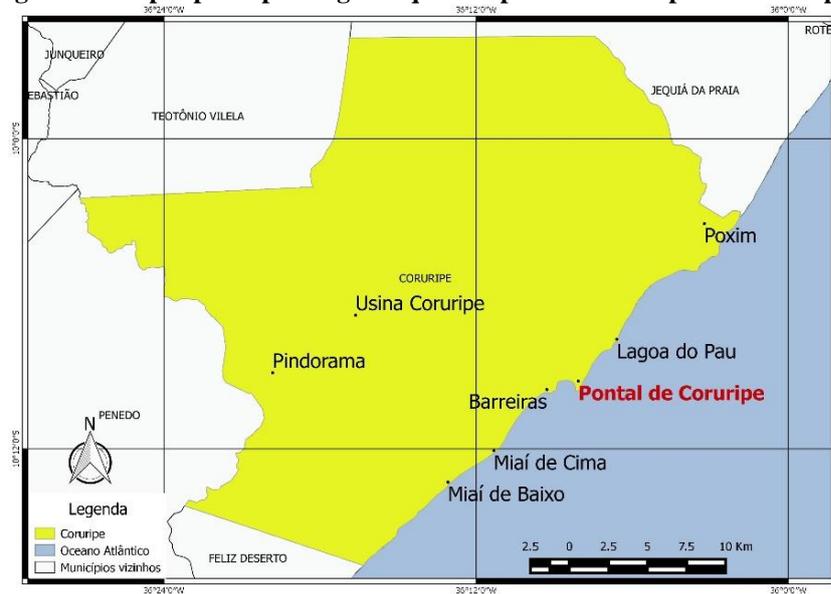
Porém, com o passar do tempo, Poxim se estagnou e paralelamente Coruripe foi se desenvolvendo, dotando-se de estrutura, comércio e serviços, superando o que se tinha em Poxim. Assim, “em 1866 o Poxim deixa de ser cidade e paróquia e fica dependendo de Coruripe que cresceu mais que o Poxim” (LEMOS, 1999b, p. 79).

Por conseguinte, Poxim desmembrou-se do território de Coruripe e foi reanexo posteriormente, consolidando-se como distrito coruripense. Atualmente, o município é composto pelos povoados Pindorama, Poxim (que são distritos), Lagoa do Pau, Pontal de

⁸ 1762 é a data que consta na pia batismal da igreja de São José do Poxim, provavelmente consequente de uma reforma, visto que Poxim foi elevado à paróquia anteriormente, e para que isso ocorresse certamente o lugar já possuía tal igreja.

Coruripe, Barreiras, Miaí de Cima, Miaí de Baixo (Figura 6), além de outros menores, que junto à sede, somam uma população estimada de 56.631 habitantes (IBGE, 2015).

Figura 6 - Mapa: principais lugares que compõem o município de Coruripe-AL



Fonte: LTTD/Ufal, 2016.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,626 coloca o município em uma posição de desenvolvimento médio (IDHM entre 0,600 e 0,699), de acordo com a classificação utilizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) (ATLAS..., 2010).

Ao contrário do que ocorreu em outros núcleos iniciais de povoamento alagoano, como Porto Calvo (litoral Norte) e Penedo, a atividade canavieira perdurou em Coruripe ao longo dos séculos, e hoje sua economia é baseada principalmente nesse setor.

“Os engenhos vieram a criar-se nas vizinhanças do rio Coruripe e do Poxim; esta área tornou-se açucareira, servida por excelente e rico vale: o do Coruripe” (DIÉGUES, 2006, p. 84). A edição do ano de 2012 da Enciclopédia dos Municípios Alagoanos (2012, p. 302), o menciona como o município que possui a maior área agrícola e o maior canavial do Estado.

Com a crise do setor sucroalcooleiro no Estado de Alagoas, ocorreu a desativação de uma das três usinas do município de Coruripe, no ano de 2013 (usina Guaxuma – grupo João Lyra), fato que indubitavelmente altera o quadro da economia local. No entanto, resta-lhe a usina Pindorama (implantada no ano de 2003) e a tradicional Usina Coruripe.

Nesse contexto, a Usina Coruripe é destaque nacional no setor sucroalcooleiro e energético, com a matriz em Coruripe e quatro filiais no Estado de Minas Gerais, conseqüentes da expansão iniciada na década de 1990. É “uma empresa de capital fechado,

cujo desenvolvimento transformou um pequeno engenho de açúcar em uma das mais importantes corporações empresariais do Brasil” (USINA CORURIFE, 2015).

Em sua obra *O banguê nas Alagoas*, Manuel Diégues Júnior (2006), ao comentar sobre a pouca densidade de engenhos na região de influência do rio São Francisco⁹, salienta:

Entregues à cultura do arroz no vale do Marituba e do Boassica, à pesca no rio de São Francisco e seus afluentes, à pecuária nas fazendas de gado, seus habitantes não se prenderam à monocultura do açúcar. Esta, na região de influência penedense ou do rio de São Francisco, se concentrou mais no vale do rio Coruripe, onde encontrou crescimento, multiplicando-se os engenhos e erigindo-se, mais tarde, uma usina (DIÉGUES, 2006, p. 85).

A mencionada usina, gerida tradicionalmente pela família Wanderley, atualmente é a matriz de um grupo empresarial que atua tanto na produção de açúcar e álcool como na de energia elétrica, gerando cerca de 7.000 empregos diretos e 35.000 indiretos (USINA CORURIFE, 2015), sendo 1.100 empregos na unidade Coruripe no período de entressafra e mais de 3.000 no período de moagem¹⁰.

[...] a matriz da Usina Coruripe destaca-se por ser a maior produtora de açúcar e álcool de todo o Norte/Nordeste brasileiro. A empresa é privilegiada por possuir 36 mil hectares de terras planas, ser bem abastecida de recursos hídricos e contar com mais de 80% de cana própria. Para melhor aproveitar os recursos hídricos, a Coruripe construiu represas que armazenam mais de 82 milhões de m³ de água, usada na irrigação dos canaviais; também construiu 190 km de canais irrigatórios [...] (USINA CORURIFE, 2015).

Suas terras abrigam duas Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), a Lula Lobo e a Pereira, com áreas de 68,6 e 219,9 hectares, respectivamente. As reservas estão geomorfologicamente situadas na Unidade dos Tabuleiros Costeiros, apresentam remanescente vegetal de Mata Atlântica e representam trechos de florestas Ombrófilas (IMA-AL¹¹, 2014). Ambas foram criadas no ano de 2001 e destinam-se:

[...] à coleta de sementes para a recuperação das áreas degradadas da Usina, para programas de educação ambiental e para pesquisa científica, entretanto, por ser integrante do Sítio do Pau-Brasil, um Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, poderá ser visitada como forma de Educação Ambiental, com visitas programadas (MENEZES; CAVALCANTE; AUTO, 2004, p. 51).

O Sítio do Pau-Brasil, como o próprio nome sugere, destaca-se pela concentração de Pau-Brasil e em 2001 teve seu reconhecimento enquanto posto avançado da Reserva da

⁹ Região que abrangia o sul do Rio São Miguel até o Rio São Francisco, da qual faziam parte os rios Poxim e Coruripe.

¹⁰ Os dados referentes à unidade Coruripe foram disponibilizados por e-mail pelo setor de comunicação da empresa.

¹¹ Instituto Do Meio Ambiente Do Estado De Alagoas (IMA-AL).

Biosfera da Mata Atlântica (RBMA). De acordo com Menezes; Cavalcante; Auto (2004, p. 18-9):

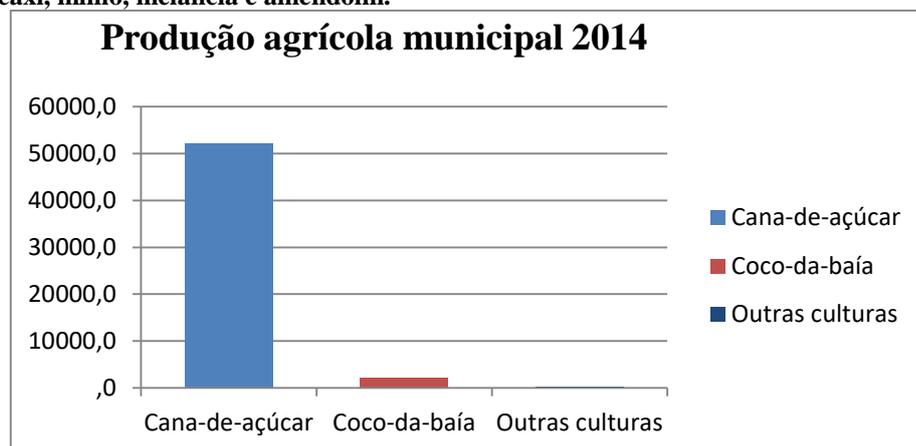
Para que uma instituição seja reconhecida como Posto Avançado da RBMA, é necessário que seus responsáveis desenvolvam regularmente pelo menos duas das três funções básicas da Reserva que são: a proteção da biodiversidade, desenvolvimento sustentável e o conhecimento científico.

Dentre atividades como a pesquisa científica e outras, nas terras da Usina também se cultiva o ouricuri, que em parceria com a Prefeitura Municipal de Coruripe disponibiliza a matéria-prima – a palha dessa palmeira – para a Associação das Artesãs de Pontal de Coruripe. O mesmo tipo de parceria ocorre com o município de Feliz Deserto, onde se tem a produção artesanal com palha de taboa.

Tamanha generosidade da natureza para com a usina matriz foi retribuída com a implantação de várias ações de educação e preservação ambiental. Reconhecimento alcançado por meio da conquista da ISO 14001 e do selo de Posto Avançado da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, título pioneiro no país, concedido pela Unesco (USINA CORURIFE, 2015).

Além da histórica e predominante cultura da cana-de-açúcar, no município de Coruripe encontra-se relativa diversidade agrícola, com produção de coco-da-baía, feijão, maracujá e outros (Gráfico 1).

Gráfico1 - Culturas agrícolas presentes no município de Coruripe e respectivas áreas de plantio. Outras culturas, com áreas inferiores a 100 hectares são: feijão, maracujá, mandioca, mamão, abacaxi, milho, melancia e amendoim.



Fonte: elaborado com base em dados do IBGE, 2015.

Parte significativa da produção de frutas concentra-se no povoado Pindorama e em suas colônias que abrigam uma cooperativa agrícola instalada em 1956, por influência do suíço René Bertholet.

A Pindorama é uma cooperativa comandada por pequenos produtores, onde todos os cooperados, além de fornecedores de matéria-prima são donos do negócio e participam dos lucros. Considerada o melhor exemplo de reforma agrária do país, a Pindorama destaca-se pelo sistema de cooperativismo que dá certo (COOPERATIVA PINDORAMA, 2015).

A cooperativa é composta por uma fábrica que produz suco de frutas, uma unidade de beneficiamento de coco que produz leite de coco e coco ralado. Além de uma usina destinada à produção de açúcar e álcool.

Além da cana-de-açúcar, que abastece a usina, frutas como maracujá, abacaxi e outras são cultivadas pelos próprios cooperados para o abastecimento da fábrica.

A cooperativa gera, hoje, cerca de 1800 empregos no campo e 300 na indústria – destes, 100 na usina. Localizada na região sul do Estado, a Pindorama que possui uma área de 32 mil hectares entre os municípios de Feliz Deserto, Penedo e Coruripe é um projeto iniciado a partir de um assentamento de agricultores e que vem dando êxito desde a sua fundação (COOPERATIVA PINDORAMA, 2015).

Na pecuária, tem-se o predomínio de bovinos e galináceos; e equinos, suínos, ovinos e caprinos de forma menos expressiva. No município, também se produz mel de abelha, ovos de galinha e leite de vaca. O setor de aquicultura destaca-se pela produção de tilápia e alevinos (IBGE, 2014).

Outra contribuição significativa para a economia local são os *royalties* petrolíferos, que são valores repassados pela empresa Petrobrás como forma de compensação pela exploração de petróleo e/ou gás em território coruripense. Dos 102 municípios que compõem o Estado de Alagoas, 52 são beneficiados pelo repasse desse tipo de *royalties* (ANP¹², 2015). A Tabela 1 demonstra os valores repassados ao município de Coruripe nos últimos cinco anos.

Tabela 1- Valores em R\$ dos royalties petrolíferos - Coruripe-AL

Mês/ano de competência	Valor mensal (R\$)	Valor acumulado de jan.-jul. (R\$)
Julho de 2010	1.462.076,36	12.239.275,00
Julho de 2011	1.743.341,89	14.626.017,83
Julho de 2012	1.692.198,64	12.234.096,76
Julho de 2013	2.052.518,16	15.251.329,15
Julho de 2014	2.451.033,46	20.126.418,55
Julho de 2015	1.387.924,68	12.038.280,40

Fonte: elaborado com base em dados da ANP, 2015.

¹²Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A oscilação dos valores repassados deve-se ao fato de que os *royalties* dependem de resultados comerciais, nos quais o preço do barril do petróleo e outros fatores influenciam o cálculo do repasse. Contudo, o município de Coruripe faz parte de um grupo seletivo, assim como São Miguel dos Campos, Roteiro e outros, destacando-se positivamente em termos de valores recebidos, tendo um dos mais altos repasses, comparando-se à maioria dos municípios alagoanos.

Em síntese, como pode ser observado na Tabela 2, a indústria e o setor de serviços ultrapassam os valores produzidos pelo setor primário. A indústria, conforme exposto, marcada pelo setor sucroalcooleiro, e os serviços, expressos em uma gama de ofertas, dentre elas o turismo.

Tabela 2- Composição do PIB de Coruripe-AL, divisão por setores

Produto Interno Bruto dos Municípios (BIP) – 2012	
Valor adicionado bruto da agropecuária	133.122 mil reais
Valor adicionado bruto da indústria	269.242 mil reais
Valor adicionado bruto dos serviços	263.099 mil reais

Fonte: IBGE, 2015.

O turismo é a novidade na economia de Coruripe, beneficiado pela presença de belas praias e lagoas, como Pontal de Coruripe, Pituba, Gameleira, Miaí de Baixo, Miaí de Cima, Baixios de Dom Rodrigo e a Praia de Barreiras, onde o rio Coruripe se encontra com o mar [...] (ENCICLOPÉDIA..., 2012, p. 302).

Com 56 km de litoral, Coruripe é cenário de praias diversas, onde cada parte de seu território se evidencia pelas singularidades de seus traços culturais e de suas características físicas naturais. Os coqueirais estão presentes em praticamente todo o trecho litorâneo do município, como nos povoados Miaí de Baixo e Miaí de Cima, distantes do centro de Coruripe 15 e 11 km respectivamente, área em que se tem a proposta de construção de um estaleiro de grande porte.

Inicialmente proposto para o povoado Pontal de Coruripe, o projeto para implantação do empreendimento Eisa Alagoas S.A. teve licença ambiental negada no ano de 2013. Desde então, uma nova proposta nomeada de Enor (Estaleiro do Nordeste), sugeriu o povoado Miaí de Cima como alternativa. Ainda em projeto, se instalado, indubitavelmente, o estaleiro trará consequências negativas ao desenvolvimento do turismo na região, considerando, por

exemplo, o impacto visual e a alteração da dinâmica natural do ambiente que um empreendimento desse porte pode causar.

Miaí de Cima é marcado pela presença de segundas residências e o agito consequente do aumento da população em períodos tradicionais de tempo livre. Miaí de Baixo tem como foco em uma de suas praias, o naufrágio de uma embarcação de metal: comentários locais indicam que se trata de um navio estrangeiro que naufragou no período da Segunda Guerra Mundial.

Já no povoado Barreiras, o rio Coruripe deságua no Atlântico, além de banhar um trecho da área habitada. Distante apenas 03 km da cidade, das margens do rio Coruripe avista-se a orla de Pontal de Coruripe.

Em Poxim, a região que abrange a foz do rio homônimo é uma Área de Proteção Ambiental (APA) municipal, o que garante praias paradisíacas que não possuem infraestrutura receptiva fixa. Distante 25 km do centro de Coruripe, Poxim tem a festa de São José com um elemento cultural, que se traduz em evento anual de abrangência regional. Tal festa é celebrada em torno do dia 19 de março, período no qual tradicionalmente ocorrem as apresentações do folguedo Mané do Rosário, autêntico deste lugar.¹³

Diferentemente das praias de Poxim, em Lagoa do Pau tem-se a oferta de variadas opções de restauração¹⁴ à beira-mar. A 09 km da sede municipal, suas praias são apropriadas para o *surf*. O rio do Pau deságua no Atlântico, compondo o ambiente da praia da Gameleira, região marcada por condomínios de segunda residência.

Coruripe dispõe de meios de hospedagem em praticamente todo seu território, com uma concentração maior destes nos povoados Lagoa do Pau e Pontal de Coruripe.

3.2 Pontal de Coruripe

O povoado Pontal de Coruripe, conhecido pelo artesanato em palha de Ouricuri (*Syagrus coronata* (Mart.) Becc.), tem sua paisagem praiana marcada pela presença de um farol, construído em 1948, com o objetivo de orientar embarcações (Figura 7).

Pontal possui serviços e equipamentos voltados ao atendimento de uma demanda turística, sendo, portanto, um espaço receptivo e, como tal, sofre as influências decorrentes do processo de turistificação local.

¹³Sobre o folguedo o Mané do Rosário, consultar Silva (2013).

¹⁴ Equipamentos de restauração são empreendimentos que ofertam serviços de alimentos e bebidas, como bares, restaurantes, lanchonetes e afins.

Atualmente, o povoado Pontal de Coruripe dispõe de nove meios de hospedagem, do tipo pousadas, que somam 102 unidades habitacionais, ofertando 335 leitos¹⁵. Os empreendimentos são caracterizados por estilos diversos, sendo todos de pequeno porte, possuindo de 5 a 20 unidades habitacionais cada um. A localização próxima ao mar é outra característica em comum desses empreendimentos, o que trouxe implicações diretas para a reorganização do território nessa parte do povoado, interferindo, inclusive nas dinâmicas de circulação da população local nas proximidades das praias.

Figura 7 - Farol de Pontal, [20- -]



Fonte: www.pousadacoruripe.com.br, acesso em 2016.

A imagem de Pontal de Coruripe é frequentemente utilizada nos meios de divulgação e promoção turística, como sendo um ícone municipal (Figura 8). O povoado possui um posto de informações turísticas e infraestrutura de orla, únicos no município de Coruripe.

Figura 8 - Portal do município de Coruripe, AL 101 Sul



Fonte: acervo pessoal, 2016.

¹⁵Dados obtidos em abril de 2016, através da pesquisa de campo realizada com os empreendimentos de hospedagens de Pontal de Coruripe.

Parte significativa dos equipamentos de restauração está concentrada à beira-mar. Aliás, o mar historicamente exerce um papel de influência no cotidiano local, marcado pela tradicional atividade pesqueira que se faz presente até hoje, barcos atracados são parte constituinte da paisagem do lugar.

Além da pesca, outra característica marcante relacionada a esse lugar é a presença de casas de segunda residência nas ruas próximas ao mar, um reflexo do interesse de olhares externos, que marca não somente a paisagem, mas que também contribui para a formação do território de Pontal de Coruripe.

Nesse contexto, o turismo, como reflexo desse interesse de olhares externos, ao longo do tempo foi imprimindo suas marcas no território pontalense. O estudo do *TALC* envolve a evolução temporal, desse modo, para cumprir os objetivos desse estudo, características do período anterior à chegada do turismo em Pontal de Coruripe serão descritas. Considerando que “o turismo concorre, no processo de transformação dos territórios para seu uso, com outros usos do território, bem como com formações sócio espaciais precedentes ao seu aparecimento” (CRUZ, 2002, p. 17).

Antes de se ter a presença do turismo, o povoado de pescadores foi relatado no final da década de 1960, quando o pesquisador americano Shepard Forman, sobrevoando o litoral nordestino, escolheu o Pontal como objeto de investigação de sua pesquisa de doutoramento, a qual envolvia a temática da pesca artesanal¹⁶ (Figura 9).

Figura 9 - Chegada de Forman ao Pontal na década de 1960



Fonte: Forman, 1969.

Como resultado da convivência do pesquisador com o lugar, anos após o término da pesquisa, Forman retornou ao Pontal acompanhado de sua esposa Leona; juntos, em 1969, publicaram o Livro *Bico: a Brazilian Ralf fisherman's son*, obra narrada em primeira pessoa

¹⁶Forman, Shepard. *The raft fishermen: tradition and change in the Brazilian peasant economy*. Bloomington: Indiana University Press, 1970.

que retrata cenas da vida do garoto Bico (10 anos de idade) e as características do cotidiano local na época. Por exemplo:

“Pontal is so small you can find it only on very detailed maps of Brazil. There are just 200 houses and 852 people in Pontal – and most of those people are children [...]” (FORMAN, 1969, p. 17)¹⁷. Nesse período, Pontal de Coruripe não possuía água encanada, sua população utilizava um poço comunitário e a iluminação era gerada através de um motor. “We do not have lights all the time now because sometimes the motor breaks down. It is a funny old motor that makes a lot of noise [...]” (FORMAN, 1969, p. 28)¹⁸

Atualmente, Pontal possui aproximadamente 3.263 habitantes¹⁹; o abastecimento e manutenção de água encanada são realizados pelo Departamento de Água e Esgoto Sanitário de Coruripe (DAESC). Porém, o povoado não possui sistema de esgotamento sanitário, em praticamente todas as ruas percebe-se o esgoto escorrendo a céu aberto.

Such a truck will take us back to school in Penedo when the summer is over and classes start again. There is a little county schoolhouse in Pontal, but not enough teachers for all kids, and it is hard to learn. So the priest took me and Cicero to the Catholic school in the city [...]” (FORMAN, 1969, p.81).²⁰

Atualmente, a escola pública municipal de Pontal oferece serviços de creche e ensino fundamental para 784 alunos (matriculados no ano de 2015). O povoado possui um posto de saúde que funciona em horário comercial durante a semana. O comércio é caracterizado por lojas de pequeno porte, de setores como: construção, confecção, alimentação, medicamentos etc., além dos serviços das pousadas, lanchonetes, bares, restaurantes e a venda de artesanato. Em Pontal, tem-se também uma fábrica de gelo.

Em termos de comércio, Pontal possui uma pequena feira livre, que ocorre semanalmente às sextas-feiras pela manhã, com ofertas de produtos básicos de alimentação e confecção. Em 1969, Forman relata a ida dos pontalenses para a feira de Coruripe, com o intuito de comercializar as peças artesanais de palha de ouricuri produzido pelas mulheres. Este, conforme veremos nas páginas a seguir, atualmente é comercializado em feiras especializadas e em centros receptivos de turistas da região, o que representa mudanças territoriais, partes das quais relacionadas ao turismo, e com impactos na economia das artesãs.

¹⁷ Pontal é muito pequeno, só pode ser localizado em mapas do Brasil muito detalhados. Há apenas 200 casas e 852 pessoas em Pontal – dessas, a maioria são crianças (tradução nossa).

¹⁸ Nós não temos eletricidade o tempo todo porque às vezes o motor quebra. É um velho e divertido motor que faz muito barulho (tradução nossa).

¹⁹ Dado obtido em set. 2016 na Secretaria Municipal de Saúde de Coruripe-AL.

²⁰ Tal caminhão vai nos levar de volta para a escola em Penedo quando o verão acabar e as aulas começarem novamente. Há uma pequena escola municipal em Pontal, mas não há professores suficientes para todas as crianças e isso dificulta o aprendizado. Então o padre levou Cícero e eu para a escola Católica na cidade (tradução nossa).

Algo que não mudou desde o relato do fim da década de 1960 até os dias atuais é a forma de apropriação do mar para fins de lazer. Apesar das alterações que essa paisagem sofreu, provocada principalmente pelo avanço do mar que ocasionou a diminuição drástica dos coqueiros e uma considerável redução da faixa de praia, esta, continua tendo um uso recreativo bastante semelhante ao que é relatado por Forman em 1969 (Figura 10):

Then there is the big beach on the ocean side where the surf is rough. Many coconut trees grow on that beach, and it has black reefs just offshore. We play soccer on the big beach, race in the sand, or swim in the calm pools of water behind the reefs (FORMAN, 1969, p. 21-2).²¹

Figura 10 - Pontal, uso recreativo da praia ao fim de tarde em 7 Set. 2015



Fonte: acervo pessoal, 2015.

Obviamente, tais práticas de lazer atualmente só podem ocorrer nas marés baixas, pois as marés cheias encobrem totalmente a praia, com o mar atingindo diretamente o cais da orla e os muros dos casarões presentes ali.

Outro aspecto de Pontal de Coruripe que resiste ao passar do tempo é o artesanato em palha de ouricuri, um traço da cultura popular pontalense que reflete o modo de vida local e a participação feminina na geração de renda e na forma de organização da comunidade.

²¹E há a grande praia no lado voltado para o mar, onde a rebentação é forte. Muitos coqueiros crescem naquela parte, e tem uns recifes escuros próximos à praia. Nós jogamos futebol na praia grande, corremos na areia ou nadamos nas piscinas calmas que se formam na área protegida pelos recifes (tradução nossa).

3.2.1 Artesanato em palha de Ouricuri

A tradição de se trabalhar com a palha de ouricuri para a produção de artesanato utilitário é uma característica da região que tinha em suas matas abundância desse tipo de palmeira. A produção de chapéus, bolsas, abanos e vassouras constituía-se em uma alternativa de renda para os coruripenses até a década de 1960, além de utilizar, comercializavam as peças para outras regiões do Estado. Os objetos produzidos refletiam o cotidiano local; os cestos serviam na cozinha, os abanos ajudavam a manter acesos os fogos de lenha. Os chapéus de grandes abas colaboravam com os trabalhadores do campo e as bolsas eram úteis para os momentos de deslocamento.

Mais comumente executada por mulheres, com o passar dos anos, esse tipo de arte foi perdendo espaço, à medida que os produtos utilitários feitos em ouricuri foram sendo substituídos por outros tipos de materiais e peças industrializadas. O que foi possível e crescente à medida que as estradas e as condições de acesso na região foram sendo construídas e/ou melhoradas, favorecendo a circulação de pessoas e mercadorias.

Em Pontal de Coruripe, tal prática artesanal tornou-se um traço marcante dessa comunidade. A disponibilidade da palmeira do ouricuri, as poucas opções de comércio e a demanda por esse tipo de produção utilitária, fez com que a arte fosse inserida no cotidiano local de tal modo que até as crianças dominavam a técnica e participavam do processo de elaboração (Figura 11).

Figura 11-Participação de crianças na confecção de artesanato em palha de ouricuri



Fonte: Forman, 1969.

Women in Pontal have their own special work. Have you ever seen the baskets they made? [...] Some are decorated with bright and colourful designs. The baskets are made out of the straw that grows on the palm trees around the village. I always help my mother to pick the straw and spread it in the sun to dry. Then she and my sisters and my grand-mother weave it into mats, hats, baskets, and bags. Every girl in the village knows to work the straw²² (FORMAN, 1969, p. 55-58)²³.

Desse modo, o artesanato em palha de ouricuri constituía-se em um aliado financeiro, considerando a realidade local, das poucas atividades geradoras de renda e dependência da pesca. Enquanto as meninas atuavam diretamente na produção, os garotos colaboravam durante a colheita da palha e no processo de secagem, expondo a matéria-prima ao sol.

On Saturdays we all go to the market in Coruripe, five miles away, to sell the straw bags and hats. [...] On the road we pass all the other people going to market to buy and sell. The women from Pontal carry their straw baskets and also some eggs and some fruit and vegetables to sell. **The quantities are small because there isn't much land in Pontal for planting, it is so sandy, and only a few people have gardens** (FORMAN, 1969, p. 59, grifo nosso).²⁴

Nos dias atuais, artesãs pontalenses ainda se deslocam com o objetivo de vender suas produções, porém, não mais para a feira de Coruripe, e sim para centros receptivos de turistas próximos ao Pontal, como a praia do Gunga (Roteiro-AL) e o complexo de lazer Dunas de Marapé (Jequiá da Praia-AL). Desse modo, o tipo de peça que se produz segue o padrão da atual demanda com a inclusão da elaboração de peças decorativas além das tradicionais utilitárias.

Desde o ano 2000²⁵, algumas artesãs de Pontal de Coruripe participam da Associação das Artesãs do Pontal de Coruripe, com sede à beira-mar, onde se produz e se comercializam as peças; atualmente é composta por aproximadamente 25 associadas (dado colhido junto à Associação).

A entidade conta com o apoio da Usina Coruripe que, como mencionado anteriormente, disponibiliza em suas terras uma área para o (re)plantio de ouricurizeiros, disponibilizando a produção das palmeiras à associação local de artesãs. Além do benefício da

²²As mulheres em Pontal têm um trabalho especial próprio. Você já viu as cestas que elas fazem? [...] Algumas são decoradas com brilhantes e coloridos designs. As cestas são feitas de palha de uma palmeira que cresce nos arredores da vila. Eu sempre ajudo a minha a cortar e colocar as palhas ao sol para secar. Então, ela, minhas irmãs e minha avó transformam em esteiras, chapéus, cestas e bolsas. Toda garota na vila sabe trabalhar com a palha (tradução nossa).

²³No texto, é como se Bico, o então menino a quem Forman dedicou o livro, descrevesse o cotidiano do seu lugar.

²⁴Aos sábados nós todos vamos para a feira em Coruripe, a 5 km de distância, para vender as bolsas e chapéus de palha. [...] na estrada nós passamos por outras pessoas que também vão a feira para vender e comprar. As mulheres de Pontal carregam suas cestas de palhas e também, ovos, frutas e alguns vegetais para vender. A quantidade é pouca porque não há muita terra para plantar em Pontal, o solo é muito arenoso e poucas pessoas têm quintal (tradução nossa).

²⁵Dado disponível em Paiva (2010).

disponibilização da matéria-prima, as associadas buscam parcerias com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) visando orientação em termos de preço do produto final e *design* e acabamento das peças, o que resulta na conquista de selos de garantia de qualidade.

Além de receber encomendas a associação comercializa a produção em sua própria sede (Figura 12), com peças variadas que podem custar de R\$3,50 (suporte para panela) a R\$ 200,00 (uma mandala, por exemplo), e são comercializadas nos mercados nacional e internacional.

Figura 12 - Peças confeccionadas pelas artesãs da Associação em nov. 2015



Fonte: acervo pessoal, 2015.

A tradição de se trabalhar com a palha de ouricuri aliada à participação da Associação em eventos culturais, como exposições e feiras e mesmo as encomendas realizadas para o exterior, são fatores que evidenciam o artesanato como uma marca desse lugar. “Nesse contexto, Coruripe destaca-se como maior centro de Alagoas explorando turisticamente a atividade e exportando para outros estados” (ENCICLOPÉDIA..., 2012, p. 281).

Outra Associação de artesãs é a Pontal Arte, formada por 18 associadas que se reúnem em uma sede alugada onde produzem e comercializam suas peças, localizada em uma área central, nos fundos de um prédio que também abriga a Pousada Casarão, da qual tratamos adiante.

De acordo com informações obtidas com as próprias artesãs, a entidade não é beneficiada com a disponibilização de matéria prima ou sede, desse modo, o aluguel do espaço físico e a aquisição da matéria prima, é responsabilidade das próprias associadas que reclamam da falta de apoio logístico nos últimos dois anos para a participação em feiras nacionais do setor, embora uma das ações do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) seja exatamente o “apoio a feiras e eventos para comercialização da produção artesanal.”

Nos termos do Decreto nº 8.001, de 10 de maio de 2013, o desenvolvimento de políticas públicas de apoio ao artesanato passou a ser competência da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República, criada pela Lei 12.792, de 28 de março de 2013.[...] O programa é representado em cada uma das 27 unidades da federação por meio das Coordenações Estaduais do Artesanato, unidades que executam diretamente as atividades de desenvolvimento do segmento artesanal e que integram a estrutura de órgãos de Governo dos Estados (SMPE/PR²⁶, 2016).

Em Alagoas, a Coordenação Estadual do Artesanato é responsabilidade da SEDETUR, por meio do Setor de Artesanato.

Nas feiras nacionais o propósito do programa é destacar o artesanato brasileiro de todas as regiões do país, sendo o espaço disponibilizado às Coordenações Estaduais do Artesanato que são responsáveis pela curadoria das peças que serão comercializadas. Já nas feiras regionais ou municipais, o programa visa amparar os artesãos locais, geralmente organizados em entidades representativas (SMPE/PR, 2016).

Nem todas as artesãs pontalenses estão vinculadas a associações. Ao caminhar pelas ruas de Pontal, percebem-se artesãs que trabalham em suas casas, produzindo e comercializando suas peças de modo individual. O que já não é visível é a participação dos mais jovens ou crianças envolvidos com essa atividade.

Nas imediações de Pontal, a palha de ouricuri já não é disponível como na época do relato de Forman (1969), quando bastava se dirigir às matas próximas à área habitada, que se encontravam as palmeiras em abundância. Agora, as artesãs independentes precisam comprar a matéria prima, que é comercializada por terceiros, provavelmente retiradas de propriedades particulares ou de matas encontradas na região (Sul do Estado).

3.2.2 A pesca em Pontal e os reflexos da relação com o mar

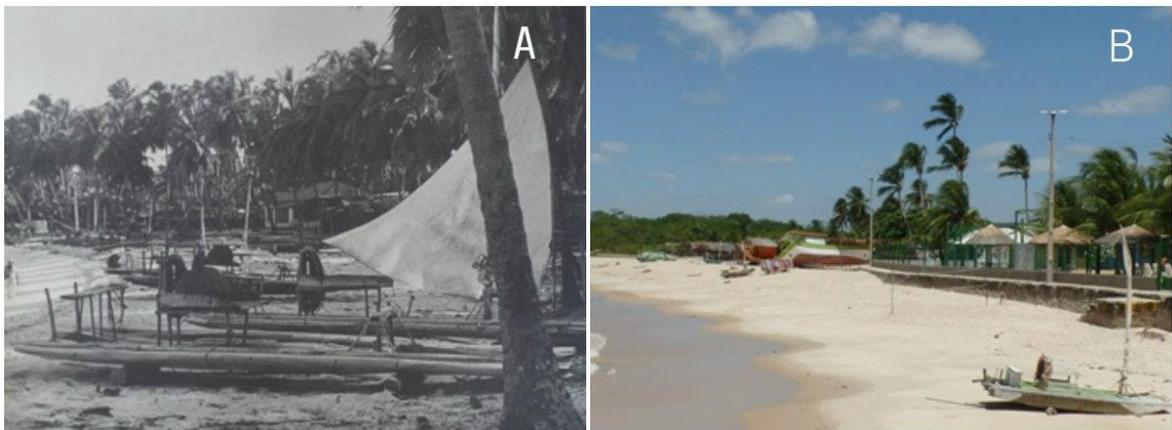
Assim como o artesanato em palha de ouricuri, a pesca também é um ícone que representa Pontal. Os barcos atracados são uma das marcas de suas praias, contribuindo de forma direta para a composição da paisagem litorânea, fazendo parte dos atrativos turísticos do lugar. Algumas embarcações ficam guardadas no estaleiro, que é o nome que se dá localmente a uma área de praia localizada entre o povoado e a foz do rio Coruripe, área que por não possuir casarões ainda conserva relativa faixa de areia e vegetação de restinga.

Nota-se que a forma de guardar as jangadas em Pontal é praticamente a mesma da época em que Forman visitou o povoado em 1969 (Figura 13 A), como se pode ver no seguinte trecho do seu livro: “There are many beaches in Pontal. One of them is the calm

²⁶Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República (SMPE/PR).

beach on the bay where all the fishing rafts are kept – *more than a hundred of them*” (FORMAN, 1969, p. 20-21, grifo nosso)²⁷. Mais de 100 jangadas no mesmo período em que Forman menciona a existência de 200 casas em Pontal. Dados que nos dão ideia da intensidade dessa atividade no contexto local, e como a organização do território do povoado foi radicalmente alterada nas décadas posteriores. Como se pode ver na Figura 13 B, atualmente não há mais jangadas feitas com toras de madeira, mas jangas, que são fabricadas com compensado naval e preenchidas com isopor.

Figura 13-Praia do estaleiro: década de 1960 (A) / Novembro de 2015 (B)



Fonte: Forman, 1969.

Fonte: acervo pessoal, 2015.

“My father is a fisherman. Like the other men, he owns a log raft, which is called a *jangada*. Nobody fishes from big boats in Pontal”²⁸(FORMAN, 1969, p. 30). Nesse cenário, Forman relata as dificuldades que o pescador enfrentava:

He leaves at four o'clock in the morning, and after a whole day of fishing at sea with just one hook and line, he brings back very few fish. We keep some for ourselves to eat, and my father takes the rest to market. That way he makes about fifteen dollars a month in the summertime when the weather is good and the rafts can stay out longer. During the winter, which lasts from May through September, it is cold and rainy. The wind and waves are too rough for the men to go out in the open sea. That's when they stay on shore and repair the rafts and make new nets. My father makes hardly any money in the wintertime (FORMAN, 1969, p. 40-1).²⁹

²⁷ Há muitas praias em Pontal. Uma delas é a calma na baía onde todas as jangadas são mantidas – mais de cem jangadas (tradução nossa).

²⁸ Meu pai é um pescador. Como outros homens, ele é dono de uma embarcação que é chamada de jangada. Ninguém em Pontal pesca com grandes barcos (tradução nossa).

²⁹ Ele acorda às 4 da manhã e após um dia inteiro de trabalho com apenas um anzol e uma linha, retorna com poucos peixes. Nós separamos alguns para comer e meu pai leva o resto para vender. Com isso ele apura cerca de dezesseis dólares por mês no período do verão quando o clima é favorável e permite que as jangadas podem ir para longe. Durante o inverno, que vai de maio até setembro, é frio e chuvoso. O vento e as ondas são muito intensos e dificulta que os homens saiam em mar aberto. Então eles permanecem em terra e reparam as jangadas e fazem novas redes. É muito difícil para meu pai ganhar dinheiro durante o inverno (tradução nossa).

Outra alternativa de pesca em Pontal é a realizada com a rede de arrasto, que envolve muitas pessoas e que é também chamada localmente de “lambuda” (Figura 14). Essa prática ainda ocorre em Pontal de Coruripe nos dias atuais. Nesse contexto, o que mudou foi o porte e as características das embarcações pesqueiras.

We pull the nets and we sing a special song that my grandfather says came to Brazil with the African slaves. [...] As we sing and pull, the net comes in more easily. Lots of fish are caught in the nets, but they don't seem like so many after everyone has been given his share (FORMAN, 1969, p. 46-8).³⁰

Figura 14 - Pesca coletiva na década de 1960



Fonte: Forman, 1969.

Atualmente, além das jangas, têm-se barcos pesqueiros que permitem que uma tripulação de cinco pescadores, em média, permaneça em alto mar por mais ou menos 10 dias. Nesse cenário, muitos pescadores não são proprietários das embarcações e exercem a atividade subordinados aos proprietários que detêm as condições materiais para a realização do trabalho.

Além da pesca tradicional em alto mar, com as embarcações atuais se pratica a pesca de arrasto, que utiliza redes que abarcam praticamente todos os indivíduos de espécies marinhas encontradas dentro de um determinado percurso. Com isso, desconsideram-se aspectos básicos para o exercício legal da atividade pesqueira, como principalmente o tamanho e o período de reprodução das espécies, prática que a médio e longo prazo, possivelmente comprometerá a diversidade marinha e conseqüentemente o sustento de parte da população pontalense.

A cultura da pesca se entrelaça no cotidiano de Pontal refletindo em seu aspecto religioso. O povoado tem como padroeiro católico Bom Jesus dos Navegantes, celebrado com

30 Nós puxamos as redes e cantamos uma canção especial que meu avô diz que veio para o Brasil com os escravos africanos. [...] Quando nós cantamos e puxamos as redes vêm mais facilmente. Muitos peixes são capturados nas redes, mas nem são tantos assim depois que são divididos (tradução nossa).

a festa que tem a única procissão marítima de Alagoas, realizada no dia 06 de janeiro, quando os barcos pesqueiros são decorados para servirem de transporte aos fieis (Figura 15).

A procissão percorre um longo percurso no mar antes de se juntar às pessoas que ficam em terra. Ao se encontrarem, as festividades continuam no povoado, principalmente na orla marítima.

Figura 15 - Procissão marítima no ano de 2008



Fonte: LTTD/Ufal, 2008.

Próximo à área habitada, Pontal tem três principais pontos públicos de acesso ao mar, a saber: o acesso pela orla, utilizado por banhistas e visitantes; e os outros dois, utilizados pelos pescadores, são as áreas da balança de peixe e a que abrange o estaleiro, locais de chegada e saída das embarcações.

Assim, observa-se que se antes os pescadores tinham praticamente toda a orla do povoado livre para o acesso ao mar, com a urbanização – parte dela para atender a demanda turística – agora existem apenas pontos específicos para o acesso ao mar. Como consequência da presença dos casarões de segunda residência que dominam o cenário da orla de Pontal, há apenas outros dois acessos de uso público, que consistem de estreitas vielas situadas entre os muros dos casarões (Figura 16).

Figura 16 - Acesso ao mar por estreitas vielas

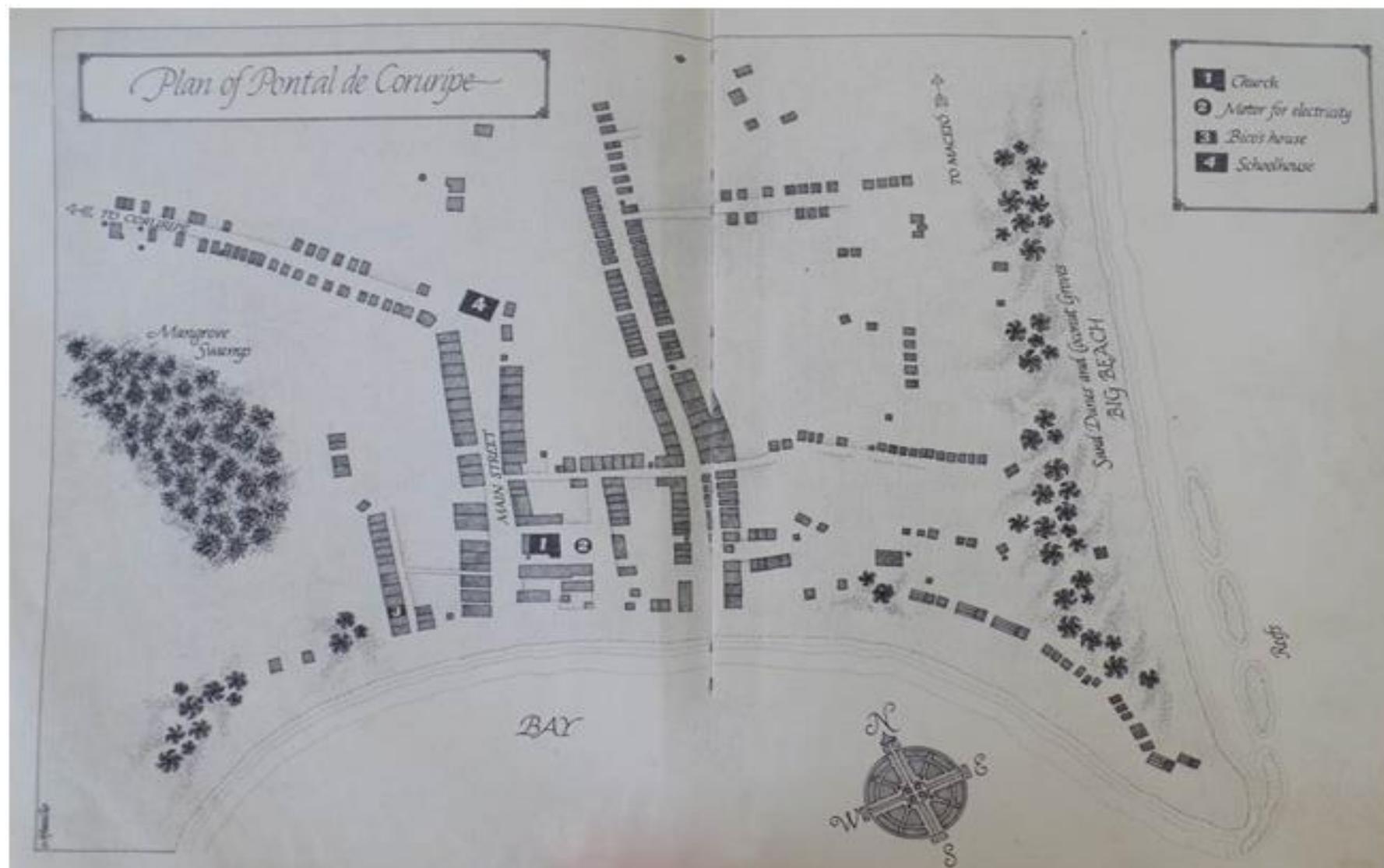


Fonte: LTTD/Ufal, 2008.

Nesse aspecto, desde o relato de Forman no final da década de 1960 aos dias atuais, o povoado de pescadores se alterou de forma significativa, o que se pode constatar ao se examinar as Figuras 17 e 18.

A ocupação desordenada do solo é um reflexo da omissão do poder público e do interesse comum de classes abastadas por espaços naturais privilegiados. Ao se caminhar pelas ruas de Pontal é clara a diferença entre as áreas que são ocupadas pela população permanente e as áreas das ruas próximas ao mar, cuja distinção não se restringe somente ao porte e estrutura física das casas, mas também à vivacidade ou não dos ambientes, demonstrando a coexistência de territorialidades.

Figura 17 - Pontal de Coruripe, década de 1960



Fonte: Forman, 1969.

Figura 18 - Imagem de satélite do povoado Pontal de Coruripe, 2014.



Fonte: Google Earth, 2014, editado

3.2.3 Turismo: experiências e atratividade

Passeio aos Baixios de Dom Rodrigo

Além das piscinas naturais³¹ que se formam nas marés baixas devido à presença das barreiras de recifes próximas à praia, Pontal possui uma formação rochosa de arenito localizada a 5 km da costa, onde se pode observar uma diversidade de espécies marinhas.

Essa área do rochedo de arenito é chamada de Baixios de Dom Rodrigo, por consequência de um naufrágio ocorrido no século XVI. “Na sua costa aconteceu a tragédia com o navegador espanhol Dom Rodrigo de Albanã, razão pela qual desde 1560 consta dos mapas da época o rochedo no mar com o seu nome” (ENCICLOPÉDIA..., 2012, p. 298).

A população e os visitantes de Pontal têm os Baixios de Dom Rodrigo como uma opção de lazer, realizando passeios em jangas ou barcos de pesca onde se desfruta a tranquilidade do ambiente durante as marés adequadas para essa prática.

O passeio não é comercializado turisticamente por meio de serviços de agenciamento, os visitantes devem programar com antecedência o agendamento com um jangadeiro local. O que há no povoado são discretas placas informando o contato de um jangadeiro que trabalha ofertando esse serviço e que por isso é conhecido por todos em Pontal. Assim, as territorialidades em Pontal de Coruripe se estendem até ambientes marinhos costeiros, não apenas mais por meio da pesca, mas também relacionadas a atividades demandadas pelos visitantes.

Desta forma, as visitas a esta área no mar fazem parte da experiência de turistas que visitam Pontal de Coruripe, que é utilizada por alguns para realização de mergulho, constituindo-se assim, em parte da oferta turística local.

Durante as marés altas, os recifes ficam totalmente encobertos, provocando os naufrágios, tanto que no ambiente, pedaços de embarcações são visíveis. Um naufrágio específico, porém, ganhou destaque na história nacional: o de Dom Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo do Brasil, enviado por Portugal.

Sardinha exerceu o episcopado desde a criação da diocese da Bahia pelo Papa Julio III, em 1551. Cinco anos mais tarde, por ordem de d. João III, Sardinha embarcou em direção a Portugal na nau Nossa Senhora da Ajuda com uma centena de pessoas [...]. O barco naufragaria próximo da foz do rio Coruripe, a cerca de seis léguas (24 quilômetros) do rio São Francisco. No entanto, a maior parte da tripulação e dos

³¹Termo popular usado no litoral alagoano para designar depressões intrarecifes onde a água fica retida durante as marés baixas, assemelhando-se a piscinas.

passageiros sobreviveu. Mas foram aprisionados mortos e devorados por índios caetés (REVISTA DE HISTÓRIA, 2007).

A principal consequência de tal episódio foi o extermínio dos caetés³², ordenado pelos portugueses que governavam o Brasil. Este é outro acontecimento que se soma aos vários aspectos, naturais e culturais, que contribuem para conferir ao Pontal atributos de atratividade turística.

Somente na segunda metade do século XVI, quando se verifica a excursão de Jeronimo de Albuquerque contra os caetés que haviam sacrificado o bispo D. Fernandes Sardinha, é que começam as explorações desta região. Até então o território das Alagoas era quase ignorado, tanto que Frei Vicente³³, ao registrar a morte do Bispo, se refere vagamente ao lugar como situado entre Baía e Pernambuco (DIEGUES, 2006, p. 49).

No dia 6 de janeiro, quando o povoado comemora a festa de Bom Jesus dos Navegantes, é uma tradição entre pontalenses e turistas visitarem os Baixios, muitos barcos passam o dia inteiro ou parte do dia lá. Pela manhã, na hora do embarque, filas de pessoas são vistas, aguardando vaga em uma das embarcações.

“Pontal do Coruripe, local do primeiro avistamento do Brasil por Cabral”

Outro episódio histórico de abrangência nacional que tem Pontal como possível palco de acontecimento é o de que este tenha sido o primeiro local que Pedro Álvares Cabral avistou no Brasil. Há controvérsias entre diversos historiadores. Os que acreditam que Cabral avistou a costa do que viria a ser o Brasil na costa de Coruripe, argumentam com base na semelhança que há nas descrições documentadas e as características fisiográficas do litoral desse município.

[...] alguns historiadores como Jaime de Altavila, amparados na informação de João de Barros e Fernandes Gama, de que o descobrimento do Brasil se fez aos 10^o de latitude sul e não aos 17^o de latitude meridional, concluem que os primeiros pontos avistados por Pedro Álvares Cabral, em 21 de abril de 1500, foram as barreiras brancas e vermelhas de Jequiá e que o ancoradouro da esquadra portuguesa foi a enseada do Rio Coruripe (ENCICLOPÉDIA..., 2012, p. 298).

Assim, baseado nas afirmações de alguns historiadores que discordam que o primeiro local a ser avistado tenha sido na Baía Cabralia, desde o ano de 2009, quando se construiu

³² A causa da morte de D. Sardinha, assim como a possibilidade de Pontal ter sido o primeiro local avistado por Cabral durante o descobrimento, são supostas versões relatadas pela história, e comumente são defendidas por alguns historiadores e negadas por outros. Nesta dissertação, essas versões são mencionadas porque se entrelaçam com o cotidiano de nosso objeto de estudo, principalmente no que se refere ao turismo. Sem qualquer tipo de pretensão de defesa de uma ou de outra corrente ou possibilidade, visto que tal temática não foi aprofundada, por não fazer parte de nosso foco.

³³ Salvador, Frei Vicente do. *História do Brasil*, 3. ed. São Paulo, s/d.

uma estrutura de orla nas intermediações do farol, que Pontal tem a “Praça do Avistamento” (Figura 19) simbolizada por uma caravela.

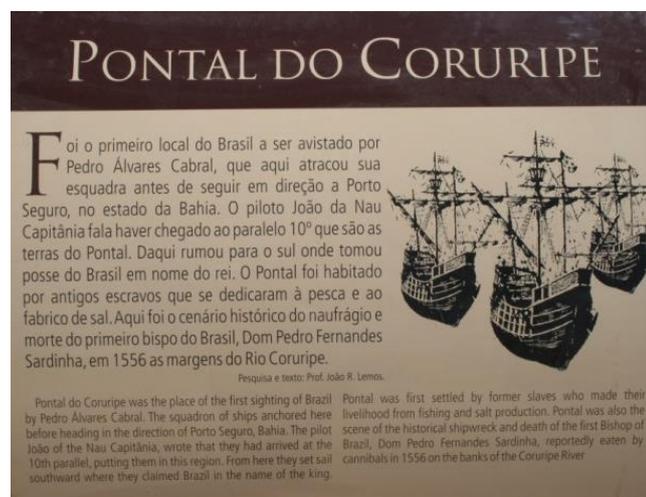
Figura 19 - Praça do avistamento em outubro de 2015



Fonte: acervo pessoal, 2015.

Desde o ano de 2008, quando foi implantada a sinalização turística no município, em Pontal se divulga essa informação nos meios de sinalização interpretativa, como pode ser observado na Figura 20. A placa representada na fotografia já não existe, nos dias atuais, no entanto, esse posicionamento pode ser visualizado em outra placa localizada na principal estrada de acesso ao povoado, onde se informa: “Pontal do Coruripe, local do primeiro avistamento do Brasil por Cabral”.

Figura 20 - Placa de sinalização da praça no ano de 2008



Fonte: LTTD/Ufal, 2008.

O turismo em Pontal de Coruripe é marcado pela presença das segundas residências, onde se percebe o aumento da circulação de fluxos em períodos tradicionais de tempo livre e a consequente alteração na dinâmica das ruas que concentram as casas de veraneio. Em tais períodos, há uma movimentação diferente daquela do cotidiano das pessoas do lugar, com a parte localizada junto à orla do povoado se tornando ambiente marcado pela circulação de veículos de outros municípios, assim como pela presença de equipamentos marítimos de lazer, como as lanchas.

O mar e suas representações simbólicas moldam diretamente a oferta turística local em Pontal, mesmo os atributos de atratividade vinculados aos aspectos históricos mencionados acima, relacionam-se com o ambiente litorâneo. Por exemplo, o pôr-do-sol é contemplado nas intermediações do farol, por muitos que visitam a localidade, representando um uso local diferente dos usos dos pontalenses.

Do ponto de vista de imagem turística, externamente o município é representado pelo farol do Pontal nos materiais de divulgação, já na imagem interna do povoado, percebe-se que o foco dado pelos promotores tem sido os acontecimentos históricos que tiveram o local como possível palco de acontecimento, não se vê, por exemplo, uma projeção de imagem voltada à questão do artesanato local ou da tradição da pesca.

Considerando a oferta atual das nove pousadas em funcionamento, que é de 335 leitos³⁴, podemos concluir, com base no índice de Defert (*apud* PEARCE, 2003), que Pontal tem uma função turística submersa em outras atividades, com o turismo sendo uma atividade importante mas não predominante.

A função turística $T_{(f)}$ de uma área é tomada por Defert como medida da “atividade ou intensidade turística” refletida na justaposição de duas populações – os visitantes e os visitados. Ela é obtida comparando-se o número de leitos (N) disponíveis para turistas naquela área com a população residente (P) de acordo com a fórmula: $T_{(f)} = N \times 100 / P$ (PEARCE, 2003, p. 185).

Considerando os dados de Pontal, temos um índice de 10,2 ($T_f = 335 \times 100 / 3263 = 10,2$). Com base no resultado deste índice, Boyer propôs uma classificação dividida em seis faixas:

- $T_f > 500$ = resorts “hiperturísticos” recentes;
- T_f 100 - 500 = grandes resorts turísticos;
- T_f 40 - 100 = comuna predominante turística;
- T_f 10 - 40 = comunas com atividade turística importantes mas não predominante;

³⁴Dados decorrentes da pesquisa de campo realizada no mês de abril de 2016, onde foram aplicados questionários juntos aos 9 empreendimentos de hospedagens ativos, disponíveis em Pontal de Coruripe.

T_f 4 - 10 = pouca atividade turística ou função turística “submersa” em outras funções urbanas;

$T_f < 4$ = praticamente nenhuma atividade turística (PEARCE, 2003; LOHMANN; NETTO, 2012).

O resultado de 10,2 indica um limite entre duas categorias na classificação de Boyer, ambos, porém, indicam que o turismo se constitui em uma das atividades da localidade.

As críticas encontradas na literatura especializada com relação à validade do uso do índice de Defert são relacionadas ao fato de que este considera apenas o número de leitos disponíveis em meios de hospedagem formais, desconsiderando dessa forma os turistas que se hospedam em casas de parentes e amigos residentes locais e mesmo nas residências secundárias. Nesse quadro, em localidades como Pontal de Coruripe, que têm a presença de segundas residências, o índice não representaria a realidade da intensidade turística no contexto local. Assim, o resultado do índice deve ser interpretado considerando essa realidade.

Entretanto, mesmo considerando apenas os leitos disponíveis nas pousadas, o índice de Defert nos indica que o turismo se faz presente em Pontal, compondo assim o seu território, o que por si só justifica o interesse pela compreensão do que esta relação do turismo com o território pontalense representa localmente.

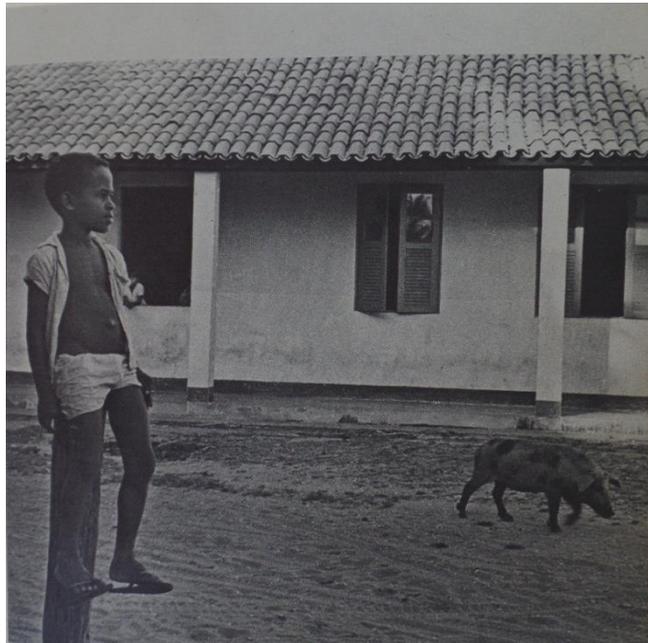
Como vimos acima, os fixos e os fluxos ligados ao turismo em Pontal de Coruripe trouxeram implicações territoriais para o povoado e para o seu povo. Nitidamente, o território do lugar já se encontra muito alterado, sobretudo em decorrência do turismo. Assim, justifica-se buscar compreender como se deu o processo de turistificação do povoado ao longo de seu ciclo de vida turístico, quais são os pontos positivos e negativos do turismo no lugar e em que contexto a atividade está inserida.

4 TALC: HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DO SETOR DE HOSPEDAGEM E SERVIÇOS

4.1 Início do processo de turistificação local

O interesse de olhares externos em Pontal de Coruripe ocorreu inicialmente por meio de casas de segundas residências, fator que contribuiu para evidenciar o povoado no cenário regional. As fotografias do casal Forman (Figura 21), aliadas aos dados obtidos por meio das entrevistas, permitem afirmarmos que ainda na década de 1960 – quando Pontal possuía apenas 200 habitações (FORMAN, 1969) – já havia no lugar casas destinadas a tal função. Os visitantes vinham de localidades próximas, como da cidade de Penedo, por exemplo, e possuíam imóvel para desfrute durante o tempo livre.

Figura 21 - Casa da D. Celina, atual pousada Casarão³⁵



Fonte: Forman, 1969.

Residências secundárias são comuns em localidades litorâneas, onde o mar exerce a função de atração consequente das diversas possibilidades que o ambiente permite, como lazer, tranquilidade, contato com diversos ecossistemas (praias, lagunas, dunas, etc.), dentre outras possibilidades de experiências para os visitantes.

³⁵“O Casarão do Pontal foi construído no início do século XX [...]. Pertencia ao comendador Manuel António Gonçalves, português natural de Fafe, ilustre morador da cidade de Penedo-AL, próspero empresário da indústria têxtil que era casado com Dona Celina de Oliveira. As férias da família eram passadas nesta casa [...]. Era uma alegria para a população do Pontal do Coruripe pois nesse período muitos trabalhavam na casa e a generosidade de Dona Celina até hoje está presente na memória dos mais antigos que insistem em chamar esta casa de Casa de Dona Celina. Está localizado junto à praia.” Texto publicado em 15 de fev. 2016 na página “Casarão do Pontal”. *Facebook*. Acesso em 17 maio 2016.

No Brasil, o banho de mar começou a ser praticado no século XX, tornando-se hábito nos principais centros urbanos litorâneos, intensificando-se a partir da década de 1950 (FONTELES, 2004, p. 37). Não diferente de muitas outras áreas litorâneas, no litoral alagoano, as residências secundárias fazem-se presentes e imbricam-se no processo de turistificação de localidades como Barra de São Miguel, Paripueira, Barra de Santo Antônio, além do próprio Pontal de Coruripe.

Em 1977, a publicação “Enciclopédia dos Municípios Alagoanos”, ao descrever o município de Coruripe, no item “Turismo e folclore”, pontua: “O município conta com inúmeros pontos turísticos de grande potencial. Citam-se a praia de Pontal do Coruripe, procurada por visitantes de toda a região [...]” (ENCICLOPÉDIA... 1977, p. 147). A Enciclopédia cita, por exemplo, o Farol de Pontal de Coruripe (Figura 22).

Figura 22 - Farol do Pontal de Coruripe, década de 1970



Foto: James Antonio Pinto Alves e Antonio dos Santos.

Fonte: ENCICLOPÉDIA..., 1977.

A cultura canavieira, como vimos, historicamente presente no município de Coruripe, exerceu significativa influência no processo inicial de uso e ocupação do solo em Pontal por agentes externos a esse povoado, efetivamente por meio de residências secundárias pertencentes a pessoas vinculadas ao setor sucroalcooleiro.

Nessa perspectiva, a ocupação inicial de espaços naturais privilegiados em Pontal ocorreu por usuários que possivelmente buscavam lazer e/ou proximidade com o local de trabalho. Esse tipo de uso estava relacionado a pessoas de classe social abastada que mantinham residência habitual em cidades que ofereciam maior oferta de serviços e, talvez, também por trabalhadores especializados que detinham altos salários.

Em concordância com o que ocorreu em Pontal, têm-se os argumentos de estudiosos da literatura especializada, que indicam que residências secundárias estão presentes em áreas diversas,

No entanto, é importante ressaltar que ocorre uma maior densidade das residências secundárias nas localidades mais prósperas, onde a população tem maior poder aquisitivo e, portanto, apresenta condições financeiras satisfatórias para arcar com os gastos de sua aquisição e manutenção, além do deslocamento exigido para seu desfrute (TULIK, 2001; Cruz, 2007 *apud* FONSECA; LIMA, 2012, p. 16).

Sob esse aspecto, um dos primeiros pousadistas de Pontal, referindo-se ao momento em que chegou à localidade, no início da década de 1980, comenta:

Tinha, tinha [...]. Todas essas casas à beira-mar que eu chamo avenida dos ricos, já com as casas dos usineiros, dos fazendeiros e assim. Mas não tinha muros, tinha aquelas grades, grades não, aquelas tábuas de fazenda e a gente passava a pé, de bicicleta [...] (informação verbal)³⁶ P4.

Obviamente, os usineiros não foram os únicos a terem Pontal como um lugar de refúgio. Houve naturalmente variação no perfil dos proprietários, no entanto, os arapiraquenses sempre se sobressaem nos discursos relacionados a esse fluxo de pessoas para o Pontal:

Era moda o pessoal de Arapiraca vir pra'qui" [sic] (informação verbal)³⁷ P4.

A literatura especializada nos indica que as funções de uma residência secundária podem ser diversas. Uma definição que segundo Fonseca e Lima (2012, p. 12) abrange a pluralidade de usos e funções, foi elaborada pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha:

Uma residência familiar é considerada secundária quando é utilizada somente parte do ano, de forma estacional, periódica ou esporádica e não constitui residência habitual de uma ou várias pessoas. Pode ser, portanto, uma casa de campo, praia ou cidade utilizada nas férias, verão, finais de semana, trabalhos temporais ou em outras ocasiões.

A discussão sobre a função e o uso de residências secundárias atreladas à atividade turística é evidente, não havendo consenso entre os pesquisadores da área, no sentido de se considerar o usuário de uma residência secundária enquanto turista ou não; e por conseguinte, de se considerar uma residência secundária enquanto alojamento turístico ou não. Segundo Fonseca e Lima (2012, p. 13), “Na literatura existente atualmente, há muitas lacunas e contradições sobre a natureza da segunda residência e de seus usuários, chegando inclusive alguns autores a definir um novo tipo de turismo: o “turismo residencial”.

³⁶Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

³⁷Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

Nesse cenário, considerando as diversas possibilidades de uso de uma residência secundária, analisando o caso de Pontal de Coruripe, podemos concluir que independente da função principal ou da motivação inicial de seus proprietários – lazer, trabalho, etc.– indubitavelmente a presença dessas casas, em dados momentos, serviram (também) como alojamento turístico, iniciando ou estimulando dessa forma, o processo de turistificação da localidade, como pode ser constatado por meio das falas dos entrevistados no Quadro 2:

Quadro 2 - Uso das residências secundárias enquanto alojamento turístico

Entrevistados			
Pousadistas	Visita Pontal desde as últimas duas décadas	Possui segunda residência há 25 anos	Possui segunda residência há 35 anos
Primeiro contato de atuais pousadistas com Pontal de Coruripe			
Influência das residências secundárias no processo de turistificação em Pontal de Coruripe:	Meu primeiro contato com o Pontal foi através de amigos que tinham casa aqui [...]. Eu conheci a pousada X, me identificava muito com ela e comecei a frequentar a pousada.	O [fulano] tinha uma casa ali na frente. [...] Ele era amigo do meu filho, trouxe a gente, pronto. O meu marido foi pescar, pegou muito peixe que adorava jogar tarrafa, essas coisas, aí apaixonou aqui, pronto. Foi ficando.	Isso aqui era uma casa, essa pousada hoje, antigamente era uma casa de um conhecido da gente, colega de trabalho[...]. Nós viemos a primeira vez, nos apaixonamos e surgiu a oportunidade desse colega do meu esposo vender essa casa. Aí nós compramos.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

A polêmica em torno da classificação de um usuário de segunda residência enquanto turista ou não dá-se basicamente pelo argumento segundo o qual frequentar um mesmo lugar por várias vezes permite a criação de vínculos, diferindo-se assim de um turista convencional que está sempre em busca de novos destinos e por isso não retorna com frequência aos mesmos lugares. Entretanto, o aprofundamento dessa discussão, não é objetivo deste trabalho.

Nesta dissertação, interessa-nos somente a compreensão de que em Pontal de Coruripe, as residências secundárias estimularam o processo de turistificação local, à medida que foram responsáveis pelo acolhimento não somente de seus proprietários, mas também, de novos usuários – o que se inclui turistas, permitindo a experiência turística na localidade, inclusive em períodos anteriores à implantação de meios de hospedagem comerciais.

Esses novos usuários, ao longo do tempo, foram estabelecendo relações diversas com o lugar, fixando-se, por exemplo, como novos moradores, como novos proprietários de

residências secundárias, ou como turistas habituais; conforme observamos no perfil dos atuais pousadistas (APÊNDICE B).

E se o município de Coruripe é considerado uma das áreas mais paradisíacas do litoral Sul de Alagoas, onde praias como Lagoa do Pau, Pituba e Japú fazem a diferença, *a beleza do Pontal de Coruripe, seu cartão postal, demorou a ser descoberto pela indústria hoteleira*. Diferentemente da praia do Francês [...] o Pontal de Coruripe, a outra pérola turística do litoral Sul, atraiu primeiramente veranistas de Arapiraca e Sergipe, sobretudo pela beleza das praias e piscinas naturais de águas mornas, formadas pela barreira de recifes (BULGARELLI, 2012, p. 91, grifo nosso).

Após esse período inicial do processo de turistificação do Pontal influenciado pelas residências secundárias, na década de 1980, teve-se a implantação dos dois primeiros meios de hospedagem comerciais, a saber: o Pontal Praia Hotel e a Pousada da Ada.

Mas a grande vocação do Pontal é mesmo turística. É lá que estão localizados o hotel Pontal do Coruripe, a pousada da portuguesa Ada e um majestoso aglomerado de casas de veranistas, *três exemplos do embrião turístico que se esboça no município*. “Durante os dois últimos verões nós conseguimos lotar completamente o hotel”, orgulha-se Robledo Gomes, referindo-se à sua estrutura de 20 chalés, instalada na área mais alta do Pontal, classificada com duas estrelas pela Embratur e que conta com uma piscina com vista para o mar, restaurante, cavalos e charrete para passeios (MANOEL JUNIOR, 1991, s.p. grifo nosso).

Implantado por um pontalense no ano de 1986, o Pontal Praia Hotel foi gerido por um familiar do proprietário que possuía experiência anterior em hotelaria. Durante a entrevista, o empreendedor nos relata que aos 22 anos mudou-se para Maceió, onde residiu por mais de dez anos e, ao retornar para Coruripe, viu a necessidade da implantação de empreendimentos no setor farmacêutico e hoteleiro; segundo ele, o município tinha um grande potencial para esse tipo de comércio, pois apesar de não se ter condições favoráveis de acesso, havia um significativo fluxo de visitantes na década de 1980.

Com ampla estrutura física, o Hotel se localizava na parte alta de Pontal de Coruripe (Av. Eng. João Lessa A. Junior), inicialmente construído com 12 UHs, o empreendimento ofertava serviços de alimentos e bebidas, com restaurante disponível para as três principais refeições, estacionamento, além de equipamentos de lazer como bicicletas, charretes e cavalos (Figura 23).

Cerca de quatro anos depois da inauguração, o hotel foi ampliado, construindo-se mais oito UHs, totalizando uma oferta de 20 UHs e 73 leitos, a ampliação incluiu ainda a construção de uma piscina.

Figura 23 - Pontal Praia Hotel, entrada, restaurante e área de lazer



Fonte: arquivo cedido pelo entrevistado (editado), início da década de 1990.

Com o passar do tempo, o nome do empreendimento foi alterado para Coruripe Mar Hotel (Figura 24), mas a gestão permaneceu sem alterações. Desse modo, o hotel operou por 19 anos com uma variação de 12 a 15 funcionários, sendo alguns de Maceió e parte significativa da cidade de Coruripe, localizada a aproximadamente 4 km. No ano de 2005³⁸, o hotel foi vendido para a Usina Coruripe que instalou o Clube Social da Associação dos Funcionários da Usina Coruripe (Afusco), do qual trataremos nas páginas a seguir.

Figura 24 - Coruripe Mar Hotel, vista externa



Fonte: arquivo cedido pelo entrevistado, início dos anos 2000.

De acordo com o proprietário, à medida que novos equipamentos de hospedagem foram implantados, a ocupação do Coruripe Mar Hotel foi diminuindo, pois além da diversificação da oferta local, teve-se o fato de que o produto tornou-se obsoleto, considerando que o cenário havia mudado. Nos últimos anos de funcionamento desse hotel, empreendimentos de

³⁸Dado obtido através do setor de comunicação da Usina Coruripe, via E-mail.

hospedagem recém-implantados melhor atendiam aos gostos e expectativas da demanda da época.

Bulgarelli (2012), ao se referir a esse período inicial dos meios de hospedagem comerciais de Pontal, salienta:

Mas a história da ocupação hoteleira do Pontal é recente, mais precisamente em 1986 quando dois empresários, um de Maceió e outro de Coruripe, ligados por laços de amizade e de família, resolveram desafiar as dificuldades, não poucas, afinal se tratava de um lugar inóspito, sem estradas ou qualquer infraestrutura e investir numa ideia de se criar o primeiro hotel da região, surgindo assim o Pontal Praia Hotel. *Alguns anos antes uma empresária italiana montou uma escola de línguas, mas acabou abrindo a Pousada da Ada, ainda no período inicial da ocupação hoteleira e descoberta turística do povoado* (BULGARELLI, 2012, p. 91, grifo nosso).

A italiana Ada Vignano desembarcou em Pontal de Coruripe pela primeira vez como mochileira em 1983 (ano provável). Considerando a classificação de Plog (1973) podemos dizer que se tratava de uma turista alocêntrica³⁹, que se programou para uma viagem de um ano pelo Brasil, e um dos destinos escolhidos foi Pontal de Coruripe. Porém, para Ada, o Pontal não foi somente mais um destino brasileiro: “[...] e depois não consegui ir embora porque o Pontal tinha sido um impacto tão forte que eu não, era aqui que eu queria ficar” (informação verbal)⁴⁰.

Quando questionada sobre como ficou sabendo de Pontal em uma época em que os meios de comunicação apresentavam muitas limitações, tem-se a resposta:

Através de um livro, um guia turístico suíço que dizia: ‘E se tiver tempo e não o sei o quê, de Penedo pra Maceió, entre no povoado idílico de pescadores, Pontal de Coruripe onde depois de comer um peixe frito na praia e contar uma mão cheia de estrelas, sonhará em nunca mais ir embora.’ Pronto, e eu resolvi fazer isso. E cheguei aqui e quer dizer, independentemente do que tinha lido no livro, no guia, quer dizer, a sensação do *déjà vu*, de que era o meu lugar, que eu já conhecia isso, foi assim, amor à primeira vista mesmo (informação verbal)⁴¹.

Nesse primeiro contato, Ada permaneceu em Pontal durante o tempo que lhe restou das férias, retornando em seguida para a Europa e lá permaneceu por aproximadamente um ano trabalhando com o intuito de conseguir dinheiro suficiente para retornar e se fixar em Pontal.

Assim, em 1985, na atual rua Projetada, PC 02, ela construiu uma pousada (Figura 25) com seis UHs (16 leitos), que nos dois ou três primeiros anos operou com certa

³⁹Conforme Plog (1973), o turista com perfil alocêntrico é caracterizado por ter espírito aventureiro, pessoas curiosas que ao viajar buscam contatos com novos lugares, preferindo destinos ou atrativos pouco turistificados, portanto, não costumam viajar através de pacotes de viagens ofertados por agências.

⁴⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

⁴¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

informalidade, recebendo um público restrito de amigos ou hóspedes indicados por amigos, que em sua maioria era formado por estrangeiros. Equipada com cozinha, recepção e biblioteca, na fase inicial tinha-se também o serviço de uma aula de Português ou outro idioma que a proprietária domina, incluso na diária. Nesse período, além do café da manhã, se servia o jantar na própria pousada, uma vez que a oferta local de serviços de A&B⁴² era basicamente composta por quiosques na praia e restaurantes diurnos.

Figura 25 - Primeiras instalações da Pousada da Ada, construções da década de 1980.



Fonte: Arquivo das Casinhas da Ada⁴³, década de 1980.

Passado o período inicial de informalidade, a pousada foi se posicionando no mercado da hospitalidade comercial, sendo ampliada anos mais tarde, por meio da aquisição de áreas contíguas, como terrenos que serviram para implantação de estacionamento e construção de três novos apartamentos, além da aquisição de três pequenas casas vizinhas que também foram anexadas à pousada. Com as novas aquisições a Pousada ganhou mais seis UHs (incluindo-se as três casinhas) e 21 leitos, totalizando uma oferta de 12 UHs e 37 leitos, com um quadro de quatro funcionários. As aquisições ocorreram nos anos de 1991 (aumento de cinco leitos), 1993 (estacionamento), 1994 (cinco leitos) e 2003 (11 leitos).

No ano de 2011, porém, a Pousada da Ada foi dividida, ficando a parte das casinhas e dos três novos apartamentos para a fundadora e a parte construída na década de 1980 para seu

⁴²A&B – alimentos e bebidas.

⁴³O empreendimento Pousada da Ada alterou o nome para As Casinhas da Ada no ano de 2011, por consequência do rompimento da sociedade entre os dois proprietários, o que resultou na divisão da pousada em duas partes originado os meios de hospedagem: As casinhas da Ada e a Pousada Cinema.

ex-sócio (seis UHs). Por consequência dessa divisão, originaram-se dois novos meios de hospedagem: As casinhas da Ada e a Pousada Cinema.

Primeiramente ela montou uma escola de línguas, mas acabou abrindo a Pousada da Ada, ainda no período inicial da ocupação hoteleira e descoberta turística do povoado. [...] Hoje as Casinhas da Ada continua sendo como uma embaixada de muitas nações no Pontal de Coruripe, mas sem formalidades, recebendo turistas estrangeiros de diversos países, incluindo Alemanha, Inglaterra, Portugal, Itália, Espanha, entre outros [...] (BULGARELLI, 2013, p. 45).

Atualmente, a pousada As casinhas da Ada possui 18 leitos, distribuídos em duas casinhas e três apartamentos (Figura 26). No ano de 2015, quando realizamos o primeiro levantamento junto às pousadas para este estudo, o empreendimento possuía 21 leitos, a diminuição foi consequência da venda de uma das casinhas. Em julho de 2016, Ada passou a gestão do empreendimento para sua filha.

Figura 26 - As casinhas da Ada, jun. 2015



Fonte: acervo pessoal, 2015.

O processo de implantação dos primeiros meios de hospedagem em Pontal de Coruripe coincide com os de outros destinos do litoral Sul alagoano, como Francês e Barra de São Miguel. Bulgarelli (2012) justifica tal coincidência como consequência da melhoria das condições de acesso por meio da abertura de estradas nessa parte do litoral de Alagoas.

Mas uma coisa liga a descoberta e a chegada do turismo, e em consequência a da história hoteleira, nesses três importantes destinos turísticos da região Mares do Sul: as vias de comunicação, ou seja, a chegada das estradas e das pontes cruzando rios e lagoas, que começou no final dos anos 70 com a abertura da AL 101 Sul. Tanto que em 1980 surgiu a primeira pousada na praia do Francês e em 1985 o primeiro grande hotel da região na Barra de São Miguel (BULGARELLI, 2012, p. 91).

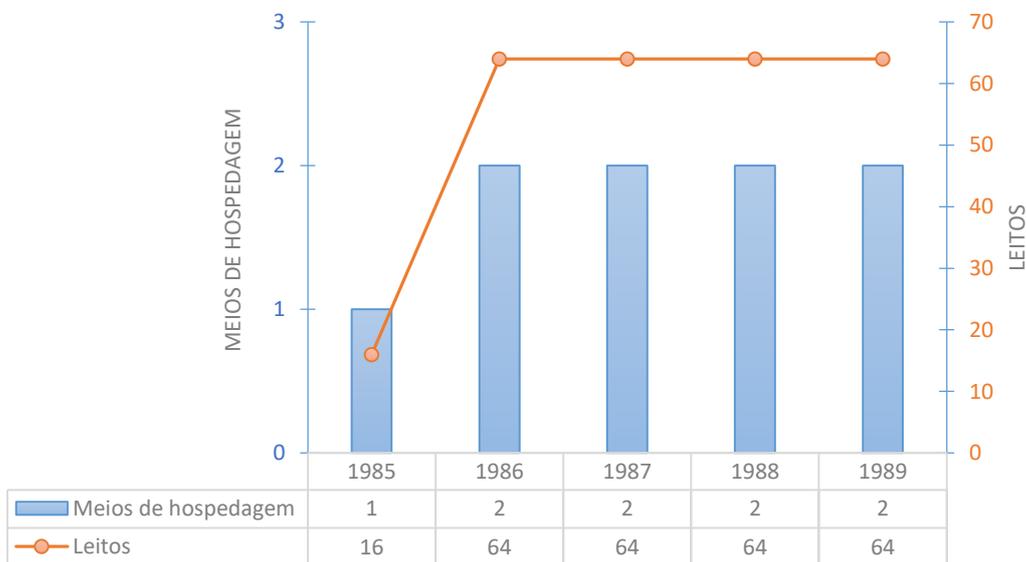
Apesar de ter sido iniciada na década de 1970, até 1991 a rodovia AL 101 Sul ainda não estava concluída. Entretanto, a existência de uma antiga rodovia sem pavimentação que permitia acesso a parte da região contribuía para a descoberta e valorização das paisagens litorâneas da região para o lazer ou turismo. Tanto que, um dos entrevistados afirma:

Na época que não existia a estrada, asfalto de Maceió pra Coruripe, o movimento e a entrada de turista em Pontal era muito maior do que hoje. Mesmo com a estrada de barro e duas vezes a distância de hoje (Informação verbal)⁴⁴. P 10.

Quem chega a Coruripe não consegue imaginar a super dimensão econômica do município. Além disso, porém, percebe imediatamente que ali a natureza foi generosa. A rodovia AL-101 – uma via estadual já inaugurada, mas com longos trechos inacabados – serve como cartão postal vivo da beleza do lugar. Quando concluída, essa estrada, que acompanha o litoral, irá reduzir em quase 40 quilômetros a distância entre Coruripe e Maceió, atualmente percorrida por um complexo de rodovias formado pela BR-101 e as AL-105 e 455 (MANOEL JUNIOR, 1991, s. p.).

De meados da década de 1980 até o final da década seguinte (ver Gráficos 2 e 3), a capacidade receptiva comercial de Pontal de Coruripe foi ofertada pelos dois primeiros meios de hospedagem, que como vimos, foram ampliados, a partir da década de 1990.

Gráfico 2 - Evolução da oferta receptiva comercial, década de 1980



Fonte: Elaborado com base em dados da pesquisa.

Portanto, apesar de na década de 1980 haver apenas dois empreendimentos, observa-se relativa diversificação, ao menos em termos de segmento, com oferta de produtos e serviços

⁴⁴ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

distintos entre si, e, por conseguinte, o atendimento de um público diverso, o que se justifica se considerarmos o perfil e os fatores que motivaram os respectivos empresários.

Em 1986, um pontalense caracterizado por ter espírito empreendedor, viu no turismo uma oportunidade de um bom investimento, enquanto que para a italiana Ada implantar a pousada, foi consequência da escolha de um novo ritmo de vida. Aos 40 anos de idade, Ada abandonou a carreira acadêmica e viu em Pontal a tranquilidade que buscava:

Pronto, quer dizer, era o lugar perfeito, tranquilo em que eu queria morar. E fazer o quê? A única coisa era aliar turismo a qualquer coisa com o ensino, tanto que no primeiro ano, nos primeiros três anos na diária tinha uma aula de português pra os estrangeiros ou outro idioma, incluída (Informação verbal)⁴⁵.

Na década de 1980, Pontal foi relatado, por pousadistas que já tinham vínculo com o lugar nesse período, como sendo um local moldado pela tranquilidade, sem ruído, sem lixo, alguns moradores até costumavam dormir na rua, nas calçadas de suas casas.

O carnaval era um evento que alterava a dinâmica do lugar, com a presença de visitantes da cidade de Arapiraca e um consequente movimento incomum para a época, traduzido por meio da presença dos carros, dos sons, dos alugueis das casas que faziam com que pontalenses ocupassem temporariamente as residências de familiares. O serviço de eletricidade era disponível, porém de forma deficiente. As segundas residências estavam presentes ocupando espaços privilegiados, mas como eram poucas não impediam ou dificultavam o acesso à praia.

De acordo com a opinião dos entrevistados, tinha-se um bom relacionamento entre os residentes secundários e as pessoas do Pontal, com filhos de pontalenses e visitantes que brincavam juntos, além de possibilitarem a oferta de trabalho para alguns moradores locais. Os turistas recebidos nos meios de hospedagem também se relacionavam com a população, participando por vezes de atividades de pesca no lugar.

Nesse período, foi relatado ainda um fluxo de visitantes que acampavam na praia, o que indica a presença de uma demanda de perfil aloccêntrico, (PLOG, 1973), considerando que apesar de não se ter uma estrutura adequada enquanto espaço receptivo, com deficiências claras no que diz respeito ao acesso, havia uma circulação de visitantes.

A condição de acesso, aliás, foi um ponto destacado como algo que poderia ter sido feito para melhorar a experiência do turista na época, quando se viajava de três a quatro horas para fazer o itinerário Pontal/Maceió, por exemplo. Este aspecto é visto por um dos

⁴⁵Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

pousadistas como negativo e positivo ao mesmo tempo, pois desse modo tinha-se uma demanda de “desbravadores”. Outra característica da demanda desse período é que após a hospedagem nos empreendimentos hoteleiros, muitos acabavam por comprar uma casa ou terreno no lugar, tornando-se proprietário de segunda residência, prática atribuída a hóspedes provenientes de localidades próximas, normalmente do próprio estado de Alagoas ou estados circunvizinhos.

Para o estudo do *TALC*, nesta dissertação, consideramos apenas a evolução dos meios de hospedagem comerciais de Pontal de Coruripe, portanto, não incluímos aqui a capacidade receptiva de residências secundárias, por não dispormos de dados quantitativos que possibilitem a mensuração do fluxo de turistas com base nas residências secundárias ao longo do tempo, além do fato que envolve a dificuldade de classificação de usuários de segunda residência enquanto turista ou não.

4.2 Década de 1990

Em 28 de agosto de 1991, o suplemento publicitário da Revista Veja, em uma reportagem de José Manoel Junior (1991, s. p.), destaca o sucesso do setor econômico de Coruripe: “uma economia forte coloca o município entre os quatro maiores em arrecadação de ICM, no Estado”. As causas atribuídas ao mencionado sucesso são as tradicionais atividades abordadas no capítulo anterior: a performance da indústria sucroalcooleira e o desempenho satisfatório da Cooperativa Pindorama. Neste sentido, o que o referido autor nos acrescenta é o trabalho desenvolvido pela “Aqüicultura Capiatã, a maior fazenda de criação de camarão da Malásia, do mundo” (MANOEL JUNIOR, 1991, s.p.).

Esse cenário teve reflexos diretos para a economia pontalense, pois a mencionada empresa tinha como função principal a criação de camarão de água doce, mas complementava suas atividades comprando camarão marinho direto de pescadores.

No Pontal de Coruripe, um dos pontos turísticos mais cobiçados do município, a população alterna a sobrevivência entre o artesanato da palha [do Ouricuri] e a pesca do camarão, crustáceo abundante na região. Ali são pescados diariamente duas toneladas do produto. Praticamente toda a produção é industrializada no próprio município. “Para ocupar o potencial ocioso dos nossos equipamentos, estamos adquirindo o camarão diretamente dos pescadores,” explica o agrônomo Ronaldo Siqueira, sócio da Aqüicultura Capiatã, [...] “Como a Capiatã localiza-se há menos de cinco quilômetros do Pontal, o camarão entra vivo na indústria, o que garante um ótimo padrão de qualidade ao produto final.” Explica o agrônomo (MANOEL JUNIOR, 1991. s.p.).

A Figura 27 destaca as ‘casas de rede,’ como se define localmente as barracas cobertas com palhas, destinadas ao abrigo dos equipamentos de trabalho utilizados pelos pescadores. Portanto, até 1991, esse trecho da orla demonstrava um uso bastante atrelado à atividade pesqueira.

Figura 27 - Praia do Pontal, 1991



Foto: Freire.

Fonte: MANOEL JUNIOR, 1991.

Lá em baixo a população local divide o espaço com os “estrangeiros”. Se a Pousada da Ada notabilizou-se pela presença de europeus que procuram beleza e a tranquilidade de Coruripe, no Pontal, quem reina mesmo são os veranistas. Toda a região da orla é ocupada por pequenas mansões, na maioria pertencentes a plantadores de fumo de Arapiraca. Não é à toa que a Avenida paralela ao mar é conhecida pelo nome dessa cidade que fica a meio caminho entre Maceió e Coruripe. “O Pontal é tão bom que Arapiraca decidiu instalar uma filial aqui”, brincam alguns veranistas (MANOEL JUNIOR, 1991, s. p.).

E essa região de Coruripe cresceu muito aqui na época de [19]90. Na época de [19]90 era uma construção em cima de outra, uma em cima da outra, era construção de residência, de casa de veraneio, tava no auge e aqui tinha um clube social, tinha um clube social que foi construído pelos amigos do Pontal, de pessoas da classe média, que era um sucesso, era um dos melhores clubes, na época, de Alagoas. [...] É... pessoas conhecidas no Estado de Alagoas e veraneavam aqui, muitos fazendeiros [...]. Então foi, nessa época [19]90, Coruripe era muito promissor (informação verbal)⁴⁶ P10.

O clube mencionado é o Pontal Praia Clube, espaço à beira-mar equipado com piscina situado na rua Jenipapo, de acordo com o site *empresasdobrasil.com*, foi fundado em 1986,

⁴⁶Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

como associação privada. A fala do pousadista acima é comum entre os pontalenses que costumam evidenciá-lo como um fator de atração de um público externo para Pontal. Tendo sido um contributo para o processo de turistificação local, o espaço de lazer denominado localmente como ‘Clube dos Usineiros’ é lembrado pelos eventos de diversão, como os bailes realizados na década de 1990. No início dos anos 2000, entrou em desuso e anos depois encerrou as suas atividades de vez; atualmente pode-se verificar apenas as ruínas de sua estrutura física.

A marca das residências secundárias na paisagem de Pontal tornou-se evidente: “Pontal do Coruripe é uma vila de pescadores que, embora tenha sua arquitetura manchada por casarões de veraneio de um mau gosto típico de novo-rico, mantém seu charme e aconchego intactos” (BARCINSKI, 1996, p. E7). O autor ainda comenta sobre características e hábitos locais comunitários, como o fato comum de crianças brincarem nas ruas e de adultos se reunirem durante as tardes para conversas nas calçadas e à noite para assistir televisão na praça. Nesta época, o único telefone disponível era o do posto telefônico, “Esse telefone, aliás, é o elo de Pontal com o mundo” (BARCINSKI, 1996, p. E7).

O dia a dia pontalense segue impressionando o repórter paulista, percebe-se o olhar do turista no cotidiano local quando a tradicional atividade pesqueira parece servir como atrativo:

À tarde as jangadas e traineiras retornam da pesca, e a praia fica lotada de gente admirando os arabaianas, dourados, bagres, xaréus e as centenas de quilos de camarão que os pescadores tiram dos barcos. É um espetáculo maravilhoso, especialmente quando o Sol começa a se pôr” (BARCINSKI, 1996, p. E7).

O dia-a-dia de uma comunidade pesqueira, cujo histórico de atividades comerciais sempre foi restrito, revela hábitos que demonstram as condições de sobrevivência de sua população: “É uma cidade pobre, mas bonita na sua simplicidade. [...] Como muitos habitantes não têm geladeiras, os peixes são limpos, salgados e postos para secar em gigantescas esteiras de palha” (BARCINSKI, 1996, p. E7).

Aliada à questão cultural da pesca, em meados da década de 1990, Pontal de Coruripe contava com significativa oferta de serviços de alimentos e bebidas, baseados principalmente na disponibilidade de frutos do mar, e assim, muitos empreendimentos desse tipo surgiram.

Há muitos bares em frente à praia e restaurantes em Pontal. Um dos mais conhecidos é a Peixaria da Madalena, na rua da praia, que serve uma peixada com pirão de primeira, para dois, por R\$ 13. Uma boa dica é comprar peixe e camarão das jangadas e pagar R\$ 2 para algum quiosque fritar (BARCINSKI, 1996, p. E7).

O povoado passou a receber considerável fluxo de turistas provenientes de excursões promovidas por agências operadoras, que ofertavam passeios turísticos do tipo *day use* para a localidade:

O que existiu foi na parte de restaurante. [...] Aí existia, é... aquele pessoal que vinha e voltava, passava o dia e voltava, mas não pernoitava (Informação verbal)⁴⁷. P 10

Uma prática habitual na atividade turística é que agências operadoras tendem a estabelecer parcerias com receptivos locais que são responsáveis pelo acolhimento de turistas nos lugares visitados, estes, não raras vezes são influenciados pelos prestadores de serviços, a permanecerem exclusivamente nesses receptivos parceiros, o que reduz as possibilidades de o turista ter uma experiência mais rica do lugar visitado. Esse tipo de procedimento decorre de acordos comerciais pelos quais a busca pelo lucro supera todo e qualquer pensamento de interação do visitante com o espaço visitado, ocasionando, principalmente, a insustentabilidade do destino a médio e longo prazo, uma vez que essa prática dificulta o surgimento de diversificações na oferta turística local.

A artista plástica Mirna Maracajá, que mantém um ateliê no Pontal de Coruripe, resumiu a necessidade de elaboração de programas que beneficiem a comunidade dos lugares que possuem atrativos turísticos, afirmando que “as operadoras, através dos guias, querem criar um único ponto para o turista, que fica impedido de circular pelas ruas e apreciar o local (AMORIM, 1997, A45).

Para as comunidades receptoras, esse é o tipo de situação em que o turismo deixa de ser uma possibilidade de incremento da renda e interação cultural e passa a ser um espelho de exclusão:

Como exemplo desse modelo de exploração turística estão as artesãs do distrito do Pontal de Coruripe que se deslocam diariamente até a praia de Duas Barras à procura dos turistas que chegam de Maceió em excursões promovidas pelas operadoras. Antes, elas vendiam seus produtos no povoado onde moram, *mas com a diminuição do número de visitantes* foram obrigadas a procurar outros lugares turísticos, em busca da sobrevivência, com a venda do artesanato de palha (AMORIM, 1997, p. A45, grifo nosso).

A diminuição do número de turistas de excursões ocorreu com o fim da parceria entre a(s) operadora(s) e o restaurante/receptivo local. As causas desse fim, não foram investigadas nesse estudo, porém, considerando o período podemos pensar em possibilidades como: o surgimento de novos pontos de interesse turístico e principalmente a falta de organização e planejamento local para o desenvolvimento do turismo, visto que havia carência de condições mínimas para o bom desempenho da atividade, como, por exemplo, a melhoria no acesso ao povoado.

⁴⁷Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

“Os turistas não vão mais ao Pontal por falta de estrutura”, disse a artesã Edite Ribeiro dos Santos. Ela lembrou que a falta de pavimentação da estrada que liga o povoado à rodovia AL-101 Sul fez com que as artesãs procurassem outros locais para vender os produtos. A artesã Maria Eleone dos Santos lamentou ter de passar por essa situação “Muitas vezes, a gente não negocia sequer uma peça e fica sem dinheiro para retornar para casa e até para comer”, desabafou a artesã. Para tentar vender os produtos, as artesãs têm de ficar nas calçadas das casas dos moradores de Duas Barras, à espera dos turistas [...] (AMORIM, 1997, p. A45).

As falas das artesãs acima são claras demonstrações de total dependência financeira da atividade, passados quase 30 anos após o relato de Forman (1969), e neste aspecto a situação é semelhante, demonstrando que o cenário econômico local permaneceu restrito. A questão da dificuldade de venda do tradicional artesanato não foi o único problema enfrentado pelas artesãs de Pontal nesse período. As transformações do lugar, o aumento da área habitada e mesmo o manuseio inadequado dos espaços naturais, trouxe consequências negativas para essa atividade:

Outra característica forte da região é a produção de artesanato de palha, de muita aceitação comercial. Famílias inteiras, vilas completas, dedicam-se ao artesanato, *hoje em processo recessivo, em decorrência da escassez de matéria-prima. Com a devastação das matas, as palhas estão cada vez mais difíceis* (BULGARELLI, 1998, p. C2, grifo nosso).

O espaço à beira-mar, historicamente marcado pela atividade pesqueira, ao longo do tempo passou a ter novos usos e funções, passando a abrigar também equipamentos de A&B e eventos, conforme demonstra a Figura 28. Tais atividades, apesar de não serem de uso exclusivo por turistas, no contexto de Pontal de Coruripe, onde se tinha uma população local relativamente pequena e com baixo poder aquisitivo, indubitavelmente a presença desses novos usos do território teve relação direta com o processo de turistificação da localidade.

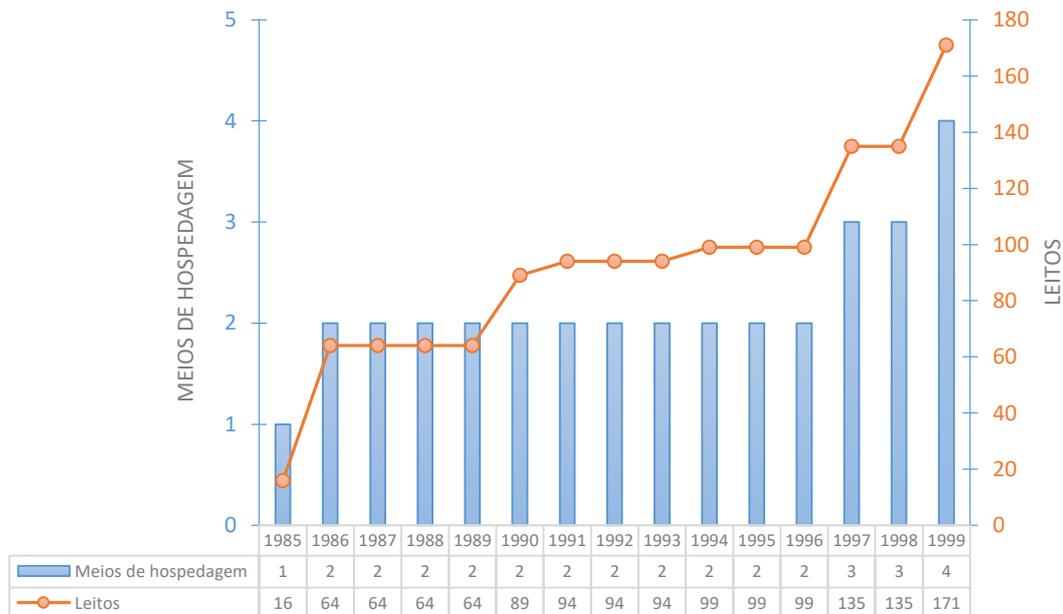
Figura 28 - Festival na praia de Pontal, década de 1990



Fonte: arquivo cedido pelo entrevistado, [19--].

Foi nesse contexto – de aumento do número de residências secundárias, e da oferta de serviços de alimentos e bebidas e opções de lazer – que se deu o crescimento da capacidade receptiva comercial de Pontal (Gráfico 3), por meio da implantação de dois novos empreendimentos: a Pousada Recanto do Pontal, em 1997, e a Pousada Mirante do Pontal, em 1999.

Gráfico 3 - Oferta de meios de hospedagem no período de 1985 a 1999⁴⁸



Fonte: Elaborado com base em dados da pesquisa

Ao se referir ao município de Coruripe como um destino para férias de julho, o autor supracitado salienta:

Mas é no Pontal de Coruripe, vilarejo de pescadores *tentando se transformar em balneário turístico*, que as atrações se concentram. Conhecido pelo farol, pelo artesanato e pelos arrecifes que formam uma belíssima piscina natural, além de muitas praias, todas de exuberante beleza, *razoável estrutura hoteleira* espera pelo turista nas férias de julho, com promessa de muito sol se El nino garantir a continuidade desse falso inverno (BULGARELLI, 1998, p. C2, grifo nosso).

Com 12 UHs (apartamentos) e 36 leitos, a Pousada Recanto do Pontal (Figura 29) foi implantada por um funcionário aposentado da Usina Coruripe, proveniente de Maceió, mas que em função do trabalho residia em Pontal. Localizada à beira-mar, Rua Eng. Gutemberg Breda Neto, n 39, possui jardim, recepção, piscina, e área de lazer com vista para o mar. Opera com quatro funcionários, e, há cerca de três anos a gestão foi repassada para o filho do proprietário, que atualmente está construindo um novo empreendimento hoteleiro, no mesmo terreno da atual pousada, mas de acordo com o gestor entrevistado, está sendo construída com

⁴⁸1990: ampliação de oito UHs (25 leitos) no Pontal Praia Hotel; 1991: ampliação de cinco leitos na Pousada da Ada; 1994: ampliação de cinco leitos na Pousada da Ada;

o que há de mais moderno, visando a conquista de um público diferenciado, com diárias mais elevadas, se comparado aos preços atuais.

Figura 29 - Pousada Recanto do Pontal, fachada e área de lazer



Fonte: perfil da Pousada Recanto do Pontal. Facebook.

A Pousada Mirante do Pontal (Figura 30), implantada em 1999, pertence a um antigo proprietário de residência secundária no lugar. Da cidade de Palmeira dos Índios, a família começou a frequentar Pontal como turistas no início da década de 1980, em seguida como veranistas após a compra de uma casa, que anos mais tarde, foi transformada em pousada. Localizada na Rua Santo Antônio, n 79, a pousada possui estacionamento e conta com três funcionários para o atendimento de 14 UHs (do tipo apartamentos) e aproximadamente 42 leitos, distribuídos em três pavimentos.

Figura 30- Pousada Mirante do Pontal, fachada e vista de um dos apartamentos



Fonte: Booking.com, 2016.

Um fato em comum entre os dois empreendimentos é que ambos foram implantados por pessoas que já tinham vínculo com Pontal e que após se aposentarem resolveram instalar uma pousada, fixando-se de vez no lugar, intensificando e alterando as relações de antigos proprietários de residências secundárias com o povoado. Segundo Fonseca e Lima (2012, p. 14):

O desenvolvimento da tecnologia da informação possibilitou ao homem uma maior mobilidade, liberando-o da rigidez do local de trabalho. Cada vez mais, nas grandes metrópoles, as pessoas detentoras de certo nível de renda subvertem a ordem preexistente, transformando a segunda residência em primeira e a primeira em segunda, que passa a ser frequentada ocasionalmente, especialmente para fins de trabalho. Esse processo torna-se cada vez mais claro e intenso quando as pessoas estão próximas da aposentadoria ou quando se aposentam de fato.

As paisagens naturais, aliadas ao modo de vida local, são responsáveis pela conquista de agentes internos e externos, conforme salienta o texto jornalístico de Nide Lins.

Assim é o pôr-do-sol na Praia do Pontal de Coruripe, o cartão-postal mais antigo e charmoso da cidade de Coruripe. Um lugar que ainda guarda partículas de uma colônia de pescadores, onde barcos descansam no mar, crianças mergulham feito peixe indiferente a tudo, testemunhando um clima de felicidade, que conquista, que conquista nativos e turistas, entre eles, muitos estrangeiros, fígados pela beleza natural do lugar (LINS, 2001, p. B9).

Na década de 1990, além das características pontuadas pelos textos jornalísticos acima, o povoado foi lembrado por pousadistas que já tinham experiências no lugar, pela interação que havia entre os vizinhos, pela ausência de drogas, e por ruas que ainda não eram calçadas.

No que refere ao turismo diretamente, comentou-se nas entrevistas que os hoteleiros do litoral Sul se reuniram por meio de uma Associação para em conjunto promover ou solicitar ao poder público ações que objetivavam melhorias para o setor, como por exemplo, no quesito divulgação, no qual se implantou placas indicativas nas estradas do trecho Maceió-Piaçabuçu, divulgando os empreendimentos que se tinha na época.

4.3 Período de 2000 a 2015

No início dos anos 2000, a oferta de meios de hospedagem é incrementada por meio de um empreendimento diferenciado, considerando o cenário local da época. “O arquiteto e surfista Rubens Wanderley Filho também nutre uma paixão pelo povoado Pontal de Coruripe e, há três anos, abriu a Pousada Surf Paradise” (LINS, 2005, p.1).

Com 19 chalés e 83 leitos, a pousada se evidenciou no contexto local, tanto pela estrutura física quanto principalmente pela proposta de um ambiente com certo requinte, que

lembra empreendimentos do tipo mini *resorts*, considerando a arquitetura e a proposta de autossuficiência em termos de serviços (Figura 31). “Assim nasceu a Pousada Paradise, a primeira pousada de luxo e charme do litoral sul de Alagoas” (BULGARELLI, 2013, p. 46).

Situado na Rua Jenipapo, 433, o empreendimento tem sido administrado há nove anos pelo grupo Maceió Mar (Bonança Incorporadora), com um quadro total de 18 funcionários, sendo o cargo de gerência o único que não é ocupado por um pontalense. Com estrutura ampla, a Pousada Paradise⁴⁹ dispõe de restaurante, piscina adulto e infantil, campo de areia, dois espaços *kids*, gazebos e salão de jogos.

Figura 31 - Área de lazer da Pousada Paradise



Fonte: Booking.com, 2016.

Enquanto novos empreendimentos surgiram, no ano de 2005 o Coruripe Mar Hotel encerrou suas atividades com a venda de sua estrutura física para a Afusco que instalou o Clube Social Afusco, que tem por objetivo disponibilizar aos associados serviços de lazer e hospedagem. Após a compra, áreas externas, como as duas piscinas e o salão foram ampliadas, enquanto a estrutura de hospedagem permaneceu inalterada.

Apesar de inicialmente se ter como ideia direcionar a oferta de hospedagem para os associados, o clube não restringiu o acesso de terceiros para a utilização desse serviço, não havendo, assim, alteração no quadro da oferta local de leitos. Nessa perspectiva, o que houve foi uma alteração no posicionamento, visto que a função principal do clube não é a oferta de hospedagem, o que explica o fato de, por exemplo, não haver trabalhos de divulgação, como é comum nos outros meios de hospedagem de Pontal. No entanto, apesar desse cenário, de acordo com a entrevistada representante do clube, cerca de 90% dos hóspedes são externos, enquanto o público pretendido de associados sempre foi mínimo.

⁴⁹Após a gestão do Grupo Bonança, houve alteração no nome do empreendimento, de Pousada Surf Paradise para Pousada Paradise.

Figura 32 - Clube Afusco - Chalés ao fundo e salão de eventos



Fonte: acervo pessoal, abril 2016.

É nítido na fala da entrevistada que os serviços e o atendimento ofertados são carentes, se comparados às demais pousadas locais. Além de *day use* e hospedagem, outro serviço disponível é a locação do salão para eventos (Figura 32). Para o funcionamento geral, o clube conta com sete funcionários – três do próprio Pontal e quatro da cidade de Coruripe – que juntos atuam na prestação de todos os serviços ofertados no ambiente.

No ano de 2006, teve-se mais um caso de proprietário de segunda residência que opta por investir no turismo em Pontal de Coruripe. O fator que motivou a abertura do empreendimento coincide com o histórico de outras pousadas. Por possuírem residência secundária no povoado há mais ou menos 25 anos, com o objetivo de se aposentar e passar mais tempo em Pontal, há 10 anos foi construída a pousada Pontal Pôr do Sol, à beira-mar, com 10 chalés e 20 leitos (Figura 33).

Figura 33 - Pousada Pontal Pôr do Sol, áreas comuns e chalés ao fundo



Fonte: www.pontalpordosol.com, acesso em 2016.

Equipada com três piscinas, salão de jogos, campo/quadra de areia e *playground*, a pousada dispõe de serviços de bar, restaurante e estacionamento interno, e opera com cinco funcionários permanentes. Proprietários da pousada e de residência secundária, a família reside em Maceió e passam períodos de tempo livre em Pontal.

No ano de 2008, a reportagem de Clevis Oliveira destaca o processo de urbanização da orla de Pontal, e após mencionar o naufrágio de Dom Sardinha, segue-se:

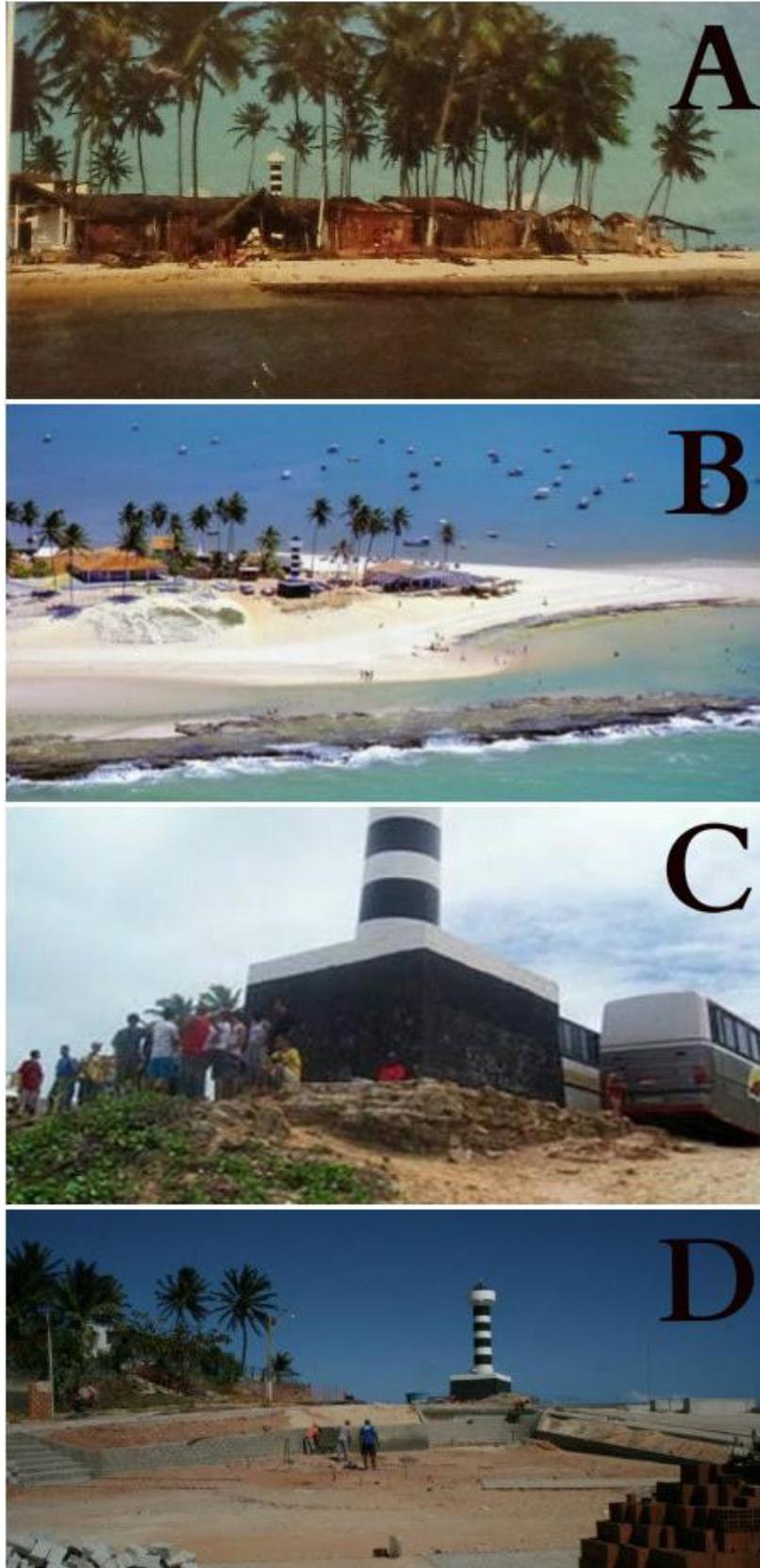
Mais de quatro séculos depois, no Pontal de Coruripe pouco se fala sobre o assunto. É só chegar ao povoado para perceber que o ambiente tropical imprime outro ritmo de vida ao cotidiano de seus moradores. Apesar de já exibir características urbanas, a impressão é a que, ali, o tempo passa devagar – as pessoas não se furtam a “papear” e têm sempre um sorriso no rosto ao receber os visitantes (OLIVEIRA, 2008, p. B8).

Mais uma vez, nas impressões de um repórter sobre o cotidiano local, nota-se o clima vivido em Pontal com “[...] um cenário que embora seja de “cartão-postal,” não perdeu sua simplicidade e sua atmosfera bucólica” (OLIVEIRA, 2008, p. B8).

O projeto de urbanização da orla de Pontal de Coruripe ocorreu em 2008/2009, com investimento de R\$ 100.000,00 do Ministério do Turismo, segundo dados do Portal da Transparência (2016). A Figura 34 nos dá a ideia das alterações ocorridas nessa paisagem ao longo dos últimos 20 anos. Se em 1991 Freire (Figura 34 A) registrou a orla ainda com um uso predominante da atividade pesqueira, a figura 34 B, já nos demonstra a presença da oferta de serviços do setor de A&B, provavelmente em meados dos anos 1990.

Ao longo do tempo o avanço do mar diminuiu significativamente a área de praia, chegando a um processo de erosão marinha nas estruturas do farol (Figura 34 C). A partir desse cenário, teve-se a implantação do projeto de urbanização (Figura 34 D), que se efetivou por meio da proteção do farol, da delimitação de áreas para estacionamento de veículos, da construção de três pequenos quiosques que comercializam artesanato e serviços de A&B, além da Praça do Avistamento.

Figura 34 – Orla de Pontal no período de 1991 a 2008.



Fonte: A - Foto: Freire. Fonte: MANOEL JUNIOR, 1991.

B: www.pousadaparadiseal.com.br, acesso em 2016.

C: www.tribunauniao.com.br; acesso em 2016. D: LTTD/Ufal, 2008.

O projeto foi essencial para a manutenção da área enquanto espaço receptivo, considerando a tendência mundial do aumento do nível do mar e a formação geomorfológica singular de Pontal, que é bastante suscetível à dinâmicas das marés (Figura 35).

Figura 35 - Orla de Pontal após o projeto de urbanização



Fonte: www.pousadaparadiseal.com.br, acesso em 2016.

Nesse período, Marina Paiva, desenvolvia sua dissertação de mestrado que também teve o Pontal de Coruripe como foco de investigação, e sobre esse processo a autora pontua que a obra objetivou “[...] melhorar a infraestrutura para a recepção dos turistas” (PAIVA, 2010, p. 118). Paiva segue mencionando que pouco tempo após a conclusão, os moradores apontaram problemas relacionados à falta de manutenção da iluminação no local.

Em entrevistas realizadas com os moradores, muitos disseram estar satisfeitos com a obra. Entretanto, outros não compartilham plenamente a mesma opinião e criticam as falhas da obra, como é o caso do entrevistado abaixo:

Uma crítica construtiva. Eu acho o seguinte, o quebra-mar é uma coisa que tem que ser feito mesmo, que o mar tá avançando aí, inclusive a marinha já tinha uma dotação orçamentária para proteger esse farol. Mas eu acho que é muito concreto, na minha visão pessoal, entendeu? Podia fazer o quebra-mar e fazer uma coisa mais arborizada (Médico, morador do Pontal) (PAIVA, 2010, p. 118-9).

No ano de 2009, teve-se também a conclusão do projeto de implantação da sinalização turística do município, financiado pelo MTur. Atualmente algumas placas colocadas em alturas baixas e medianas, já não existem.

E no mesmo período da implantação desses dois projetos na área do turismo, com expectativas de melhora do setor, o casal proprietário do supermercado Arapiraca, construiu a Pousada Arapiraca (Figura 36), com seis UHs e 18 leitos, além de três apartamentos que

nunca foram equipados, pois de acordo com a proprietária, o histórico de baixa demanda não justifica novos investimentos.

Figura 36 - Lateral da Pousada Arapiraca em nov. 2008/ em ago. 2016



Fonte: LTTD/Ufal, 2008.

Fonte: acervo pessoal, 2016.

Situada na rua principal de acesso ao povoado, funciona no primeiro andar do Supermercado Arapiraca, onde se visualiza apenas um discreto letreiro que informa “Pousada Arapiraca”. Sendo a única pousada em Pontal de Coruripe que não oferece o serviço de café da manhã, o empreendimento disponibiliza uma cozinha coletiva aos clientes. O público não é frequente, mas caracteriza-se por ser habitual, que influencia a vinda de novos hóspedes, sendo a principal ferramenta de divulgação o chamado “boca a boca”. A Pousada não possui funcionários, como historicamente não se tem uma boa ocupação, a própria proprietária mantém a organização do ambiente, com a ajuda de familiares em períodos de fluxo mais intenso.

No ano seguinte (2009), teve-se também a instalação da Pousada Canto de Yemanjá, localizada à beira-mar (Figura 37), a mais próxima ao farol, com dez UHs e 26 leitos; essa pousada opera com cinco funcionários e dispõe de serviço de bar.

De propriedade de um arquiteto português descendente de brasileiros, a pousada é resultado da compra de duas casas e a posterior implantação de um projeto arquitetônico do proprietário, que sempre teve interesse em conhecer o Brasil e o povo brasileiro. O proprietário afirmou que inicialmente viu em Pontal um lugar tranquilo, e considera sua pousada um ambiente diferenciado, que visa um público mais seletivo.

Figura 37 - Deck da Pousada Canto de Yemanjá



Foto: acervo pessoal, abril de 2016.

O tradicional Casarão de Pontal (Figura 38), ainda hoje lembrado entre os pontalenses como casa da D. Celina, como mencionamos no início deste capítulo, foi comprado por um casal de São Paulo. Na época em estado de deterioração, o prédio foi restaurado no período de 2007 a 2010. Mesmo durante esse período de restauro, a casa ofertou serviços de hospedagem, porém para um público mais restrito, e somente a partir de 2010 oficializou-se como pousada, permanecendo até o ano 2014 com oferta de seis UHs e 19 leitos. Após o período de um ano fechada, a pousada foi reaberta com nova gestão em novembro de 2015, não havendo alteração em termos de estrutura física e, portanto, de sua capacidade receptiva.

Figura 38 - Pousada Casarão do Pontal



Fonte: Casarão do Pontal. Facebook.com, acesso em 2016.

No ano de 2012, por consequência da divisão da Pousada da Ada entre os dois sócios proprietários, criou-se a Pousada Cinema, com seis UHs e 16 leitos; a pousada funcionou no período de novembro de 2012 a dezembro de 2015. De propriedade de um italiano que

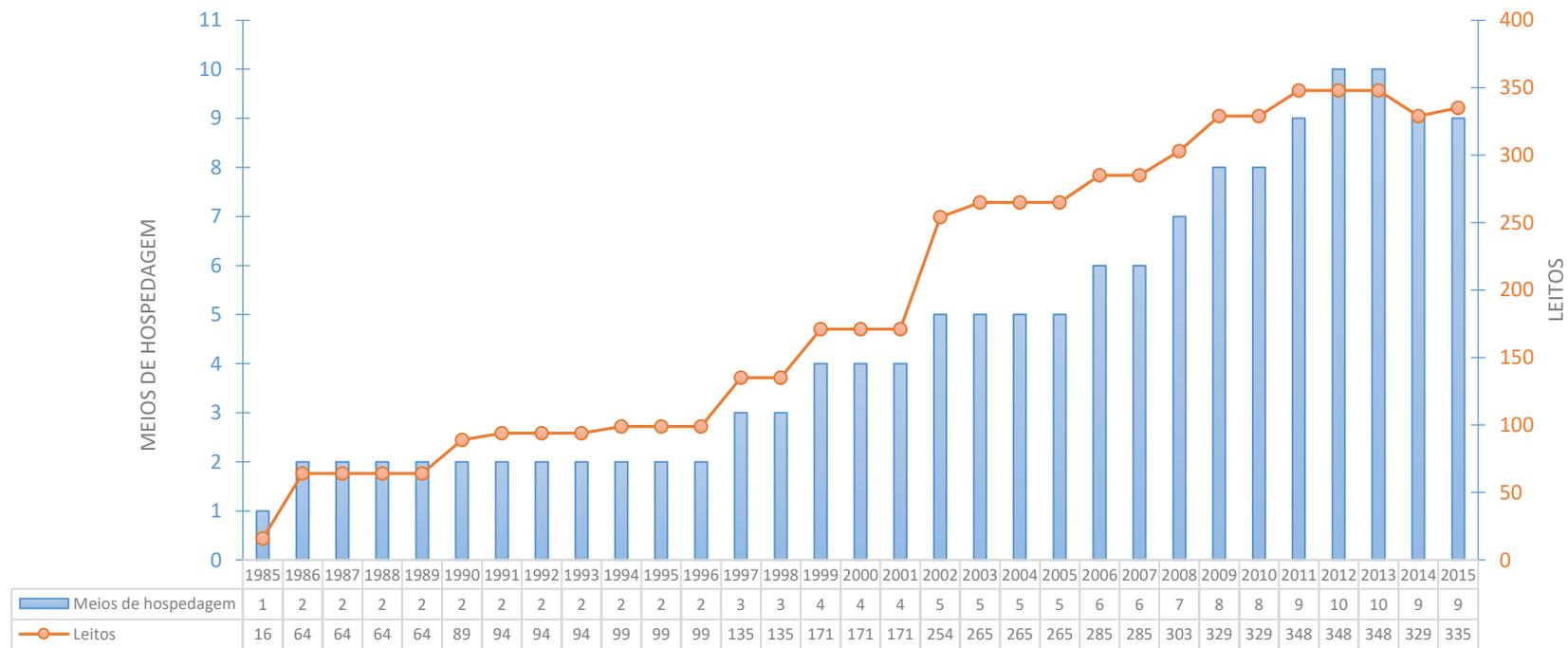
conheceu Pontal através de um amigo que também é empreendedor no local, o proprietário atribui a insustentabilidade financeira do negócio como a principal causa do fechamento e salienta a deficiência em termos de divulgação e planejamento da atividade turística local.

Em fevereiro de 2015, o repórter Clevis Oliveira em mais uma matéria que teve como foco o Pontal, descreve o povoado como:

Um balneário repleto de casas de veraneios e uma dúzia de pousadas, tendo quase sempre ao lado uma casa de pescador. Por sinal, o lugar ainda carrega características de uma vila de homens simples que tiram seu sustento do mar [...]. E mesmo sendo visível o desenvolvimento do lugar, a impressão que se tem é que a vida ali parou no tempo (OLIVEIRA; VIEIRA, 20015, p. 6).

Com base nesse histórico da oferta comercial de hospedagem ao longo dos últimos trinta anos, tem-se o Gráfico 4 que aponta para um recente declínio, no período 2013-2015, mas que não é significativo, sendo o único período no qual houve algum declínio no histórico do processo de implantação de UHs em Pontal, desde 1985.

Gráfico 4 - Evolução da oferta de hospedagens, 1985-2015⁵⁰



Fonte: Elaborado com base em dados da pesquisa.

⁵⁰2003: ampliação três UHs (11 leitos) da Pousada da Ada; 2015: perda de uma UH (três leitos) da pousada As casinhas da Ada; 2015: ampliação de duas UHs (seis leitos) da Pousada Mirante do Pontal.

Nesse período, a proposta de instalação do Estaleiro Eisa S.A. foi entendida por alguns dos pousadistas como uma ameaça ao lugar (conforme mencionamos no capítulo três desta dissertação, o Eisa foi inicialmente proposto para o Pontal de Coruripe, mas teve licença ambiental negada no ano de 2013):

E também vem aquela questão: aquele jogo político de dizer que ia fazer o estaleiro aqui, não sei o quê mais lá. Com isso nós ficamos preocupados por conta do mar. Como é que ia ficar o mar? Se caso isso viesse a acontecer? Compromete, compromete tudo isso, né? (informação verbal)⁵¹P 1

[...] fui um formador de opinião aqui relativamente à história do estaleiro. Porque tenho um irmão que é engenheiro naval, e ele dizia: (fulano), a primeira vez que eles começarem a lavar um tanque com, de um barco e nafta, acabou o Pontal. [...] davam emprego ao que? A 200 pessoas, ou 150 pessoas do Pontal. E os outros 3 mil? Vivem de peixe, de camarão e disto, daquilo, aquilo outro e a população daqui? E os 4 mil de Barreiras? Isto tudo morria. Isto tudo morria, não é? Quer dizer, não fazia sentido criar, é complicado, portanto, ou seja, quando essas medidas de fundo aparecem tem que se estruturar muito bem pra saber exatamente. Agora graças a Deus o processo foi revertido, agora graças a Deus já não vai haver, graças a Deus já perceberam. Uff! [...] são as fontes de riqueza dessa gente, elas não têm outra. Não tem outra alternativa, se a gente os tirar a possibilidade de apanhar um peixe, elas vão fazer o que, menina? Nada, não é? (informação verbal)⁵²P 7

A preocupação com os impactos ambientais, demonstrada nas falas acima, foi a justificativa para negação da licença pelos órgãos ambientais, que sugeriram como alternativa uma área do município onde não há manguezal. Um aspecto consequente da tentativa de implantação de um estaleiro em Coruripe foi o aumento da oferta de serviços no município, como a ampliação (e posterior redução) das linhas de transportes coletivos intermunicipais no itinerário Coruripe-Maceió e outros:

Houve um momento que ia se instalar o estaleiro, que seria o maior da América Latina. Aí com isso vieram algumas coisas há mais, tipo: a abertura de bancos, a internet, é... ouve um, meio que um auê em relação a isso e acabou que não aconteceu, mas alguns benefícios vieram por conta disso (informação verbal)⁵³. P 2

Com os dados até aqui relatados neste capítulo, constata-se que apesar da falta de um planejamento integrado e da ausência de políticas públicas de grande alcance, a oferta do setor de acomodações comerciais em Pontal de Coruripe apresentou crescimento continuado, desde 1985 até 2013.

⁵¹Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁵²Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁵³Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

A partir desse ano, houve um pequeno declínio no crescimento do setor de hospedagens no povoado. Verificou-se também que apesar da presença de alguns estrangeiros entre os pousadistas, a maior parte da oferta de acomodação é de propriedade de pessoas de outros municípios do Estado que se mudaram para Pontal ou mantêm vínculos enquanto residente secundário no local. Além disso, não há a presença de empreendimentos de grande porte, como os resorts internacionais, ou mesmo nacionais.

5 TALC: CARACTERÍSTICAS DA OFERTA E EXPECTATIVAS DE FUTURO

5.1 Características da oferta de hospedagem comercial em Pontal de Coruripe

Com base no histórico dos empreendimentos, é evidente que a oferta comercial de hospedagem em Pontal é diversificada em termos de segmentação, com empreendimentos que disponibilizam produtos básicos de acomodação, do tipo B&B⁵⁴, com diária média de R\$ 130,00, e outros que ofertam serviços adicionais, compatibilizando-se com um público de maior poder aquisitivo.

Em geral, os canais mais comuns de divulgação e contato utilizados pelas pousadas são páginas em redes sociais, telefone, site e e-mail. Folders e cartões também são utilizados por alguns dos empreendimentos, porém, das nove pousadas atualmente ativas, duas não possuem canais exclusivos para este fim, sendo as indicações o meio mais comum de se atingir novos hóspedes, fato comum mesmo entre os empreendimentos que desenvolvem estratégias e ações de promoção:

[...] então assim, a maioria é divulgação boca a boca, [...] A maioria das pessoas que veem aqui hoje são indicações, sabe? São indicadas (informação verbal)⁵⁵ P1.

A gente tem site, os folders e o boca a boca, né? Que rende muito mais do que qualquer coisa (informação verbal)⁵⁶ P3.

Três das nove pousadas em funcionamento estão conectadas a agências *on line*; destas, uma desenvolve um trabalho intenso de parcerias comerciais e divulgação:

Facebook, Instagram, site, folder. É, todas essas empresas que vendem através de portais pela internet, nós estamos cadastrados. As maiores operadoras do Brasil, agências de turismo, então, não só através de, é... clube de férias, *time sharing* [...]. Feiras e eventos [...] A gente já fez divulgação no shopping em Aracaju, em Maceió (informação verbal)⁵⁷ P2.

A maioria dos entrevistados informou que já investiram em outras opções de divulgação como placas, outdoors e propagandas em rádios, porém tais ações não são contínuas, pois o retorno financeiro não justifica o custo. Vale ressaltar que os empreendimentos são de pequeno porte, com poucas unidades habitacionais. Somado a isso, também se tem uma ocupação hoteleira marcada pela sazonalidade, o que justifica a descontinuidade de investimentos constantes em estratégias de divulgação.

⁵⁴*Bed and Breakfast*

⁵⁵Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁵⁶Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁵⁷Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

Como todo destino litorâneo em que não há diversificação da oferta, restringindo-se ao turismo de sol e mar, Pontal de Coruripe sofre os efeitos da sazonalidade, com períodos evidentes de alta e baixa ocupação hoteleira. Desse modo, a dinâmica do clima (sucessão das condições atmosféricas regulares de uma determinada região) ao longo do ano influencia o setor, com a alta temporada compreendendo o período de setembro a março, em concordância com a capital Maceió.

Enquanto em Maceió, portão de entrada do turismo em Alagoas, tem-se uma infraestrutura também voltada aos seguimentos do turismo corporativo e de eventos, em destinos como Pontal de Coruripe, em que não se percebe um planejamento estratégico e integrado do setor, sente-se ainda mais os efeitos da sazonalidade climática, com quatro dos onze entrevistados afirmando que para seus respectivos empreendimentos o período de alta ocupação inicia somente em dezembro, permanecendo em alta até o Carnaval.

Na baixa temporada: pinga! Às vezes chega uma pessoa um dia, na semana. Tem semana de não vir ninguém, é assim. E na alta, assim: no final do ano é cheio, carnaval é cheio, só que esse ano não foi cheio não. [...] mês de janeiro, dá movimento. Porque janeiro é assim, não enche todos os dias, mas dá dois, três, quatro apartamentos, tá entendendo? Até porque tem outras pousadas também, né? (informação verbal)⁵⁸ P1.

Enquanto apenas um empreendimento relatou uma situação de exceção:

Nós somos uma pousada não de alta e baixa e sim de finais de semana e durante a semana. Pra nós, final de semana em baixa temporada é cheio da mesma forma que em alta temporada. O que muda pra gente é o durante a semana, de segunda a quinta, exceto feriado. É, pra nós a baixa é durante a semana (informação verbal)⁵⁹ P2.

Essa característica da P2, que aparentemente permite uma convivência com a questão da sazonalidade, é um indicativo de que apesar das dificuldades enfrentadas por lugares turísticos nos quais há marcada variação no fluxo da demanda ao longo do ano, há possibilidades de se criar alternativas associadas às singularidades da oferta que fortalecem as perspectivas de sucesso do negócio. Além disso, essa situação é indicativa da complexidade da atividade turística, que exige dos setores responsáveis pela oferta um planejamento continuado e atento às características da demanda.

Dos seis entrevistados restantes, um não teve experiência com essa questão por se tratar de seu primeiro ano de atuação no setor, enquanto os outros cinco, são os que afirmaram ter o período de setembro a março como alta temporada, entre estes, há pousadas que têm uma

⁵⁸ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁵⁹ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

demanda de hóspedes estrangeiros, que também influenciam o cenário, visto que em setembro inicia a temporada de frio na Europa.

Com relação às compras para o funcionamento dos serviços dos meios de hospedagem, no geral, as cidades de Maceió e Coruripe se destacam pela possibilidade de vendas de produtos em atacado e a consequente vantagem com relação ao preço. A ocupação hoteleira é outro fator determinante para a escolha do local das compras:

Com pouca gente, faço. A feirinha de sexta-feira, aqui na pracinha e de vez em quando, mas, mais pro turismo do que por outra coisa, eu vou a feira grande [de Coruripe], e as bebidas quando acabam, mas as grandes compras ainda faço em Maceió (informação verbal)⁶⁰ P4.

Produtos emergenciais ou de baixa rotatividade são compradas por alguns dos pousadistas no próprio Pontal. Itens como pão, peixe, e camarão são as exceções, sendo os que rotineiramente se compra no povoado.

Comprava pão, por exemplo, pra o café da manhã, fresquinho, comprava aqui. O que mais? É... a sustentar a economia local, o pessoal que arranca macaxeira, compro daqui, depois outras coisas, ia em Coruripe, ou ia a Maceió diretamente, dependendo, se é alta temporada: vou lá e compro 20 quilos de sabão em pó [...] (informação verbal)⁶¹ P9.

Faço em Coruripe. Quando eu quero coisas mais específicas, eu vou a Maceió. Mas no dia a dia, é Coruripe. Aqui eu consigo coisas emergenciais, só, nada programado (informação verbal)⁶² P8.

Além disso, há o serviço de compras por meio de fornecedores, rotina comum no setor de hoteleira em geral, porém em Pontal foi mencionado apenas por um dos onze entrevistados. O que demonstra um contexto de conexões entre as pousadas e a economia local, pois diferentemente de grandes empreendimentos do tipo *resorts*, por exemplo, que normalmente realizam compras em outros estados e até no exterior; ao manterem suas compras no próprio município ou Estado, estas pousadas geram uma contribuição para a economia, o que demonstra que o processo de turistificação vem favorecendo o desenvolvimento local.

Como outro reflexo da sazonalidade tem-se as relações de trabalho voltadas ao atendimento da demanda turística, com a contratação de mão de obra variando em função da ocupação hoteleira. Dos onze entrevistados, dez possuem funcionários, destes, cinco declararam que mantêm um quadro fixo o ano inteiro e que em períodos específicos de alta ocupação tem-se o acréscimo de diaristas ou *free lancer*, de acordo com a própria definição

⁶⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶² Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

utilizada pelos entrevistados. Dos cinco restantes, um mantém um quadro estático enquanto os outros quatro mantêm praticamente a mesma proporção de permanentes e temporários, entre esses, há dois que contam com apoio de familiares.

Dos 11 entrevistados, seis afirmaram ter dificuldade para contratar funcionários em Pontal, sendo repetitivos discursos como o que segue:

As pessoas aqui, além de não ter qualificação na área, no trabalho, eles não gostam de trabalhar. Às vezes, eu já precisei de pessoas aqui, fui buscar em Coruripe, fui buscar na cidade lá ou fui em outro povoado como no Miaí, ou ali Barreira, porque aqui, é difícil a gente encontrar (informação verbal)⁶³ P1.

No caso de comunidades nas quais há historicamente atividades informais tradicionais, como a pesca e a produção artesanal, as pessoas habitam-se a certa autonomia e podem ter dificuldade de se ajustar a horários comerciais e seguir as rotinas padronizadas demandadas pelo mercado formal. Além disso, tem a questão da baixa remuneração para atividades profissionais mais simples, o que às vezes não atrai pessoas do lugar.

Há ainda um pousadista que salienta que disponíveis para o trabalho as pessoas do Pontal são, porém, o que dificulta a contratação é o fato de não possuírem as habilidades requisitadas. Com um posicionamento contrário, três entrevistados, sendo um inativo, afirmaram não terem dificuldades para a contratação:

Todo mundo fala que é muito difícil encontrar gente que trabalha direito, eu acho que não é. É saber escolher, ver pra que é que as pessoas têm jeito (informação verbal)⁶⁴ P4.

Para os dois entrevistados restantes, a questão não se aplica, visto que em um dos empreendimentos nunca houve contratações de funcionários, o serviço é prestado pelos próprios proprietários, enquanto no Clube Social Afusco, por se tratar de uma Associação, a responsável por contratações não coincide com a entrevistada encarregada pelo setor de acomodação.

Em um contexto histórico marcado pela restrição de atividades econômicas, com um uso predominante do território por atividades ligadas a pesca e ao artesanato, a oferta de postos de emprego ou trabalho que a atividade turística proporciona, apesar de sazonal, demonstra uma contribuição para o dinamismo da economia local.

Os empreendimentos de hospedagem em Pontal não representam a principal fonte de renda para a maior parte dos seus proprietários; dos 11 entrevistados, nove possuem outras opções de rendimento financeiro. As declarações que seguem nos trazem uma ideia da

⁶³ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶⁴ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

realidade local em termos de sustentabilidade financeira desses equipamentos e o consequente desempenho da atividade turística no lugar.

Na verdade hoje, nessa época que nós estamos é... é mais fácil a gente tirar do nosso pra completar, porque tá difícil, né? (informação verbal)⁶⁵P1.

Não. Não é nem fonte de renda, é fonte de prazer (informação verbal)⁶⁶ P3.

Não, graças a Deus não, porque se não, morria né? Morria de fome. Não, graças a Deus não é não (informação verbal)⁶⁷ P7.

Com relação à taxa média de crescimento desde a fase inicial de implantação do empreendimento, passando pelo início do ciclo de vida das pousadas até a atualidade, têm-se as mais variadas situações, com respostas que demonstram um posicionamento estratégico com o estabelecimento de metas:

Nós temos uma meta de 10% (informação verbal)⁶⁸ P2.

Ou o contrário, quando o vínculo com o lugar parece suprimir o tão comum controle financeiro no meio empresarial:

Nunca parou para colocar os pontos nos “is”, do ponto de vista financeiro, pois ele é apaixonado por isso aqui (informação verbal)⁶⁹ P1.

Entre quatro empreendimentos há um discurso comum, com respostas negativas no que se refere ao item questionado:

Não, não cresceu nada. Permanece a mesma coisa de quando eu comecei há oito anos atrás e eu acho que vai ficar assim por um bom tempo. Enquanto não houver uma questão melhor aqui pra gente em termos de turismo: vai ser... (informação verbal)⁷⁰ P5.

Para três dos entrevistados há um declínio recente, sentido desde os últimos meses, mencionado como reflexo da crise econômica no cenário nacional.

É, nesses dois últimos [anos] a gente tá se mantendo com um crescimento não tão elevado quanto os sete primeiros anos (informação verbal)⁷¹ P2.

Não, agora não é crescimento [...] desde que eu cheguei também sempre ascendente e esse ano é que está descendente. Quer dizer, janeiro ainda foi, [...] Mas fevereiro e março já foram mais fracos (informação verbal)⁷² P4.

Não, elas sempre vinham com um crescimento, sempre satisfatório, entendeu? [...] Mas realmente a gente sempre tinha um levantamento onde eles poderiam, um crescimento, é... a

⁶⁵ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶⁶ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶⁷ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶⁸ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁶⁹ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷² Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

cada subida de degrau, né? A gente dava pra perceber isso. E depois isso mudou. Do meio do ano pra cá. Do meio do ano, do ano passado pra cá (informação verbal)⁷³ P6.

Um fato em comum entre os primeiros empreendimentos instalados nos desperta a atenção, quando provavelmente por consequência da limitação da oferta, houve um período de ascendência, e, seguindo essa perspectiva, entre as últimas pousadas instaladas, verifica-se um discurso pautado por um histórico de decadência ou estabilidade – mas nunca de ascensão –, no que se refere à taxa média de crescimento.

Teve um período de sucesso, né. Teve um período bem recompensador, né? [...]. É, depois com a concorrência, com mais alto, concorrência mais estruturada aí a coisa foi... (informação verbal)⁷⁴ P10.

Outro aspecto relevante apontado é a associação que um dos pousadistas faz entre um período positivo de crescimento da receita por consequência da presença de um profissional do setor turístico na atuação da gestão da pousada:

Na verdade tive. Tive mas porque trabalhavam também mais pessoas [...] trabalhando com uma pessoa que trabalhava lá direto só na divulgação, na promoção: sim! Eu vi como, como aumentava [...] (informação verbal)⁷⁵ P9.

O modelo de Butler (1980) prevê momentos de desaceleração, de estagnação de lugares, destinos ou atrações, que podem ter o processo de desenvolvimento afetado por fatores como o crescimento da competição, por exemplo. Portanto, à medida que o ciclo de vida de um destino turístico avança, é necessário que se adote um planejamento e políticas mais abrangentes, que estejam à altura dos novos desafios que o destino passa a enfrentar depois de um certo tempo de desenvolvimento. Em Pontal de Coruripe, o que parece ter havido nesse sentido, foram ações fragmentadas, pontuais.

As pousadas recebem uma demanda de origem predominantemente regional, proveniente de cidades como Aracaju (SE), Arapiraca e Maceió (AL), Salvador (BA) e Recife (PE). Entre os lugares de origem da demanda turística de Pontal, Aracaju e seu respectivo Estado de Sergipe, sobressaem-se, conforme informado pelos entrevistados.

Em menor proporção, têm-se São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul como estados que contribuem para formar a demanda turística de Pontal, além disso, têm-se os turistas estrangeiros, basicamente europeus e latino-americanos, que visitam o lugar desde o início da implantação da oferta comercial de hospedagens.

⁷³ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷⁴ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷⁵ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

A demanda de hóspedes de Pontal de Coruripe é formada por casais, famílias completas e grupos de amigos que buscam lazer. Uma das pousadas com preços mais baixos também mencionou a presença de um público que pernoita em Pontal durante a semana por motivos de trabalho, em geral, pessoas vinculadas ao setor de vendas e comércio.

Parte significativa dos pousadistas afirmou que não houve mudanças de perfil ao longo do ciclo de vida de seus respectivos empreendimentos com intuito de atrair outro tipo de demanda. Dentre os empreendimentos que neste sentido mudaram de alguma forma, tem-se as razões que seguem:

Hoje não é permitido a entrada de alimentos e bebidas de fora e... não é permitido carro de som dentro da pousada. A pousada tem o seu som, aí com isso a gente foi direcionando pra que, criou muitos espaços pras crianças, é... áreas de lazer, que nem o campo de areia, de futebol e vôlei. Tem pelo menos dois espaços pra os pequenos. Então a gente foi meio que é, organizando o espaço da pousada [...] direcionando pra uma coisa mais romântica, mais família, pensando nas crianças, entendeu? Então naturalmente a gente foi direcionando pra que o nosso público-alvo seja realmente casais com filhos, filhos com os pais, grupos de amigos, casais em lua de mel. Não é muito o nosso perfil solteiros (informação verbal)⁷⁶ P2.

O contrário também ocorreu, quando o gosto associado às características de novas demandas implicou em alterações na oferta:

Não necessariamente, mas quando os hóspedes, certas pessoas já estavam atraídas pela pousada [...], comecei a cozinhar de uma maneira diferente, por exemplo os cuscuz de manhã e assim [...] (informação verbal)⁷⁷ P4.

Os relatos acima e as características dos meios de acomodação de Pontal indicam-nos que a oferta é basicamente reativa, ou seja, os ajustes vão sendo realizados à medida que as oportunidades aparecem. Enquanto essa estratégia é importante para se adequar o produto turístico aos gostos da demanda, é fundamental também que os responsáveis pela oferta de um lugar ou destino turístico atuem ao mesmo tempo de forma proativa, isto é, antecipando-se, buscando criar vantagens competitivas frente aos concorrentes.

Apesar das características específicas de determinados lugares litorâneos da região Nordeste, que possuem aspectos particulares que podem influenciar a demanda, as características de Pontal acima mencionadas são em geral comuns à maioria das centenas de lugares turísticos localizados ao longo do litoral nordestino.

Portanto, é importante que os responsáveis pela oferta turística de lugares como Pontal de Coruripe adotem uma postura de planejamento e gestão da oferta turística de tal forma que

⁷⁶ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁷⁷ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

sejam reduzidas as possibilidades de estagnação e declínio da sua demanda. No caso de Pontal, os pousadistas que, na sua maioria afirmam não ter as suas respectivas pousadas como principal fonte de renda, parecem adotar uma postura passiva, portanto, não demonstrando ter uma atitude proativa no sentido de cobrar e cooperar para o planejamento e promoção de Pontal enquanto destino turístico.

Em situações assim, o ciclo de vida turístico do lugar normalmente fica à mercê das características locais e acontecimentos políticos, econômicos, culturais e ambientais, limitando o seu potencial de sucesso continuado, ou limitando o seu potencial de reverter demandas descendentes, como está acontecendo em Pontal desde o final de 2013 (Gráfico 4).

5.2 O turismo na visão dos empreendedores e expectativas de futuro do destino

O Quadro 3 nos traz a visão dos empreendedores sobre o cenário da atividade turística no povoado, que elencaram as características abaixo como os pontos positivos e negativos do turismo em Pontal:

Quadro 3 - Turismo em Pontal: a visão dos pousadistas

Entr.	Pontos positivos e negativos do turismo em Pontal	
	Pontos positivos	Pontos negativos
P 1	Uma das coisas que faz as pessoas vir pra o Pontal é que aqui é um lugar tranquilo. Aqui as pessoas se respeitam, você não vê violência, você não vê nada aqui, não vê.	É falta de estrutura de restaurantes, de barzinho. De... pessoas pra orientar, pra falar alguma coisa da terra, eu acho que isso aí deveria ter. Porque aqui tem uma história, [...] aí tem muita gente que vai pra outros lugares onde tem balada, onde tem essas coisas, a vida noturna mais ativa, né? Eu acho que precisava melhorar nesse sentido aí. Melhorar a questão de, melhorar, fazer saneamento básico, tá entendendo?
P 2	As belezas naturais, são especiais.	Eu acho que a prefeitura ela poderia divulgar mais o local [...] outra coisa negativa também, é... eu acho que poderia fazer uma campanha de conscientização do povo em relação ao lixo porque isso é muito importante culturalmente, né. [...] Pra saúde é ruim, mas principalmente pra parte turística, causa uma má impressão.
P 3	Do turismo, eu não vejo nada, nada de bom. Nada! Nunca, a gente não tem, é como eu disse a você, a gente não tem nenhum atrativo, não tem nenhum chamativo pra nada aqui. Não tem!	De lixo, da falta de divulgação, da infraestrutura, que é um lugar cheio de lama, de coisa, essas coisas todas.

Continuação

P 4	Bem, ainda se tem uma comunidade com vida própria, não é um Porto de Galinhas. Ter um pôr do sol maravilhoso. Ter uma praia que está sumindo, mas que ainda é boa. Não ter excesso de turismo. Ter peixe fresquinho chegando, poder pescar, pegar um barco e ir pra fora, tem umas viagens organizadas. O artesanato que fazem e a comunicação das pessoas que ainda é boa.	O lixo, o lixo, o lixo. O barulho, o barulho, o barulho. As drogas, as drogas, as drogas. O comércio e assaltozinhos, e assaltozinhos e assaltozinhos. A falta de conceito de grupo.
P 5	A tranquilidade, uma praia bonita, essa aguinha mansa que quando tá sequinha fica aquela piscininha que os pais podem deixar os filhos à vontade. É o que eu vejo.	Eu acho que, os negativos é justamente a falta de pessoas pra induzir esse turismo. Pra oferecer coisa melhor, pra que o turismo viesse com mais vontade.
P 6	Acredito que a praia em si, o povo tem, o povo é bem hospitaleiro, né, gosta de ajudar realmente.	Vem a falta de estrutura na situação do urbanismo, né, a questão de limpeza. Apesar que, não era só uma obrigação do poder, da questão da prefeitura em si. Ahh! questão de lixo, questão de saneamento básico, mas isso também, viria da própria população, de uma certa conscientização.
P 7	Quem quiser vir descansar, quem quiser vir, [...] É uma praia pacífica, calma, sossegada, com, tem muito interesse para quem quer vir aprazivelmente passar uns dias, e... é.	Número 1: falta de segurança. Número 2: saneamento básico. Número 3: o aspecto degradado das casas, [...] é o que eu acho. Sobre o ponto de vista turístico [...], falta de divulgação e falta de eventos, são coisas que conduzam a riqueza, pras pessoas poderem vir.
P 8	Do lugar, da praia, das atrações, de vários tipos, tem o turismo também que pode ser explorado que é o turismo rural, né? Porque aqui tem muita fazenda, tem áreas, tem muita coisa pra, além da praia. [...] Passeios de jangada. O pôr do sol que é considerado um dos mais bonitos do Estado.	Os pontos negativos? O som. O som é o ponto mais...
P 9	É limpo, porque se a Priscylla vai ver o dados do IMA, do IBAMA, das águas impróprias, só no litoral da Alagoas, vá ver Maceió, vá ver Maragogi [...] Isso é um ponto que é raro, não quero dizer único. [...] Aqui a cervejinha é só, o peixe, o camarão, porque lá em São Paulo é 80, 90 reais o quilo, o camarão aqui você encontra de 20, de 15, de 20. [...] É uma riqueza que não é encaminhada, está solta! [...] E essa é a grande riqueza dessa, dessa praia, da morfologia, a morfologia do território daqui é uma das melhores morfologia, junto com o clima.	A primeira coisa é a falta, o esgoto, o saneamento básico [...] Isso continua a ser e depois... turisticamente falando, uma falta de uma agenda, [...] Porque o turismo é uma fatia importante do bolo, tem que ter uma agenda, uma programação, [...] O outro aspecto é, mas que não é que pertence só ao Pontal, é o serviço de transporte. O serviço de transporte à noite.

Continuação

P 10	Uma bonita praia. Artesanato, com o artesanato aqui dessa região é conhecido internacional, já ganhou vários prêmios, vários prêmios e a... comida, né? A gastronomia. Até existia o curso aqui todo mês, da gastronomia. Vários, vários, vários, era intensivo mesmo, já pras pousadas crescerem, o governo tinha interesse aqui porque era um, aqui era um, como eles chamavam na época, era um... usava-se até uma frase que no momento, foi “sem chaminé, chaminé...” [indústria sem chaminé].	Depois começou o lado negativo, com o correr do tempo, foi que o governo não se preocupou mais, veio governo e mais governo, aí começou mais olhar pra capital, né? Começou mais a olhar pra capital. Aí foi esquecendo o potencial dos municípios, apesar de os empresários tarem fazendo sua parte. Era hotéis e hotéis surgindo, né, era hotéis e mais hotéis surgindo. Mas essa contrapartida do governo, como o governo até hoje o governo, depois dos anos, depois de 2000, por aí, 2005 por aí, ninguém viu mais ação do governo. Entendeu?
P 11	Só as belas praias.	Falta de interesse dos gestores públicos; saneamento; lixo nas ruas; péssima qualidade da energia.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Com base no quadro acima, pode-se compreender que a oferta turística em Pontal sempre esteve relacionada ao meio natural, traduzida pelas praias, o pôr do sol, os frutos do mar – o que naturalmente também inclui aspectos da gastronomia, a qual é influenciada pelos produtos comuns à região. Enfim, as belezas naturais de Pontal predominam entre as experiências vividas pelos visitantes.

Além deste aspecto, a comunicação com a população local e a oferta representada pelo artesanato incrementam a experiência turística e determinam os pontos positivos do turismo no destino, que se soma ao modo de vida local de uma comunidade pautada pela tranquilidade.

Como o histórico dos empreendimentos nos indica, a primeira fase do processo de turistificação em Pontal ocorreu de modo espontâneo por meio da atração de veranistas para a localidade.

Nessa perspectiva, Pontal passou por uma segunda fase de seu ciclo de vida turístico, marcada pela inserção do mercado como agente de turistificação – o que se concretizou por meio da implantação dos meios de hospedagem comerciais, a partir da década 1980. Contudo, não se verifica no processo de turistificação local a inserção de modo estratégico da terceira fonte de turistificação elencada por Knafou (1996), que são os planejadores e promotores “territoriais”, interpretada aqui como a gestão pública, que pode ou não envolver a participação das comunidades locais.

Tal contexto traz implicações atuais em termos de deficiências no que diz respeito a alguns serviços que são necessários para que haja um bom desempenho da atividade turística. Ocorre que Pontal de Coruripe possui atualmente uma oferta de 335 leitos, sem, no entanto, possuir os demais serviços básicos para um destino turístico, como por exemplo, opções de entretenimento e oferta de serviços de A&B no período noturno principalmente.

Quando veio aquela Dança da Galera⁷⁸ foi uma festa, atraiu muita gente. Coisas que atraia o público porque você vem pra um lugar pra ficar 48 horas dentro de uma pousada, tomando banho de piscina? A noite você não tem pra onde ir, não é? Não tem nada disso. Só quando é janeiro que tem a festa aí, a festa do padroeiro, né? Que aí janeiro o Pontal é ótimo, porque você sempre tem alguma coisinha. Mas fora disso não tem nada (informação verbal)⁷⁹ P3.

O cenário turístico de Pontal traz uma clara demonstração de deficiências no setor de A&B e uma dependência com relação ao centro urbano de Coruripe, tanto para utilização de serviços bancários como principalmente para serviços de alimentação noturna.

É, algumas vezes, é... a falta de um restaurante aberto à noite [...]. Abriu ao contrário em Coruripe, Coruripe evoluiu, abriu outra pizzaria, outro restaurante, mas sempre tem que ser ligado ao transporte, porque quem vai sair às 7 da noite, não tem mais ninguém lá que pega a pessoa e leva em Coruripe. Voltamos sempre lá, não? É como uma cobra que morde o rabo dela (informação verbal)⁸⁰ P9.

Além da deficiência em termos de serviços, problemas com infraestrutura frisados nas falas dos pousadistas, demonstram que o crescimento da capacidade receptiva por meio de ações empreendedoras particulares não teve a mesma evolução e acompanhamento por parte do setor público, a quem compete disponibilizar a infraestrutura necessária ao atendimento da população fixa e flutuante, em se tratando de localidades turísticas.

E, nesse contexto, se as deficiências em termos de serviços são vividas e sentidas pelos turistas que visitam Pontal, os problemas relacionados à infraestrutura básica, como a presença de lixo e esgotos a céu aberto nas ruas, obviamente não passam despercebidos aos seus olhos. Este problema é bem caracterizado no relato abaixo, realizado por um pousadista:

Isso é o que eu digo: lixo, é a... cheia de lama, a praia suja. Os esgotos indo pro mar. Lá, lá ali naquela parte do Baiano vai tudo pro mar, esgoto e tudo. Aqui: essas casas aqui têm três que botam pro mar, ou quatro, esgoto. O povo vê isso, né? E sente. Já foi tirado foto, já foi

⁷⁸A Dança da Galera, foi um quadro do Programa Domingão do Faustão da rede Globo de televisão. Exibido em abril de 2013, o quadro reuniu mais de 1800 pessoas para uma coreografia coletiva na praia de Pontal de Coruripe, o que contribuiu com a divulgação o destino.

⁷⁹ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁸⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

mandado pra prefeitura, ficaram de vir, ficou de vir o saneamento, aquele... vigilância sanitária e tudo e nunca apareceu nada por aqui, nada! (informação verbal)⁸¹ P3.

Entretanto, em meio às deficiências na oferta de serviços e às carências de infraestrutura, algumas ações que contribuíram para a melhoria do setor, foram implantadas no período 2000-2015:

Sim, e foram feitas algumas coisas que necessitavam foram feitas, tipo um terminal turístico, de informações, foi criado ali no farol. Sinalização, também hoje a gente tem uma sinalização boa. A, principalmente a estrada que era horrível e hoje a gente tá com a estrada toda novinha. Então eu acredito, sempre há, a gente sempre quer mais né? Sempre quer mais, mas foi, precisava e foram feitas algumas coisas, sim (informação verbal)⁸² P2.

Olhe, já está sendo feito, que é a obra de saneamento na cidade, que era uma coisa terrível que eu não conseguia trazer, eu não conseguia às vezes convidar uma pessoa pra vir aqui, porque a pessoa dizia: 'Ah, aquela cidade suja, cheia de, de esgoto no meio da rua, aquele esgoto verde.' Então era uma coisa que afastava muito e agora eu acho que é uma coisa que vai mudar muito essa visão do Pontal, dessa região aqui, é essa obra de saneamento, que tá sendo feita na cidade (informação verbal)⁸³ P8.

A obra do esgotamento sanitário está sendo vista pelos pousadistas como positiva, com expectativas de melhoras para o setor turístico. Essa obra é resultado do projeto Educar e Sanear, proposto pela Associação dos Moradores e Amigos do Pontal (AMAP) por meio de uma seleção pública promovida pela Petrobras no ano de 2013 (Integração Petrobras Comunidades), com o intuito de viabilizar projetos sociais em comunidades de atuação desta empresa (PETROBRAS, 2016).

Entretanto, é necessário ainda se esperar pela conclusão das obras de saneamento para se avaliar se elas serão adequadas, isto é, se realizarão a coleta, tratamento e disposição final dos esgotos. Há casos em que se coleta o esgoto, mas ele é lançado in natura em corpos d'água, sem o devido tratamento, o que, na realidade, apenas transfere o problema para outro lugar, dentro do próprio destino.

O barulho, normalmente decorrente de sons automotivos, além de ser visto como ponto negativo por parte significativa dos pousadistas, também foi mencionado por quatro deles como algo que afeta negativamente o funcionamento das pousadas, o que demonstra que a população local parece não estar envolvida nos processos de decisão e de gestão do turismo.

⁸¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁸² Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁸³ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

Essa aparente carência de sensibilização e compreensão a respeito das peculiaridades da atividade turística, é traduzida pelas falas dos pousadistas abaixo:

As pessoas aqui são muito barulhentas, [...] ouvem sons muito alto e não entendem que elas indiretamente vivem desse turismo que vem pra cá, né. E com isso elas vão assustar as pessoas, porque ficam com, tantos lugares de praia que tem, tanta beira mar que tem, terrenos, sítios, né, por aí, e as pessoas vêm pra frente ou pra trás da pousada botam um paredão de som e não têm o menor respeito, né? Enquanto as pessoas tão vindo pra cá justamente pra descansar, pra ter paz, pra ter... Esse silêncio aqui que você tá ouvindo, final de semana às vezes não tem. Então essa é uma coisa que eu acho que ameaça bastante a região, é, que as pessoas reclamam mesmo, porque ninguém tem essa consciência (informação verbal)⁸⁴ P8.

Ahh! não tem data não! Se você acordar duas horas da manhã, eu moro ali, a minha casa é ali, com um som, um carro virado pra'li que acorda todo mundo. E não tem polícia (informação verbal)⁸⁵ P3.

Aos finais de semana, a perturbação sonora em Pontal é sentida, enquanto parte da população local desfruta os períodos de tempo livre marcados pela utilização de equipamentos de som, contradizendo a tão mencionada tranquilidade inerente à oferta turística de Pontal, caracterizando desse modo, o que Knafou (1996) e Cruz (2003) definem como confronto de territorialidade entre visitantes e visitados.

A expansão do número de residências secundárias na década de 1990 traz consequências atuais para este cenário. Parte significativa das residências secundárias em Pontal permanece fechada durante a maior parte do ano, e assim, torna-se comum disponibilizá-las para locações por temporada, o que faz com que haja uma rotatividade entre seus usuários, que não mais se restringem aos proprietários e seus convidados, e acabam sendo utilizadas também por pessoas que não possuem vínculo anterior com o lugar.

Fonseca e Lima (2012, p. 16-7) ressaltam que:

Se no passado recente a aquisição da segunda residência tinha como finalidade principal o lazer dos proprietários e familiares, na atualidade representa também um investimento rentável, uma vez que o proprietário pode alugar o imóvel para eventuais turistas, que, em vez de se hospedarem na hotelaria convencional, procuram esse tipo de hospedagem, que pode baratear as despesas da viagem, especialmente quando se trata de um grupo familiar.

E sobre as locações das residências secundárias, e suas repercussões para Pontal enquanto destino turístico, um de nossos entrevistados comenta:

⁸⁴ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁸⁵ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

[...] são alugadas nas épocas de verão e nas épocas de... para que as pessoas possam vir fazer suas festas, habitualmente muito perturbadas porque essas pessoas que alugam essas casas, veem pra fazer confusão no Pontal, trazer tal música, tal berro e sem respeito nenhum com os vizinhos do lado e não sei o quê, porque também não há policiamento. [...] e os mais idosos, os mais velhos aqui queixam-se muito, porque falam muito comigo. Que já não suportam aquilo, alguns vão pras casas dos filhos porque não aguentam porque a vizinha do lado tem alugado a um grupo de Arapiraca [...] que vem beber cerveja e fazer confusão na rua. [...] Ou seja, as pessoas acham que o fato de estarem na praia, têm direito de chegar e fazer a maior confusão e o maior berro, ‘e vou gritar e não sei o quê’ (informação verbal)⁸⁶ P7.

Se de um lado, tem-se uma perturbação sonora fora dos padrões em termos de limites de altura e horários, do outro se tem uma total ausência do poder público, que apesar de proibir o uso de som automotivo por meio da lei municipal de número 1.266/2013 se omite de seu papel fiscalizador para o cumprimento da legislação.

Com base nas entrevistas, o que se percebe é que os pousadistas encaram esse problema conforme as circunstâncias, sem qualquer tipo de apoio, pois por vezes tiveram-se relatos de que quando se solicita a presença de policiamento no povoado, os chamados nunca são atendidos quando a reclamação é o excesso de barulho.

Assim, há também uma falha do poder público, o que parece indicar uma falta de integração da oferta turística com o governo, com efeitos nocivos para a experiência dos visitantes, o que, indiretamente, afeta a visão que o turista tem sobre o lugar e contradiz um pouco as falas de alguns pousadistas que se referem ao Pontal como um lugar tranquilo e sossegado.

Nesse aspecto, podem-se identificar distintos usos do território que formam a territorialidade dos turistas que frequentam as pousadas, dos pousadistas e de parte da população de Pontal, que buscam sossego e sentem-se afetados pelo posicionamento de turistas que se hospedam em residências secundárias, de alguns veranistas e de uma camada mais jovem da população local. Em conversas informais com moradores de Pontal, constatamos, por exemplo, que em decorrência do barulho na área mais central do povoado, algumas famílias mudaram-se para áreas que tem um histórico de ocupação mais recente, como é o caso da rua Jenipapo, por exemplo.

Passados 30 anos desde a implantação do primeiro meio de hospedagem comercial em Pontal, com uma oferta historicamente composta por recursos naturais, o Quadro 4 nos indica

⁸⁶ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

as recomendações que os pousadistas fazem aos turistas, o que se traduz pelo modo como esses empreendedores enxergam o produto turístico do qual os próprios são parte:

Quadro 4 - Atrativos que os pousadistas de Pontal recomendam aos turistas

Entr.	Atividades ou experiências que pousadistas recomendam aos turistas em Pontal e no entorno
P 1	Eu indico logo assim as praias que nós temos aqui mais próximas, né? No caso, Lagoa do Pau, a praia daqui, [...] eu digo assim: Olhe se for ficar mais de um dia eu peço pra eles ficarem durante a semana aqui e no final de semana ir pra outra praia. Por que? No final da semana a população chega na praia, aí fica muita gente e o espaço se torna pequeno, restaurante é pouco[...].o passeio também da Foz do rio São Francisco que é muito bonito [...]. E quando é a noite eu também dou essa opção, como aqui já não tem restaurante, eu, tem o pessoal que eles entregam, né? [...] Sim aí eu indico também esse passeio do D. Rodrigo ⁸⁷ , sabe?
P 2	Conhecer as belezas naturais da região. É, eu acho que isso é crucial, ver o pôr do sol ali no farol que é especial, enfim, fazer os passeios, enfim, tudo o que, todas as belezas que a região proporciona a gente seduz, induz o cliente a visitar. Ele sai com uma outra imagem da região.
P 3	A gente... eu acho muito bonito aquele encontro ali do rio com o mar e o farol, né? É onde tem pra ir, por que não tem mais nada aqui. E o passeio do Deda, mas é muito difícil a gente encontrar ele.
P 4	Ver o pôr do sol. Dar um passeio a pé até a Lagoa do Pau. E o peixe, olhar as artesãs fazerem as bolsas, o pôr do sol, ir pescar ao baixio de D. Rodrigo, [...]. E depois ir, por exemplo, a Piaçabuçu ver a foz do São Francisco, que é mais longe e nunca mais mandei passear pela chã, lá em cima, porque era muito bonito, mas tá tudo cercado não sei se ainda é possível. E visitar o Wallisson, que é o artista local.
P 5	É a praia. É a única diversão que tem aqui. A não ser quando assim, acontece, tem um evento aqui que é feito no verão, inclusive esse ano não teve. Que é o Sábado na Orla, que é uma vez no mês.
P 6	Tem ali, existe o baixo de D. Rodrigues, alguma coisa assim [...]. Existe o mergulho também [...]. Então assim: não se tem uma, a gente não encontra isso no <i>site</i> da prefeitura, não encontra isso... mas quando vem que conhece: Ahh fulano! você fala com um pontalense aqui e ele: Ah! Eu tenho um barco e levo. Mesmo sem muita segurança, mas leva, entendeu? Mas só nessa questão do mar, da praia.
P 7	Só tem, aqui no Pontal não tem nada. Quer dizer, tem água, praias maravilhosas, água e tem a hipótese de, os homens trabalham aqui com os barcos, levar as pessoas pras ilhas, pra o Baixio e pra ilha do D. Rodrigo [...]. Procuo de alguma maneira divulgar um bocadinho da cultura dos índios Caetés, explicar o que é que se passa aqui [...]. A noite não os aconselho a sair num perímetro razoável de 50 metros da pousada, 60 metros, ou irem comer um lanchinho a praça e voltarem, que é o único possível e pronto, mas não tem mais nada pra fazer porque não há um restaurante como deve ser aberto [...].

⁸⁷D. Rodrigo é uma área mais rasa do mar costeiro – um “baixio” – onde há formações de recifes, localizados a aproximadamente 3 km da praia.

Continuação

P 8	Recomendo, recomendo os passeios de barco, do naufrágio, as piscinas da praia, quando a maré tá seca. Duas Barras, Lagoa do Pau. Todos esses lugares, né? Poxim, passeio pelo rio Poxim, todos esses lugares por aqui perto, né? O artesanato de Feliz Deserto, o passeio da foz do São Francisco, Piaçabuçu. O próprio Penedo, né? quando a pessoa tem mais tempo.
P 9	O passeio no Baixo de D Rodrigo, na pedra grande, e depois era Piaçabuçu, a foz do Velho Chico. [...] levávamos pra fazer o passeio na mata atlântica, que tinha uma trilha de uma hora, de duas horas. [...] Barreiras, se uma pessoa quer comer algumas coisas que envolve crustáceo, que envolve marisco, como maçunin, tudo isso, aqui ao redor, temos o lugar que tem experiência, que tem cultura nisso. É... depois ficando na região, se a pessoa quer ficar num lugar mais sossegado, onde a pessoa deverá levar também um copo d'água, porque não tem nada, é a foz do rio Poxim. A foz do rio Poxim é um lugar que é protegido ambiental, da lei ambiental [...]. Piaçabuçu e Penedo. Piaçabuçu e Penedo é um pedaço de história do Brasil.
P 10	Vinha curtir mesmo só a praia e o artesanato e o local achava maravilhoso, o pôr do sol, né? Muito bonito o pôr do sol aqui. Vinha conhecer Barreiras, um povoado vizinho também, e mais... é descansar!
P 11	Tem os passeios pras piscinas naturais. E as praias ao redor. Conhecer a cidade de Coruripe.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

As falas acima indicam a base de recursos que serviu de apoio para o processo de turistificação de Pontal, o mesmo fator de atração de três décadas atrás, continua atualmente sendo o impulsionador da oferta local, que são as belezas naturais. Além dos visíveis recursos naturais, Pontal de Coruripe possui a tradição do artesanato em palha de ouricuri, tendo inclusive duas lojas das Associações de Artesãs, além de outros elementos do patrimônio imaterial, como a possibilidade de ter sido o primeiro local de avistamento do Brasil por Cabral, conforme abordamos em capítulo anterior.

Entretanto, em um lugar no qual não há um planejamento integrado do turismo, com a iniciativa privada atuando de forma praticamente isolada, sem o poder público exercer um papel importante na formação da oferta turística local, há claramente dificuldades de diversificação da oferta. Em regiões ou lugares marcados pela sazonalidade climática e por uma ênfase exagerada no apelo proporcionado pela natureza, sem atuação ativa do governo, o lugar pode alcançar uma fase séria de estagnação e declínio, como previsto pelo modelo do *TALC*, de Butler (1980).

Além disso, o modo pelo qual os pousadistas enxergam o patrimônio cultural pontalense traz um reflexo na oferta turística local, o que pode impactar no tempo de permanência de turistas no destino, assim como na possibilidade de retorno e/ou indicações. Compreendemos que não há a formatação de um produto turístico que envolve aspectos

culturais do lugar, no entanto, a disseminação de informações relacionadas ao processo histórico singular pontalense poderia contribuir para o interesse do turista pelo Pontal, com efeitos positivos sobre o desenvolvimento turístico.

A sensibilização para a inclusão de aspectos do patrimônio cultural à oferta turística local é sentida apenas pela minoria dos pousadistas, o que possivelmente repercute na visão que os próprios turistas adquirem do lugar e principalmente no tipo de experiência que eles podem desfrutar.

Podemos citar o exemplo do artesão: “E visitar o Wallisson, que é o artista local” (informação verbal⁸⁸) P4. Wallison Dário da Silva é artesão, trabalha com esculturas e móveis em madeira, residente de Pontal, Wallison afirma em uma reportagem: “Quem costuma comprar minhas obras geralmente mora em Maceió. Outras pessoas dessa região também compram, como alguns proprietários de pousadas e hotéis” (OLIVEIRA; VIEIRA, 2015). Entretanto, Wallisson foi citado apenas por um pousadista, o que pode indicar uma falta de percepção entre os pousadistas de potencialidades locais para a diversificação da oferta turística pontalense.

Toda a oferta de hospedagem comercial, com exceção do primeiro proprietário do Pontal Praia Hotel, foi empreendida por agentes externos, ou seja, por não pontalenses que, no entanto, escolheram o Pontal não somente como um ponto estratégico para o desempenho de uma atividade comercial, mas também como um lugar de moradia – fixa ou ocasional – o que levou a uma conseqüente criação de vínculos com o povoado.

Entretanto, e de forma paradoxal, mesmo sendo os principais responsáveis pela oferta turística local, a maior parte dos pousadistas parece não ter desenvolvido vínculos fortes com a cultura local, o que transparece ao não mencionarem de forma significativa o patrimônio cultural de Pontal como um recurso importante para o desenvolvimento do turismo no lugar.

Com base no quadro acima, pode-se concluir que a visão de turismo de alguns pousadistas limita-se a uma “oferta de sol e mar” e atribuem as deficiências do destino à ausência do poder público sem, no entanto, posicionarem-se como formadores de oferta que são e nem revelarem interesse em mobilização e organização.

O fato de se vivenciar uma sociedade em que barreiras físicas e temporais são facilmente eliminadas, muitas vezes, faz com que se maximize a valorização de padrões globais em detrimento da valorização do que é local” (SILVA, 2013, p. 349).

⁸⁸ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe-AL.

Um aspecto importante para o futuro do turismo em Pontal de Coruripe é que desde os últimos dois anos as pousadas locais têm enfrentado dificuldades financeiras que ameaçam a continuidade desses empreendimentos:

O que acontece é que neste momento a despesa subiu brutalmente, os IPTUs subiram brutalmente, as coisas subiram brutalmente e todo o pequeno lucro que existiu durante os primeiros três ou quatro anos, e eu estou falando de pequeníssimo lucro, deixou de existir também, passando a estar no vermelho (informação verbal)⁸⁹ P7.

Ameaçasse não, mas a gente sentiu muito a crise, essa crise desses dois anos, do governo, a gente sentiu, por exemplo, todas as pousadas da Lagoa do Pau elas foram fechadas. A gente sentiu uma queda no movimento, enfim, mas não ao ponto de ameaçar o fechamento, mas a gente sentiu a crise, sim. Ainda sente, né? (informação verbal)⁹⁰P2.

Mas aí a gente, nós estamos empurrando com a barriga, como dizem, né? Estamos levando, fazendo tudo pra manter os funcionários que nós temos que já é um funcionário muito antigo, porque de qualquer forma é um, é um trabalho pra ele, né? (informação verbal)⁹¹P1.

Diante desse contexto, os Quadros 5 e 6 apontam as perspectivas futuras do turismo em Pontal, com base na visão dos pousadistas.

Quadro 5 - TALC: perspectivas de futuro da oferta de hospedagem

Entr.	Perspectivas futuras dos meios de hospedagem em Pontal
P 1	Eu queria muito que isso aqui melhorasse, sabe? Crescesse bastante [...]. Aí eu posso dizer: hoje na situação que está o país, a pousada, a situação financeira das pessoas, eu não tenho perspectiva não, eu tô mantendo mas eu não tenho perspectiva de dizer: Olhe, eu tenho dinheiro pra isso, eu tenho uma reserva, ou eu tenho uma reserva não, eu tenho uma clientela que mantém isso aqui e através dessa clientela eu posso investir. Eu não tenho isso.
P 2	A gente quer, tem ideia de comprar a pousada, pra poder ampliá-la.
P 3	Aqui? Vejo não, nenhuma!
P 4	Vai simplificar cada vez mais, mas eu acho que vai ter sempre alguém a trabalho [...]. Mas a tendência é, talvez funcionar até com mais pessoas [...].
P 5	Eu não espero nada! Não espero nada, nada, nada! E também nem vejo nada. Eu vejo é um monte de gente desistindo das coisas, como uma amiga minha, uma conhecida minha que ele veio de Portugal, comprou o Casarão, reformou o Casarão fez pousada e tudo, mas não tinha turismo! [...]. Eu tenho muito conhecimento assim, com pessoas que têm pousada aqui [...], e a reclamação é do mesmo jeito.

⁸⁹ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 04 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

Continuação

P 6	Vai depender de uma situação interna mesmo, na questão da própria diretoria mesmo rever e avaliar que se tem em suas mãos uma maneira de vender o produto, né? De, de, vamos dizer assim: de investir, né? Que existe a probabilidade de aumentar. Mas caso isso não tenha investimento, independente das crises que se tenha ao redor [...] eu acredito que isso pode vim até a diminuir, a fechar, entendeu?
P 7	A minha perspectiva futura da pousada é vender e ir embora [...]. É! Não vejo grande futuro aqui, porque um, como lhe disse, estive há dez anos pensei que isto ia desenvolver que a praia ia ficar mais e tal. E neste momento enquanto a pousada foi autossuficiente, conseguiu pagar os seus empregados e manter a qualidade de vida que tenho, tudo bem. A partir do momento em que eu vou ter que começar a tirar da minha renda pessoal [...] como tem acontecido nos últimos meses [...], então nesse caso eu vivo com a minha qualidade de vida que é muito boa [...], sem necessidade de estar aqui a sacrificar-me para tirar do meu, da minha qualidade de vida para pagar aos meus empregados [...].
P 8	Olhe, que sejam as melhores possíveis! [...] Eu tenho muito intenção de comprar essa casa. E comprando a minha intenção é dar mais uma incrementada, [...] pra deixar o lugar mais confortável.
P 9	Não se aplica
P 10	Não se aplica
P 11	[Esse pousadista foi evasivo em relação à questão, mas ao final comentou]: Minha família vai tá entrando com a cara e a coragem.

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

Apesar da resposta evasiva do P11, ela parece comunicar alguma confiança no futuro da pousada e do turismo em Pontal de Coruripe, caso contrário, o mais lógico seria não investir. Quando questionados se pretendem continuar trabalhando no empreendimento nos próximos anos, dos nove atuais pousadistas, seis responderam que sim, destes, alguns demonstraram expectativas de melhora no setor:

Com certeza, eu tenho fé em Deus disso aqui melhorar, agora não sei como. Mas vai melhorar (informação verbal)⁹² P1.

Enquanto há pousadista que pretende continuar com o negócio, porém:

É porque aqui a minha pousada ela é meio que assim: quando eu alugo, eu alugo. Quando eu não alugo: vêm os amigos, vêm os conhecidos, vem a família. Então assim: pra mim, de uma certa forma, fica até como uma hospedagem pra minha família, pra não ter que ficar na minha casa. Então, ela sempre vai existir, dessa forma (informação verbal)⁹³ P5.

⁹² Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹³ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

O objetivo de vender a pousada foi mencionado por dois empreendedores que demonstram em seus discursos um descontentamento com o lugar, principalmente no que diz respeito à gestão pública, ou à falta desta, da atividade turística.

Se, não vender? Pretendo vender, querer vender. Mas não pretendo fazer mais nada do que isso. Não aumentar, investir nada. Aqui no Pontal eu não invisto nada (informação verbal)⁹⁴
P3.

Os comentários acima parecem sugerir a existência de certo nível de aceitação por parte de alguns pousadistas frente à condição atual do seu negócio e do turismo em Pontal de Coruripe. Essa interpretação deriva de uma atitude relativamente passiva diante da dinâmica do turismo no lugar, ou seja, a maior parte dos pousadistas não parece vislumbrar a ideia de se buscar desenvolver um trabalho articulado com todos os que fazem parte da atividade turística em Pontal para criar alternativas e para enfrentarem os desafios coletivamente.

Em conversas durante os levantamentos iniciais que este estudo demandou, buscamos compreender se havia alguma forma de organização coletiva entre os pousadistas de Pontal e as respostas obtidas indicaram que neste aspecto, há um desgaste em função de encontros e reuniões passadas, que não resultaram em ações concretas de promoção do setor, como explicita a fala abaixo:

Que às vezes a gente acha ou sente que é uma falta de investimento ou do Estado ou do nosso próprio município, né? Ou se realmente, porque já até tentamos, teve uma, uma... reuniões de donos de pousadas, pra ver o que realmente a gente poderia fazer. Só que nem tudo o pessoal das pousadas pode fazer, né? Sozinhos eles não têm como, então vai precisar do apoio de prefeitura, do Estado, de órgãos que realmente viabilize essa situação do turista chegar (informação verbal)⁹⁵ P6.

A descontinuidade de ações propostas pelo setor público é algo mencionado: a cada mudança de gestão adota-se um novo posicionamento, o que faz com que não se tenha avanços nesse aspecto, o que dificilmente acontecerá enquanto a atividade turística não for pensada a longo e médio prazos.

A ideia de “o turista chegar”, ou seja, trabalhar na captação de uma demanda é consequência de ações de promoção e divulgação do lugar enquanto espaço receptivo; esta deficiência, aliás, foi citada como uma causa indireta do encerramento das atividades de uma pousada no ano de 2015, devido à insustentabilidade financeira do negócio, atribuída pelo antigo proprietário como resultado da falta de ações de planejamento e divulgação do destino.

⁹⁴ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹⁵ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

O Quadro 6 apresenta as expectativas de futuro dos pousadistas com relação à atividade turística em Pontal:

Quadro 6 - O futuro do turismo em Pontal de Coruripe

Entr.	Como atuais e ex-gestores de meios de hospedagem enxergam o turismo em Pontal de Coruripe no futuro
P 1	<p>Se as pessoas tivessem simplicidade de ensinar você a fazer um artesanato daquele, mostrar, [...] É essas pequenas coisas que eu acho que deve ter, sabe? [...] O lugarzinho permanecer o mesmo lugar humilde, simples, mas com uma estruturazinha decente que dê pra acolher as pessoas. Eu não penso como Maragogi, como Porto de Galinhas como esses lugares, não. Eu penso assim, um lugar, uma praça que você possa se divertir, possa ouvir música [...]. Eu penso num lugar tranquilo, num lugar de paz, agora um lugar que quando você procurar uma farmácia, tenha. Um lugar que você tenha um mercadinho pra você comprar as coisas, um lugar que você tenha um restaurante, um lugar que você possa: eu quero ouvir uma música hoje, [...] Não precisa ser muita coisa que aqui o espaço não é muito.... eu acho que tendo esses, essa estrutura.</p>
P 2	<p>Depende de muita coisa, né? Depende de gestão pública, quem vem, secretário de turismo, as pessoas, é de repente vem uma pessoa, entra um secretário de turismo com uma garra pra fazer com que o local desabroche, né? Então, não dá pra mensurar assim, em dez anos. [...] Então, a divulgação, ações, criar o que fazer à noite pra o turista. Tão pouco, né, de repente o próprio secretário de cultura poderia fazer durante a noite apresentações, existe a cultura na região. A dança do coco, uma quadrilha, um reisado, as caboclinhas. [...]A questão da, lixo, espalhar lixeiros na cidade, essa conscientização, de repente uma gincana nas escolas. [...] Então são pequenas ações, às vezes nem são investimentos tão altos, que faz uma diferença pra, pra região. Então a gente precisa que pessoas que venham com ideias, com força de vontade, né? querendo fazer realmente a diferença, que abrace pra que isso se desenvolva de uma forma melhor pra gente. Ajuda a todos, não só os pousadeiros, como os restaurantes, os artesãos, né? Pra toda a população. [...]eu espero que futuramente, né, uma empresa de turismo grande, um receptivo é, consiga abranger toda essa parte cultural e bela também que o litoral Sul proporciona, [...] o baixio de D Rodrigues assim, é um lugar assim único especial e que a gente não houve falar, não houve falar. É o primeiro local de avistamento de Pedro Alvares Cabral, foram as terras do Pontal de Coruripe, isso é histórico, tá na história. [...] enfim, todas essas coisas que as pessoas não valorizam tanto e as vezes vem só em busca do sol e mar mesmo.</p>

Continuação

P 3	<p>Eu não sei nem se o Pontal vai existir daqui há 10 anos viu? Do jeito que as coisas andam. Não tem infraestrutura, não tem nada, aqui você não tem nada e eu acho que ninguém, ninguém de bom senso vai querer fazer nada aqui dentro do Pontal. É difícil. É difícil. Difícilimo. A insegurança da gente, não tem, você fica aqui a gente tem que fechar o portão, se tiver hóspede tem o maior cuidado com o portão e tudo isso. É assalto. Tudo hoje a gente... porque não tem uma, se você for assaltado não tem uma polícia pra chamar, se chamar não tem combustível pra vir. [...] E as pessoas fazem questão de jogar lixo em volta da pousada, fazem questão, é uma outra dificuldade. Até jogarem garrafa pra dentro da pousada. Bebem e jogam.</p>
P 4	<p>Se o mar não levou o Pontal, ou não teve umas dez mortes no farol porque as escadas já estão ocas por baixo, eu acho que vai... sabe que eu não sei? Porque ou enche de gente e fica igual as outras todas e perde a alma ou então continua com pescadores, artesanato, ainda não vejo grandes diferenças. Agora acho que não tem capacidade pra mais pousadas, já tem pousadas demais [...].</p>
P 5	<p>Tô vendo acabando a cada ano que se passa. Acabando mesmo. A coisa tá diminuindo de uma forma que a gente não, não... não sei.</p>
P 6	<p>Em algumas palestras do Sebrae e da, que a Prefeitura tava falando, existia uns lugares aqui nesse litoral Norte, onde que não existia nenhum tipo de turismo, mas foi investido pelo governo, foi investido tanto pelo governo do Estado, quanto pelo governo das prefeituras e mostraram que hoje, esses lugares se tornaram um lugar realmente atrativo e que não, não, com o próprio potencial deles, né? O próprio potencial local. E eu acredito que do mesmo jeito, se não houver um investimento em toda a área, mesmo que seja um investimento em lugares, em refazer, em propagandas, mas que não tiver investimento nas pessoas aqui do local, eu acredito que também a gente possa continuar do mesmo jeito, né? [...] Maragogi não começou com, da maneira como ela está, então existe um trabalho por trás disso. Acredito que potencial existe no Pontal de Coruripe, no artesanato em tantas outras, na questão da, das comidas e da própria praia e outros lazeres que juntam a isso, né, mas que realmente... [...] em certos meios é necessário que tenha o governo, que tenha a prefeitura na questão do saneamento, na questão de tudo.</p>
P 7	<p>Ah! Se houvesse medidas de fundo, um bom secretário de turismo, um homem que inteligentemente soubesse conduzir isto, que fizesse um calendário de eventos, capaz de motivar todos os meses a vir dois ou três eventos como deve ser[...]. O turismo, penso que no futuro será a grande mola impulsadora do desenvolvimento, sobretudo nesta região aqui de Alagoas, porque a Usina vai, o principal sustento que as pessoas vivem todas penduradas na prefeitura ou na Usina. A Usina tá a pôr gente na rua e a prefeitura cada vez recebe menos royalties do petróleo, porque também não tem possibilidades. Coitados, não tem dinheiro. Então o que é que fazem? Aumentam os impostos, mas depois as pessoas não têm receitas para pagar esses impostos, fecham as casas, é um ciclo vicioso. Portanto, só há uma hipótese: é realmente dizer: não, como política de desenvolvimento o turismo é fundamental aqui.</p>

Continuação

P 8	Olhe, voltando a questão do saneamento, eu acho que vai ser uma coisa que vai abrir grandes portas, pra cá. Vai mesmo, sabe? [...] Eu tô trazendo um público totalmente novo pra cá. É... inclusive pessoas que nunca vieram aqui e como eu tenho, eu conheço diversos tipos de pessoas, de profissionais, de grupos, então eu acho que vai ser que, vai dar um... assim eu vou conseguir alcançar o meu objetivo, que é trazer um público diferenciado, pra cá. [...] E eu acho que aqui, se tem aqui, é o lugar que foi, tem muito potencial assim a ser descoberto, né? a ser divulgado, não é nem descoberto. Porque aqui foi o local do primeiro avistamento do Brasil, [...] Com muita história, o Frei que foi comido pelos índios, é... muita coisa, né, aqui, além das belezas naturais. E... e eu acho que as pessoas têm que descobrir isso, tem que vir ver o que é e se inteirar da história, porque não é só, é lindo a região Norte, o litoral Norte é maravilhoso, também tem muita história, mas o povo conhece mais pra lá do que pra cá, né? os alagoanos.
P 9	Olha, acredito que um pouco, um pouco vá a melhorar. Porque é um lugar que tem um potencial que ninguém pode derrubar, além do mar, se o mar com uma onda vier e dizer: 'limpamos aqui na frente,' tudo bem. Mas o contrário, é um lugar que atrai, é um lugar que tem um bom vento, que tem um bom vento, um ar. Bom, então, isso, vai determinar um pequeno crescimento, isso não é um lugar, porque faltando um planejamento, não vai se manter do mesmo jeito. Pode mudar um pouco outras coisas, melhorar as casas de praia, porque aqui no Pontal de Coruripe, a metade das casas são donos, o povo de Arapiraca, de outros lugares que escolheram esse lugar maravilhoso pra se construir ou comprar uma casinha de praia. Isso é um lugar desse jeito, vai continuar a ser do mesmo jeito, do mesmo jeito.
P 10	[...] E eu sou muito pessimista com relação ao turismo aqui no município. Porque eu vi as empresas crescer, mas não vi o turismo crescer. As empresas na área de turismo cresceram com novas instalações [...] Eu não vejo que aumentou o número de turistas, de turismo, de hóspede, não aumentou. Aumentou o número de vaga, o número de quarto, de apartamento aumentou. [...] Pra você ver, tinha um concorrente meu, era na Lagoa do Pau, era a pousada Umarama, um pouco mais nova do que a minha, hoje tá fechado. Uma boa pousada, hoje tá fechada. [...] O Pontal vai crescer em razão da, da cultura. Dos gestores que apesar da crise mas, tem menos coisa hoje, tem menos problema com escola, é... com rua, com calçamento, tem menos pra se preocupar com isso porque já tá tudo, tem tudo, né? Tem tudo, então eles têm que focar em uma coisa e o que se tem é o turismo. Hoje como hoje o Pontal na alta estação já tem, tem, temos o Sábado na orla, é muita, muita gente. É... porque não tem mais. Hoje é a vez do turismo. Hoje é a vez do turismo porque não tem outra coisa pra se fazer na cidade.
P 11	Pontal tem, é um lugar que ainda não foi descoberto turisticamente, precisa ser um pouco mais divulgado. [...] Outra coisa que deixa a gente mais animado é a Petrobras [referindo-se ao projeto Educar e Sanear].

Fonte: dados da pesquisa, 2016.

As falas relacionadas acima demonstram, mais uma vez, uma atitude aparentemente conformista dos pousadistas frente aos muitos problemas que dificultam o desenvolvimento do turismo em Pontal de Coruripe. Os entrevistados conseguem identificar os principais problemas locais, e até apontam possíveis ações que poderiam ser feitas para melhoria das condições. Entretanto, não se percebe alguém que aponte caminhos e iniciativas coletivas para buscar soluções que todos eles compartilham.

A expectativa de melhora futura do setor normalmente está relacionada ao desempenho da gestão pública, que obviamente possui responsabilidades para que o setor possa ter maiores possibilidades de sucesso. Dentre as atribuições básicas e primordiais inerente ao setor público se tem: a disponibilização de infraestrutura seguida de trabalhos de divulgação do destino.

Além disso, porém, para que se maximizem possíveis resultados positivos advindos do turismo no destino, é necessário a inclusão dos interesses locais no processo de turistificação, pois, como a literatura especializada nos indica e os próprios resultados deste estudo também, há uma coexistência de territorialidades nos destinos turísticos que por vezes não convergem em termos de gostos, de expectativas e de satisfação.

Enfim, há diferentes formas de uso e apropriação de um mesmo espaço e em circunstâncias nas quais não há sinergia entre a população local, os poderes público e privado, e entre os próprios turistas, como é o caso de Pontal de Coruripe, tende a se ter choques de interesses que dificultam a geração de resultados satisfatórios para o desenvolvimento do setor turístico.

A fala do pousadista abaixo exemplifica por um lado a falta de sensibilização para questões de proteção de recursos naturais – o que traz reflexos negativos diretos para o turismo – e, por outro lado, demonstra um exemplo de relação de poder, de interesses opostos que marcam a existência de distintas territorialidades. Um empreendedor externo que frequenta o lugar há décadas, como é o caso de muitos pousadistas, será sempre um ‘forasteiro’ para os que ali vivem desde que nasceram e por vezes vivenciam mudanças na dinâmica de seu território, sem, contudo, se aperceberem que velhos hábitos já não se conectam com as necessidades da dinâmica territorial atual.

Porque o povo bota o lixo com sacola e tudo. O resto de peixe, o resto de camarão com a sacola plástica. Aí você vai falar, professora aqui, eu fui falar: ‘fulana, não faça isso não, porque você tira o lixo, tire e jogue o resto do camarão que o peixe come, vai embora. E tire a sacola, pode botar aqui no meu quintal porque aí eu dou um destino a ele.’ Ela chegou e disse assim: ‘você chegou ontem aqui no Pontal e já quer ser dona da praia.’ Eu digo: ‘não, porque

eu já cheguei com educação e vocês não têm’. O problema é esse: educação. É desde o colégio de pequenininho uma cartilha ensinando o que é bom. Se fizesse isso, talvez no futuro a gente tivesse um Pontal melhor (informação verbal)⁹⁶ P3.

As declarações dos pousadistas, matérias de jornais, livros e fotografias, trazem-nos uma demonstração clara de que o produto turístico em Pontal, ao longo de todo o seu ciclo de vida, esteve ligado aos ecossistemas naturais comuns em áreas litorâneas, principalmente o mar, e os atributos paisagísticos litorâneos foram responsáveis pela atração de olhares externos, que, como vimos, ocuparam espaços naturais privilegiados.

A ocupação do espaço pelas residências secundárias, no entanto, trouxe implicações negativas para a dinâmica de circulação no lugar. Processo semelhante ocorreu no litoral Sul de Sergipe, onde “a concentração irracional das segundas residências na praia do Saco privatizou uma grande extensão territorial da praia, trazendo uma segregação espacial e social” (LIMA; VILAR, 2014, p. 229). No caso de Pontal, ao longo da Avenida Arapiraca, por exemplo, há apenas duas estreitas vielas como opções para se ter acesso ao mar, demonstrando que interesses particulares determinaram a forma de ocupação do espaço nas proximidades da praia. Conforme salienta Cruz (2002, p. 9):

O modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. À política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientem o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada. Na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares.

Somado ao processo desordenado de ocupação de áreas privilegiadas, teve-se o avanço do mar que provocou significativa alteração na paisagem ao longo dos últimos quinze anos. Como se pode observar com a comparação das Figuras 39 e 40.

Figura 39 - Vista área da orla de Pontal, meados da década de 1990



Fonte: conexaomaceio.blogspot, acesso em 2016.

⁹⁶ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

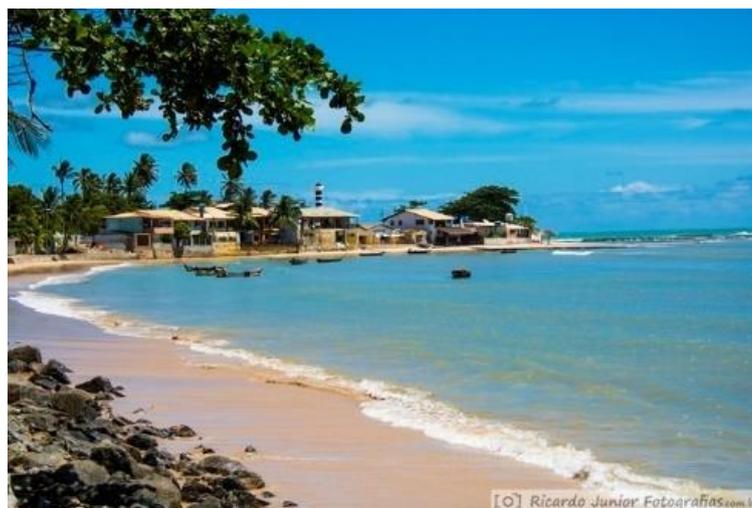
Figura 40 - Vista área da orla de Pontal, [20- -]



Fonte: Pousada Paradise. Facebook, acesso em 2016.

A Figura 40 mostra a orla durante uma maré baixa ou média, nas marés altas, o espaço de praia se reduz drasticamente, ao ponto de o mar bater diretamente nos muros de concreto das residências secundárias, o que exigiu a construção de enrocamento em algumas partes (Figura 41), para se tentar diminuir a força erosiva do mar, que inclusive vem causando danos visíveis nas estruturas físicas da orla construídas no ano de 2009.

Figura 41 - Maré alta e redução da faixa de praia em Pontal



Fonte: www.praiasdemaceio.com.br/fotos-de-coruripe/, acesso em 2016.

Nesse contexto, é evidente que o principal atributo da oferta turística de Pontal – a paisagem praiana – encontra-se no limite de sua capacidade de apropriação, de modo que não se pode pensar na continuidade do crescimento da oferta turística, como o que se teve ao

longo de seu processo de turistificação, baseado na atração e disponibilidade do ambiente praiano.

Os espaços à beira-mar estão totalmente ocupados e a praia, elemento tão marcante na oferta local, por vezes é coberta pelas águas do mar, ao sabor das marés, com ondas que batem nos paredões de concreto. Barros, ao se referir ao modelo de ciclo de vida de área turística de Butler (1980), salienta que: “O modelo adverte que a deterioração nas condições culturais e naturais cooperam para deter ou dificultar o desenvolvimento da destinação, ou mesmo estagná-la levando-a ao declínio” (BARROS, 2009, p. 81).

Somado ao aspecto da apropriação desordenada do solo ao longo da praia e ao avanço do mar, além dos problemas já relatados relacionados à infraestrutura, tem-se a ausência de um posicionamento estratégico por parte do setor público. Constatam-se questões específicas percebidas pela ausência de ações que poderiam compor as estratégias de desenvolvimento do turismo no local, como um plano de marketing do destino, e uma continuidade das propostas de eventos, com a manutenção de um calendário voltado também para o aproveitamento pelo turismo. A descontinuidade de eventos, aliás, é algo que persiste nas falas dos pousadistas:

O prefeito tinha até feito uma, um lazer bacana, que era o Sábado na Orla, uma vez por mês. Aí depois parou, chegou o inverno, chegou o carnaval e tudo, aí ele, nunca mais houve. Mas foi muito bom, chama muita gente, sabe? (informação verbal)⁹⁷P1.

Aquelas noites que faziam o Sábado na Orla que também atraía muita gente, quatro, cinco sábados: acabou. Não tem mais, nada que chame o hóspede (informação verbal)⁹⁸ P3.

Esse evento é perfeito! [...] porque a gente já vê o fluxo de turismo. Aí assim: é maravilhosa essa atitude que eles tomaram. Só que esse ano não houve (informação verbal)⁹⁹ P5.

Hoje, como hoje o Pontal na alta estação já tem, tem, temos o Sábado na orla, é muita, muita gente. É... porque não tem mais (informação verbal)¹⁰⁰ P10.

O Sábado na Orla é uma iniciativa da Prefeitura de Coruripe com o objetivo de promover o lazer, o bem estar e a boa música. O evento é realizado uma vez no mês, sempre no período de lua cheia, que dá um clima ainda mais agradável. Uma banda local sempre faz a abertura do evento (AQUIACONTECE.COM, 2014).

Sobre esse fato, durante as entrevistas, perguntamos para um dos pousadistas se o evento alterava o cenário da ocupação da pousada:

Muda, muda, se os governantes, se eles se preocuparem mais com isso, muda! Olhe? Melhora em todos os sentidos, porque vai empregar mais gente, vai gerar renda, pra pagar impostos e

⁹⁷ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹⁸ Obtida por meio de entrevista realizada em 23 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

⁹⁹ Obtida por meio de entrevista realizada em 13 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

¹⁰⁰ Obtida por meio de entrevista realizada em 25 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

tudo, né? E é bom pra gente, nós investimos nisso aqui, é bom pra todo mundo, mas infelizmente, não, não se preocupam com essas coisas, não (informação verbal)¹⁰¹ P1.

O projeto Sábado na orla ocorreu nos anos de 2014 e 2015, em temporadas, pois não se tinha o evento em períodos de chuva. Consistia basicamente da oferta de serviços comerciais de A&B, além de atrações musicais gratuitas na orla de Pontal; em suas edições o evento sempre teve um público presente, mas a última edição foi em 2015.

Relacionando esse fato com o foco de investigação desta dissertação, pode-se perceber que mais uma vez não transparece na fala dos entrevistados uma atitude proativa dos pousadistas, ou seja, fala-se sobre a contribuição do evento para a melhoria do setor turístico e seu fim, mas não se percebe atitudes que busquem reverter o problema, ou mesmo identificar as causas da não continuidade. Nesse sentido, da mesma forma em que se teve a descontinuidade do Sábado na orla, outro problema foi o cancelamento do São João, poucos anos atrás:

Teve um evento na época do Max Beltrão que era um São João que eles brigavam entre si com São Miguel, só que teve um ano que houve um problema de... financeiro, alguma coisa que teve e isso impediu dele realizar o São João, dele competir com São Miguel. Como ele desistiu de fazer o evento com várias bandas famosas, pronto! O que a gente tinha de reserva... [...] Então, mas aí foi uma burocracia, foi uma situação, pra conseguir, tivemos que devolver e você tem que planejar o que é que se devolve, como é que se devolve e quando é que vai se devolver. Mas foi um... (informação verbal)¹⁰² P6.

De forma semelhante às falas anteriores, estas falas sugerem a existência de certa resignação frente ao cancelamento do São João, remetendo-se à possibilidade ou não da sua realização unicamente ao poder público, ao Prefeito. É como se a causa do problema, que obviamente tem repercussões negativas para o turismo no lugar, estivesse unicamente na alçada do poder público; tanto que não se menciona qualquer ação que tenha sido adotada pelos próprios pousadistas para buscar uma solução negociada para a questão do São João, ou para se buscar alguma alternativa.

Embora o plano Estadual de desenvolvimento turístico de Alagoas (2013- 2023) tenha como uma das principais metas a formação dos conselhos municipais do turismo e a constituição de Secretarias de Turismo e Secretarias de Meio Ambiente, em Coruripe não se verifica a movimentação do setor. Desde o início do trabalho de campo deste estudo até o momento atual, o município não tem secretário de turismo, o que há é uma gerência de

¹⁰¹ Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

¹⁰² Obtida por meio de entrevista realizada em 08 de abril de 2016, em Pontal de Coruripe - AL.

turismo, que atualmente responde pelo setor, enquanto a formação do conselho municipal de turismo existe apenas enquanto proposta.

Em tal contexto de apatia por parte do poder público e da iniciativa privada, há uma clara possibilidade de o turismo estagnar ou até declinar em Pontal de Coruripe nos próximos anos. Na realidade, como mostrado anteriormente, a partir do final de 2013 houve, pela primeira vez no ciclo de vida das pousadas de Pontal de Coruripe, uma redução na curva da oferta de leitos pelas pousadas de Pontal, embora não se possa dizer que essa redução vá continuar por muitos anos, pois o turismo é afetado, negativa e positivamente, por muitos fatores, alguns não previsíveis.

Tendo-se identificado e analisado as características do ciclo de vida do turismo em Pontal de Coruripe, desde os seus primórdios e, posteriormente, com ênfase no setor formal de hospedagem e serviços, constatou-se que Pontal de Coruripe teve o início de seu processo de turistificação marcado pelas residências secundárias e o consequente fluxo de visitantes que possivelmente difere do perfil aloccêntrico esboçado por Plog (1973), considerando que, no geral, a hospedagem em uma residência secundária envolve a consequente pré-programação da viagem, com local de alojamento e alimentação definidos previamente.

Dessa forma, a fase inicial de Exploração proposta por Butler (1980), caracterizada por uma demanda de perfil explorador, realizada por turistas aventureiros, não ocorreu em Pontal de forma intensa ou evidente, ou, pelo menos, não foi a primeira fase do ciclo evolutivo do lugar.

Enquanto se tinha o aumento da construção de residências secundárias, a partir de meados da década de 1980, teve-se a implantação dos meios de hospedagem comerciais. Dos dez empreendimentos pesquisados, apenas três tiveram mais explicitamente uma motivação comercial como justificativa primária para a sua implantação.

No discurso dos demais sete empreendedores, verificou-se que a busca por qualidade de vida, traduzida pela tranquilidade que o lugar remete, foi um fator determinante para a permanência desses empreendedores no lugar, e o consequente desenvolvimento de uma atividade comercial no local. O que pode ter relação direta com a postura passiva que muitos parecem adotar frente ao seu negócio, considerando que as pousadas não constituem a principal fonte de renda de seus proprietários, conforme mencionamos anteriormente, além do que, Pontal de Coruripe foi escolhido primordialmente como um local de moradia, (seja primária ou secundária, ao menos pela maior parte dos empreendedores), ou seja, a permanência no lugar foi a escolha de muitos empreendedores, portanto, o desempenho da

atividade turística local, parece ser um fator que agrega valor mas não chega a ser determinante no que diz respeito a continuidade dos serviços dos empreendimentos.

Desse modo, considerando que os primeiros agentes empreendedores da oferta de hospedagem são externos, não houve inteiramente o que Butler classifica como fase de Envolvimento, na qual os residentes locais ao perceberem uma demanda turística, inicialmente originária de turistas exploradores (alocêntricos), iniciam a oferta de serviços básicos, os quais normalmente também incluem a oferta de hospedagem, porém com características informais e de pequeno porte, muitas vezes alugando-se quartos nas casas dos residentes.

Portanto, considerando a oferta de hospedagem, a fase de Envolvimento não ocorreu plenamente em Pontal de Coruripe, e foi marcada por uma das características da fase de Desenvolvimento – que é a oferta turística de propriedade de agentes externos – o que se justifica, talvez, pelo histórico de dependência financeira de sua população de atividades de baixo rendimento, que ofereciam uma base permanente para a subsistência, como principalmente a pesca e a produção artesanal.

No entanto, a fase de Envolvimento por parte da população local proposta por Butler ocorreu por meio da oferta de serviços do setor de A&B, sendo comuns relatos durante as entrevistas de que alguns pontalenses serviam refeições em suas próprias casas ou em quiosques na praia, com um cardápio marcado pela influência dos frutos do mar.

Desse modo, pode-se considerar que houve uma imbricação das características dos estágios de Envolvimento e de Desenvolvimento– se considerarmos também a inclusão dos serviços de A&B – enquanto a implantação dos meios de hospedagem formais é uma das características da fase de Desenvolvimento, por meio da prestação de serviços do setor de A&B a população local vivia a fase de Envolvimento.

As demais características da fase de Desenvolvimento, como o número de visitantes que ultrapassa a população residente, não ocorreu em Pontal, considerando, por exemplo, que a capacidade receptiva dos meios de hospedagem representou, grosso modo, uma média de 10 a 20% da população ao longo de seu ciclo de vida turístico. A não ser em eventos específicos como o carnaval e outros feriados prolongados, em que pode ter havido picos no número de visitantes, acolhidos também nas residências secundárias.

Passados 30 anos desde a implantação do primeiro meio de hospedagem, Pontal, atualmente com 335 leitos disponíveis, tem carências de infraestrutura. Por exemplo, como vimos, são comuns reclamações no que se refere à baixa qualidade da distribuição da energia elétrica, à presença de lixo nas praias, e ao esgoto correndo a céu aberto pelas ruas do

povoado. A ocupação de áreas privilegiadas reduziu drasticamente o acesso ao mar, tendo o lugar três pontos principais de acesso, além de duas estreitas vielas entre as casas de veraneio.

Durante a maré alta, não se tem área de praia disponível para o visitante ou residente, devido ao avanço do mar, que também provocou significativas alterações no lugar desde a década de 1980 aos dias atuais, inclusive ocupando antigas áreas habitadas.

O alto volume de equipamentos de som automotivos em períodos tradicionais de tempo livre é sentido por alguns dos pousadistas como algo prejudicial ao desenvolvimento de seus empreendimentos. A baixa ocupação hoteleira nas estações de outono e inverno é outro ponto de maior reclamação, fato histórico e comum em destinos de sol e mar desprovidos de um planejamento responsável da atividade turística. A descontinuidade de eventos, sempre mencionada nos discursos do pousadistas locais, confirma e salienta tal deficiência.

Desse modo, o mar e seus cenários complementares, como fator de atração principal, parecem ter sido exaustivamente alterados em Pontal, tanto pelo avanço natural quanto pela forma de apropriação do espaço, não havendo assim a visualização de novas possibilidades de usos, a não ser, por meio de uma requalificação do espaço urbano.

Não há em Pontal, atualmente, um equilíbrio no uso das instalações hoteleiras, que permanecem ociosas durante parte significativa do ano. O momento atual se traduz em uma visão pessimista por parte dos pousadistas, que reclamam da baixa ocupação sentida principalmente nos últimos anos e a consequente insustentabilidade financeira dos empreendimentos.

Portanto, o destino aponta para o início de uma fase de Declínio, não havendo no histórico de seu ciclo de vida marcas de uma diversificação da oferta, que sempre esteve ligada às belezas naturais. As perspectivas de futuro de gestores atuais com relação à continuidade de investimento no setor turístico não são positivas. O mesmo vínculo com o lugar que determinou para alguns a implantação do seu meio de hospedagem determina também sua resistência atual enquanto empresa, que do ponto de vista financeiro, não favorece ou justifica a continuidade do negócio.

Conforme abordamos no início desta dissertação, o turismo é uma atividade dinâmica que ao se inserir nas localidades receptoras pode acarretar consequências diversas para o meio. E neste aspecto, o tipo de efeito que o turismo pode gerar, é consequência do posicionamento dos atores sociais que formam a atividade que são o poder público, a iniciativa privada, a população local e os próprios turistas.

Por ser uma atividade complexa, capaz de reorganizar os territórios onde se instala (CRUZ, 2003), para que os resultados favoráveis do turismo sejam maximizados, é necessário que haja uma participação equilibrada dessas categorias de atores sociais que se relacionam diretamente com a atividade e que possuem, cada qual, seus interesses exercendo distintas territorialidades.

No caso do Pontal de Coruripe, a desintegração entre esses atores é percebida em suas múltiplas relações, quando, por exemplo, o barulho, o lixo, provocado pela própria população local, deixa claro a inexistência do pensamento de que o turismo é umas das atividades presentes no território pontalense e pouco ou muito, beneficia uma parte da população que sobrevive direta ou indiretamente da atividade, como é o caso dos postos de empregos que são gerados pelas pousadas e do tradicional artesanato em palha de Ouricuri, que indubitavelmente tem seu processo de comercialização relacionado ao fluxo turístico.

Outra desconexão entre o *trade* turístico é percebida quando se analisa o posicionamento do poder público diante do turismo como uma possível atividade geradora de renda e de benefícios sociais para o destino. O cancelamento abrupto de eventos que interfere no fluxo turístico local, a ausência de um plano de marketing do destino e principalmente as deficiências em termos de infraestrutura dificultam o desenvolvimento da atividade turística em qualquer contexto, e no caso do Pontal, soma-se ainda a falta de integração entre a própria iniciativa privada que, apesar de terem um posicionamento inicial ativo ao investirem no turismo no povoado, não demonstram, no entanto, a continuidade desse tipo de posicionamento no que se refere a buscas por melhoras coletivas para o setor.

Além dessa conjuntura interna, há ainda fatores externos, como a crise econômica no cenário nacional, a concorrência de outros destinos com oferta semelhante e produto turístico melhor formatado, que contribui para o cenário atual do turismo em Pontal, que aponta para uma fase de Declínio, considerando, por exemplo, a baixa ocupação hoteleira maximizada nos últimos anos, os problemas estruturais graves para um espaço receptivo, como carência de serviços de A&B, além do limite da capacidade de uso das praias.

A literatura especializada indica que, após um momento de Declínio, o destino pode se reerguer através de uma nova formatação de seu produto turístico, o que poderia ocorrer basicamente pela possibilidade de se ter uma oferta turística voltada a um segmento de turismo cultural, no qual aspectos tangíveis e intangíveis da cultura local poderiam compor a experiência dos visitantes de Pontal. Para tanto, é necessário que antes disso a própria população local reconheça seus processos culturais singulares e os valorize primeiramente,

para que, a partir disso, o outro, o olhar externo, percebam-nos e conseqüentemente também os valorize.

As carências do turismo em Pontal são muitas e ao longo desta dissertação foram se elencando. Diante de um contexto social tão limitado em termos de atividades geradoras de renda e com uma oferta hoteleira instalada, pelo modo como se deu a gestão da atividade no local, o turismo acaba sendo uma atividade minimamente significativa, uma alternativa clara de melhoria das condições locais, porém subutilizada.

6 CONCLUSÃO

Este estudo buscou compreender a constituição e desenvolvimento do povoado de Pontal de Coruripe como lugar turístico, por meio da caracterização de seu ciclo de vida turístico. Para tal, buscou-se compreender os usos do território anteriores à chegada do turismo na localidade, o modo como se deu a apropriação do lugar pela atividade turística, especificamente o modo de inserção da oferta comercial de hospedagem no território pontalense. O estudo constatou que nas últimas três décadas o desenvolvimento do turismo em Pontal de Coruripe trouxe transformações para o território desse povoado.

O turismo se inseriu em Pontal por meio de residentes secundários motivados pelo desfrute dos ecossistemas naturais do lugar, em um momento em que sequer havia condições favoráveis de acesso. Com o passar do tempo, e como um reflexo visível da apropriação do território por residentes secundários, surgiram os meios de hospedagem comerciais, predominantemente ao longo da orla, normalmente vinculados aos proprietários de residências secundárias, com alguns casos de exceção. E, assim, ao longo de três décadas, a oferta de hospedagem se diversificou um pouco, com a instalação de equipamentos distintos entre si e que naturalmente almejam cada qual, o seu ideal de público. O que não se verificou, no entanto, foi uma diversificação da oferta turística local, que sempre se restringiu ao conjunto de seus aspectos naturais.

Essa situação representa um sério problema para lugares turísticos como Pontal de Coruripe. Considerando-se a extensão do litoral do Brasil, e da região Nordeste de forma mais específica, é evidente que a oferta comum do turismo de “sol e mar”, desprovida de um conjunto de outros atributos, já não agrega valor (como em outros momentos já agregou) ao incremento da atividade turística; portanto, pensar em novas possibilidades de desenvolvimento do setor, torna-se essencial para as localidades que buscam no turismo uma alternativa de melhoria de suas condições.

A atual facilidade de acesso, tanto no meio físico quanto no meio digital, faz com que a barreira da distância seja minimizada ou mesmo anulada, tornando regiões outrora inacessíveis em disponíveis para as mais variadas expectativas de distintas demandas turísticas. Nessas circunstâncias, destinos que não desenvolvem um posicionamento estratégico diante do mercado acabam ficando para trás, enfrentando sérias dificuldades de competir por uma parcela da demanda que permita a expansão da oferta local.

O turismo é uma atividade complexa que necessita de uma articulação responsável e profissional do setor privado com o poder público e com a própria comunidade local, para seu

bom desempenho a longo e médio prazo, o que se torna claro quando percebemos que ações isoladas e pontuais não são suficientes para que um destino turístico ascenda de forma sustentada.

Nessa perspectiva, para que se tenha um futuro que favoreça o bom desenvolvimento do turismo no lugar, Pontal de Coruripe carece de ações coletivas que visem primeiramente à integração da iniciativa privada e um melhor conhecimento das possibilidades do turismo, por parte de alguns pousadistas, seguida de um envolvimento da comunidade local, por meio de programas de educação patrimonial e educação para o turismo, com o intuito de sensibilizar os anfitriões para a importância do bem receber e da manutenção do turismo como atividade que possivelmente contribui para o desenvolvimento local. Além disso, obviamente faz-se necessário a atuação devida do poder público.

O desafio para que Pontal de Coruripe possa reerguer-se como lugar turístico, rompendo com os indicativos atuais de declínio, não é pequeno. Além da dificuldade enfrentada por qualquer lugar turístico litorâneo do Nordeste brasileiro para competir com outros destinos, por causa da falta de diversidade da oferta turística, de tal forma que o lugar apresente algum tipo de vantagem competitiva, o Pontal enfrenta um conjunto de outros problemas que não é desprezível, dentre os quais os principais são os listados abaixo:

a) de uma forma geral, os pousadistas são passivos e resignados frente aos problemas locais e às barreiras ao crescimento do setor, apesar de identificarem muitos dos problemas que os afetam coletivamente;

b) a maior parte dos pousadistas não tem sua pousada como principal fonte de renda, o que parece limitar o desenvolvimento de uma atitude mais profissional entre eles frente ao planejamento e à gestão do seu negócio;

c) deficiências locais em relação à infraestrutura básica, o que limita a atração de investimentos externos;

d) falta de integração entre as pousadas, a população local e os donos de segundas residências que as alugam em certos períodos do ano, causando níveis de ruído que afetam negativamente a experiência dos hóspedes das pousadas, o que pode prejudicar a imagem do lugar como local para descanso; e

e) descontinuidade política, o que faz com que mesmo ações individuais do poder público que trazem melhoras para o lugar, com benefícios também para as pousadas e hóspedes, sejam descontinuadas.

Se tomados individualmente, cada um desses problemas já representa um desafio significativo para que se crie uma oferta turística local com alguma possibilidade de obter

sucesso a médio e longo prazo. Quando tomados conjuntamente, pode-se deduzir que apenas uma iniciativa de grande impacto, liderada pelo poder público ou iniciativa privada, mas de preferência em parceria, poderá contribuir para que Pontal de Coruripe rompa com seu atual estágio de declínio e possa se desenvolver turisticamente de forma equilibrada em um futuro próximo.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS (Estado). SECRETÁRIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO- SEDETUR. **Lagoas e mares do sul – Coruripe**. Disponível em: <<http://www.sedetur.al.gov.br/conhecendo-alagoas/regioes/lagoas-e-mares-do-sul>> Acesso em: 20 Jul. 15.

_____.SECRETÁRIA DE ESTADO DO TURISMO. **Plano estratégico do desenvolvimento do turismo - 2013-2023**. Disponível em:<<http://dados.al.gov.br/dataset/plano-estrategico-de-desenvolvimento-do-turismo-resumo-executivo-2013-2023>>. Acesso em: 22 Set. 2016.

ALAGOAS. Litorale Sud. Coruripe. 1 fotografia color.[sem título]. Disponível em: <<http://viverbrasil.altervista.org/coruripe/coruripe.html>>. Acesso em: 24 Jul. 2016.

AMORIM, Marcelo. Comunidades não se beneficiam com o turismo. **Gazeta de Alagoas**. Maceió, 05 out. 1997. Interior. Caderno A, p. 45.

AQUIACONTECE.COM. Quarta edição do Sábado na Orla promete agitar a praia do Pontal em Coruripe. 01/11/2014. Disponível em: <<http://aquiacontece.com.br/noticia/2014/11/01/quarta-edicao-do-sabado-na-orla-promete-agitar-a-praia-do-pontal-em-coruripe>>. Acesso em: 22 Set. 2016.

ARAUJO, Lindemberg Medeiros de. **Planejamento turístico regional: participação, parcerias e sustentabilidade**. Maceió: EDUFAL, 2009.

ARAUJO, Lindemberg Medeiros de; MOURA, Flávia Barros Prado. A expansão do turismo na zona costeira nordestina: crescimento econômico, degradação ambiental erosão cultural. In: CORIOLANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdição. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EDUECE, 2007, p. 94-114.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Coruripe**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/coruripe_al#idh> Acesso em: 22 Jul. 2015.

BARCINSKI, André. Férias à margem das alagoas. Pontal do Coruripe, a praia mais linda do planeta. **Jornal da tarde – SP**. São Paulo, 10 de nov. 1996. Turismo. Caderno E, p. 6. (Especial para o JT).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 1979.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

_____.**Planejamento responsável do turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

_____.**Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**.2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. **Porque as destinações turísticas no Nordeste do Brasil não declinam?** Uma interpretação geográfica. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

BENI, Mário Carlos. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BLOG CONEXÃO MACEIÓ. **Pontal de Coruripe**. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://conexaomaceio.blogspot.com.br/2010/05/pontal-de-coruripe.html>>. Acesso em: 27 Set. 2016.

BRAMWELL, Bill; LANE, Bernard. Sustainable tourism: an evolving global approach. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 1, n. 1, 1993, p. 1-5.

BRASIL, AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS (ANP). Página Principal. Participações Governamentais e de Terceiros. **Royalties**. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/?pg=9080>>. Acesso em: 22 Maio 2016.

_____, PORTAL DA TRANSPARÊNCIA. Início. Convênios. Estados. Municípios. Planilha detalhada (Município Coruripe). Disponível em: <<http://www.transparencia.gov.br/convenios/consultam.asp?fcod=2745&fuf=al&forgao=00&fconsulta=0>>. Acesso em: 29 Set. 2016.

_____, SECRETARIA DA MICRO E PEQUENA EMPRESA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (SMPE/PR). Página inicial. Micro e pequena empresa. **Programa de artesanato brasileiro**. Disponível em: <<http://smpe.gov.br/assuntos/programa-de-artesanato-brasileiro-1>>. Acesso em: 22 Set. 2016.

BULGARELLI, Claudio. Balneários de Coruripe são atrações no mês de julho. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 27 jun. 1998. Turismo. Caderno C, p. 2.

_____. **História da Hotelaria em Alagoas**. Maceió, AL: Ed. Ideias de Comunicação/gráfica Jaraguá, 2012.

_____. **Livro de Ouro da hotelaria alagoana**: a história dos melhores meios de hospedagem do Estado de Alagoas. 1. ed. Maceió, AL: Ed. Ideias de Comunicação/gráfica Jaraguá, 2013.

BUTLER, Richard W (Org.). **The tourism area life cycle: applications and modifications**. v.1, Aspects of tourism. England: Channel View Publications, 2006.

CASARÃO DO PONTAL. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Casar%C3%A3o-do-Pontal-1528500104141355/?fref=ts>>. Acesso em: 05 Maio 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, p. 13-

18, 2014. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10000/10871>>. Acesso em: 15 Jul. 2016.

COHEN, Erik. Towards a sociology of internacional tourism. **Social Research**, v. 39, 1972, p. 31-46.

COOPERATIVA PINDORAMA. **História**. Disponível em:

<<http://www.cooperativapindorama.com.br/historia.php#ancora>> Acesso em: 20 Set. 2015.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. (1912-1991) **O banguê nas Alagoas**: traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. 3. ed. Maceió: Edufal, 2006. (Coleção nordestina).

EMPRESAS DO BRASIL. Disponível em: <<http://empresadobrasil.com/empresa/pontal-praia-club-12480109000152>>. Acesso em: 28 Set. 2016.

ENCICLOPEDIA DOS MUNICÍPIOS ALAGOANOS. (Coord.). Hilton C. Mota. (Ed.). Sidney Soares. SERGASA – Serviços Gráficos de Alagoas S/A, 1977. (Fotolito: James Antonio Pinto Alves; Antonio dos Santos).

ENCICLOPÉDIA MUNICÍPIOS DE ALAGOAS. Coordenação geral: Leonardo Simões. 3. ed. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2012.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da; LIMA, Renata Mayara Moreira de. Segunda residência: conceito, características e significados. In: Fonseca (Org.). **Segunda residência, lazer e turismo**. Natal, RN: EDUFRN, 2012, p. 11-18.

FONTELES, José Osmar. **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.

FORMAN, Leona Shluger. **Bico**: a Brazilian Ralf fisherman's son. New York: Lothrop, Lee & Shepard, 1969.

GUNN, Claire A. **Tourism planning**: basics, concepts, cases. 3. ed. Washington DC: Taylor and Francis, 1994.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P.; PIRES, C.L.Z. **A emergência da multiterritorialidade: a ressignificação da relação do homem com o espaço**. Porto Alegre: Ulbra/ UFRGR, 2008, p. 19 - 35.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE) **Cidades@/Coruripe**. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=2702306>> Acesso em: 15 Abr. 2015.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE ALAGOAS. **As riquezas das áreas protegidas no território alagoano**. OLIVEIRA, Alex Nasário Silva; AMORIM, Clarice Maia F.; LEMOS, Rosângela P. de Lyra (Orgs.). Maceió: Mineração Vale Verde, 2014.

JAAKSON, Rener. Beyond the tourist bubble? **Annals of Tourism Research**, vol. 31, nº 1, p. 44-60, 2004.

JAFARI, Jafar. *La cientifizacion del turismo*. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v.3, n.1, p.7-36, 1994.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A.B.(Org.). **Turismo e geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 62-74.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Tradução: Contexto traduções. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2009. Publicado originalmente em 1984.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. T. C. Netto. São Paulo: Documentos Ltda., 1969.

LEMOS, João Ribeiro de. **Coruripe: sua historia, sua gente, suas instituições**. Maceió: Ed. Do Autor, 1999a.

_____. **Coruripe: sua historia para a juventude**. Maceió: Ed. Do Autor, 1999b.

LIMA, Letícia Bianca Barros de Moraes; VILAR, José Wellington Carvalho. A aplicação do TALC no destino turístico de sol e praia no Litoral Sul de Sergipe, Brasil. **Caderno Virtual de turismo**. Rio de Janeiro, v. 14, n.3, p. 219 - 233, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1154/115438829002/>>. Acesso em: 15 Set. 2015.

LINS, Nide. Os faróis de Coruripe. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 12 ago. 2001. Turismo. Caderno B, p. 9.

_____. Turismo e lazer. **O jornal**, Maceió, p. 1,10 de nov. 2005.

LOHMANN, Guilherme; NETTO, Alexandre Panosso. **Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas**. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Aleph, 2012.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. v. 2. Fortaleza: UECE, 1998, p. 15-29.

MAGALHÃES, Iverson. s/d. **Coruripe-AL- farol no Pontal do Coruripe**. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.ferias.tur.br/fotos/71/coruripe-al.html>>. Acesso em: 30 Jul. 2016.

MANOEL JUNIOR, José. Coruripe: Turismo, desenvolvimento e harmonia social. **Veja 28 graus, 28 de agosto de 1991**. Suplemento publicitário da revista Veja. Fotos: Freire.

McKERCHER, Bob. Some fundamental truths about tourism: Understanding tourism's social and environmental impacts. **Journal of Sustainable Tourism**, vol. 1, nº 1, p. 6-16, 1993.

MENEZES, Afrânio Farias de; CAVALCANTE, Alberto Tenório; AUTO, Paulo César Casado. **A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica no Estado de Alagoas**. São Paulo: Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, 2004 (Série 5, Estados e regiões da RBMA, caderno nº 29).

MULLINS, Patrick. Tourism urbanization. **International Journal of Urban and Regional Research**, vol. 15, nº 3, p. 326-342, 1991.

OLIVEIRA, Clevis. Descubra o charme do Pontal de Coruripe. **Gazeta de Alagoas**, Maceió, 11 de jan. 2008. Fim de Semana. Encantos do litoral. Caderno B, p. 8.

_____.Vieira, Debora. Expedição Coruripe. **Gazeta de Alagoas, Revista Maré**. Maceió, p. 6 – 9, 08 de fev. 2015.

PAIVA, Marina Mujica de. **Resposta local ao turismo: resiliência cultural e desenvolvimento local no povoado do Pontal de Coruripe**.2010. 151 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente: Desenvolvimento Sustentável) – Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFAL, Maceió, 2010.

PEARCE, G. Douglas. **Geografia do turismo: fluxo e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

PETROBRAS. Integração Petrobras Comunidades. Disponível em: <http://sites.petrobras.com.br/socioambiental/files/pdf/2013_IPC_Nordeste_resultados.pdf> Acesso em: 15 Set. 2016.

PLOG.Stanley C. Why destination areas rise and fall in popularity. **Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly**. November, 13-16, 1973.

POUSADA CORURIFE. Home .1fotografia color. [sem título]. Disponível em: <<http://www.pousadacoruripe.com.br/>>. Acesso em: 24 Ago. 2016.

POUSADA MIRANTE DO PONTAL. Disponível em: <http://www.booking.com/hotel/br/pousada-mirante-do-pontal.pt-br.html?label=gen173nr-1FCAEoggJCAIhYSDNiBW5vcMvmaCCIAQGYAS24AQzIAQzYAQH0AQH4AQuoAgM;sid=cce5e819282d8d5d8af8c89a681188f6;dest_id=638810;dest_type=city;dist=0;group_adults=2;room1=A%2CA;sb_price_type=total;srfid=43d36949be41bf5d8dcb840ec3bb55616a81413cX1;type=total;ucfs=1&->>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

POUSADA PARADISE. Disponível em:<http://www.booking.com/hotel/br/pousada-paradisecoruripe.ptbr.html?label=gen173nr1FCAEoggJCAIhYSDNiBW5vcMvmaCCIAQGYAS24AQzIAQzYAQH0AQH4AQuoAgM;sid=cce5e819282d8d5d8af8c89a681188f6;dest_id=638810;dest_type=city;dist=0;group_adults=2;room1=A%2CA;sb_price_type=total;srfid=9a6d5c59f1338f49a2ab855ea6b3f071634ba115X1;type=total;ucfs=1&>>. Acesso em: 02 Ago. 2016.

POUSADA PARADISE. Galeria de fotos. Coruripe. Disponível em:
<<http://www.pousadaparadiseal.com.br/galeriaCoruripe>>. Acesso em: 08 Abr. 2016.

POUSADA PONTAL PÔR DO SOL. Disponível em: <<http://www.pontalpordosol.com/>>.
Acesso em: 08 Abr. 2016.

POUSADA RECANTO DO PONTAL. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/Pousada-Recanto-do-Pontal-224452634346543/?fref=ts>> Acesso
em: 08 Abr. 2016.

PRAIAS DE MACEIÓ. s/d. **Fotos de Coruripe**. 1 fotografia, color. Disponível em:
<<http://www.praiasdemaceio.com.br/fotos-de-coruripe/>> Acesso em: 30 Set. 2016.

REVISTA DE HISTÓRIA. O caso do Bispo Sardinha. Disponível em:
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/conteudo-complementar/o-caso-do-bispo-sardinha>> Acesso em: 22 de Out. 2015.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Turismo em espaços urbanos: processos de turistificação no Nordeste brasileiro e no Caribe Mexicano. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**. Vol. 5, Número Especial, p. 81-104, abr. 2015. Disponível em:
<<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/viewFile/1603/1229>>. Acesso em: 30 Set. 2016.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 15. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade: ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SILVA, Priscylla. Orgulho ou vergonha? O Mané do Rosário: manifestação do patrimônio cultural intangível de Poxim, Coruripe, AL, Brasil. **Pasos – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** (online). v. 11, n. 2, p. 343-350, 2013. Disponível em:
<<http://www.pasosonline.org/en/articulos/80-orgulho-ou-vergonha-o-mane-do-rosario-manifestac%C3%A3o-do-patrimonio-cultural-intangivel-de-poxim-coruripe-al-brasil>>. Acesso em: 10 Fev. 2014.

SPILANIS, Ioannis; VAYANNI, Helen. Sustainable tourism: utopia or necessity? The role of nes forms of tourism in the Aegean islands. In: BRAMWELL, Bill. **Coastal mass tourism: diversification and sustainable development in southern Europe**. Clevedon, UK: Channel View, 2004, p. 269-291.

TIMMS, Benjamin F.; CONWAY, Dennis. Slow tourism at the Caribbean's geographical margins. **Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment**, vol. 14, nº 3, p. 396-418, 2012.

TRIBUNA UNIÃO. **Coruripe**, s/d. 1 fotografia, color. Disponível em:
<<http://www.tribunauniao.com.br/noticias/ver/34169/Dono+de+av%C3%ADcola+%C3%A9+executado+com+seis+tiros+no+centro+de+Coruripe+>>> Acesso em: 24 Ago. 2016.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC\NOBEL, 1990.

USINA CORURIFE. Disponível em: <<http://www.usinacoruripe.com.br>> Acesso em: 20 Set. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad.: Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro aplicado aos pousadistas de Pontal de Coruripe

Empreendimento: _____

Respondente: _____

Idade: _____

Formação/ocupação: _____

Data: ____/____/____

Local de nascimento: _____

Tempo de residência em Pontal de Coruripe: _____

Origem do proprietário e/ou gestor: _____

Caracterização física do empreendimento

Localização: _____

Número de UHs / tipos e descrições: _____

Total de leitos: _____

Áreas comuns/espços de lazer:

Serviços oferecidos (A&B, entretenimento): _____

Quadro de funcionários do empreendimento:

Funcionários/cargo	Escolaridade	Origem	Permanente/ temporário

Data de início das atividades do empreendimento: _____

Ativo? Sim () Não ()

Se não:

Qual(is) foi(ram) o(s) principal(is) motivo(s) que motivou(aram) o encerramento das atividades do empreendimento?

Período de funcionamento: _____

Houve alguma interrupção de funcionamento do empreendimento:

Sim: () Se não: ()

Se sim: Por favor, comente sobre as causas da(s) interrupção(ões).

1. Quais foram as motivações que levaram à abertura deste empreendimento em Pontal de Coruripe?
2. O(A) Senhor(a) poderia comentar sobre como este empreendimento evoluiu ao longo do tempo?
3. Tanto quanto o(a) senhor(a) sabe, este empreendimento sofreu alguma dificuldade ou dificuldades que ameaçasse de alguma forma a sua continuidade?
Por favor, comente sua resposta.
4. Como era Pontal de Coruripe no período que a pousada foi inaugurada?
5. Na época em que o empreendimento foi aberto, o que o visitante do Pontal estava de fato comprando, enquanto experiência turística?
6. Na época em que o empreendimento foi aberto, havia alguma coisa ou coisas que poderia(m) ter sido feita(s) para melhorar a experiência do turista?
Por favor, comente sua resposta.
7. Este empreendimento passou por alguma ampliação desde que foi inaugurado?
Se sim: Por favor, comente sobre o que mudou e por quê.
8. Este empreendimento alguma vez mudou o seu perfil buscando atrair outro tipo de hóspede?
Se sim: Por favor, comente sobre o que mudou e por quê.
9. Qual é o perfil de hóspede que a pousada costuma receber?
10. Estratégias de divulgação e canais de vendas:

11. [Sazonalidade] É comum o empreendimento enfrentar dificuldades financeiras para se manter em determinados períodos do ano?
Se sim: Foi sempre assim?
12. O empreendimento mantém o mesmo número de funcionários durante o ano inteiro?
Se não: Por que não?
13. Este empreendimento é sua única fonte de renda ou ele é um complemento?
14. Qual a taxa média de crescimento do empreendimento, desde que sua implantação?
15. Vocês têm alguma dificuldade para contratar funcionários em Pontal de Coruripe?
Se sim: Você poderia explicar por que?
16. Em sua opinião, qual(is) é(são) o(s) ponto(s) positivo(s) do turismo em Pontal de Coruripe?
17. Em sua opinião, qual(is) é(são) o(s) ponto(s) negativo(s) do turismo em Pontal de Coruripe?
18. Há alguma coisa no entorno deste empreendimento que afeta negativamente o seu funcionamento?
Se sim: Por favor, comente sua resposta.
19. O Sr. percebe algum tipo de reclamação dos hóspedes com relação a Pontal de Coruripe?
Se sim: Por favor, comente sobre essas reclamações.
20. Este empreendimento realiza algum tipo de compra localmente para o seu funcionamento?
Se sim: Por favor, comente sobre o tipo de compras.

Se não: Por que não?
21. O(A) senhor(a) normalmente recomenda ao turista alguma atividade ou experiência no Pontal de Coruripe ou entorno?
Si sim: Por favor, comente sobre o que o(a) senhor(a) recomenda.

Se não: Por que não?
22. Em sua visão, quais são as perspectivas futuras deste empreendimento?
23. O(A) senhor(a) pretende continuar trabalhando neste empreendimento nos próximos anos?
Por favor, comente sua resposta.
24. Como o(a) Sr(a). enxerga o turismo em Pontal de Coruripe daqui há 10 anos?

APÊNDICE B – Perfil dos pousadistas

Perfil dos pousadistas de Pontal de Coruripe-AL					
Empreendimento	Ano de fundação	Origem do proprietário e/ou gestor	Gerida pelo proprietário?	Formação e/ou ocupação do gestor	Relação do gestor com Pontal
As casinhas da Ada	1985	Itália	S	Letras (Inglês e Alemão)	Reside em Pontal desde 1985
Pontal Praia hotel (atual AFUSCO)	1986	Pontal de Coruripe-AL	(Inativo)	-	-
Pousada Recanto do Pontal	1997	Maceió, AL	S		Reside em Pontal
Pousada Mirante do Pontal	1999	Palmeira dos Índios- AL	S	Aposentado	Frequenta Pontal enquanto residente secundário há mais de três décadas
Pousada Paradise	2002	Maceió- AL	N	Adm. Hoteleira	Proprietário do prédio é residente secundário, a atual gerencia reside em Pontal há nove anos
Clube Social AFUSCO	2005	Não se aplica	S	Ens. médio	
Pousada Pontal Pôr do Sol	2007	Maceió, AL	S	Ens. médio	Proprietários residem em Maceió e possuem residência secundária em Pontal há 25 anos
Pousada Canto de Yemanjá	2009	Portugal	S	Arquiteto	Reside em Pontal há 10 anos
Pousada Arapiraca	2009	Arapiraca-AL	S	Comerciante	Reside em Pontal há 12 anos
Pousada o Casarão	2010	Maceió- AL	N	Arquiteto	Frequenta Pontal enquanto turista há mais de duas décadas
Pousada Cinema	2011	Itália	(Inativa)	Produtor audiovisual	Reside em Pontal desde 2009

APÊNDICE C – Alguns quadros resultantes das entrevistas

Entr.	Taxa média de crescimento dos meios de hospedagem desde suas respectivas implantações
P 1	Nunca parou para colocar os pontos nos “i”, do ponto de vista financeiro, pois ele é apaixonado por isso aqui.
P 2	Nós temos uma meta de 10%.
P 3	É a mesma, a mesma, o mesmo nível.
P 4	Não, agora não é crescimento [...]. Agora, com essa coisinha, pequeninha e assim, e a crise, tem na alta também os 80 [%] e na baixa, menos de 40. [...] desde que eu cheguei também sempre ascendente e esse ano é que está descendente. Quer dizer, janeiro ainda foi, [...] Mas fevereiro e março já foram mais fracos.
P 5	Não, não cresceu nada. Permanece na mesma coisa de quando eu comecei há 8 anos atrás e eu acho que vai ficar assim por um bom tempo. Enquanto não houver uma questão melhor aqui pra gente em termos de turismo: vai ser...
P 6	Não, elas sempre vinham com um crescimento, sempre satisfatório, entendeu? [...] Mas realmente a gente sempre tinha um levantamento onde eles poderiam, um crescimento, é... a cada subida de degrau, né? A gente dava pra perceber isso. E depois isso mudou. Do meio do ano pra cá. Do meio do ano, do ano passado pra cá.
P 7	(Risos) acho que minha gargalhada diz tudo, né? Qual taxa?
P 8	Eu quero, eu quero fazer com que, eu quero crescer mais, também, mas só que agora eu tô adquirindo mais experiência, vendo como é que... [...] pelo menos esse ano, que é o primeiro ano, assim, eu quero começar dessa forma. O segundo ano já é diferente, né?
P 9	Na verdade tive. Tive mas porque trabalhavam também mais pessoas [...] trabalhando com uma pessoa que trabalhava lá direto só na divulgação, na promoção: sim! Eu vi como, como aumentava. [...].
P 10	Teve um período de sucesso, né. Teve um período bem recompensador, né? [Foram quantos anos assim?] Uns 15 anos. É, depois com a concorrência, com mais alto, concorrência mais estruturada aí a coisa foi... [diminuindo].
P 11	Não tem isso não.

Entr.	Dificuldades para contratar funcionários em Pontal
P 1	As pessoas aqui, não, além de não ter qualificação na área, no trabalho, eles não gostam de trabalhar. Às vezes, eu já precisei de pessoas aqui, fui buscar em Coruripe, fui buscar na cidade lá ou fui em outro povoado como no Miaí, ou ali Barreira, porque aqui, é difícil a gente encontrar.
P 2	Então não há muito, eu percebo hoje que não há muito essa necessidade de trabalhar. E isso me é um problema, já que eu quero dar oportunidade ao nativo, eu preciso que eles queiram trabalhar também e queiram aprender e queiram se qualificar. Então isso pra mim é uma dificuldade que eu vim percebendo no decorrer desses 'x'nos.
P 3	Muita, muita porque você quando vem no primeiro dia, no primeiro mês, nos primeiros meses é uma beleza. Depois você não encontra isso, você não encontra apoio deles, né? Não encontra!
P 4	Todo mundo fala que é muito difícil encontrar gente que trabalha direito, eu acho que não é. É saber escolher, ver pra que é que as pessoas têm jeito.
P 5	Não, não [nuca teve funcionários]. Não, aliás assim: que teve épocas que arrumava pessoas pra me ajudar na limpeza. Tipo assim: carnaval? Aí vamo fazer a faxina da pousada, aí eu arrumava uma pessoa pra me ajudar. Pronto, só assim. Diarista, né? e quando terminava, também. E na manutenção eu sempre trazia a minha irmã de Arapiraca.
P 6	Não se aplica.
P 7	Temos sim. Não há gente, não há. Não há porque também não escolas de formação, não há ninguém que ensine como deve ser, não há uma boa escola de formação de hotelaria que devia existir aqui, de garçons, atendimento, não sei o que.
P 8	Mão de obra aqui é uma coisa muito ruim. Mão de obra aqui é pior coisa que tem.
P 9	Funcionários, claro que sim. Funcionários é profissionais, não? Sim! Sim! Tem dificuldade, aqui tem dificuldade, aqui tem uma grande boa vontade até uma parte do povo bastante pobre, que cada um é disponível a fazer faxina, outra coisa depois, é... como dizer? É ter uma visão que é diferente da faxina da própria casa, não?
P 10	Olhe, o Pontal desde, eu tive muita sorte, porque desde a implantação do hotel existia, existia uma preocupação maior do governo desenvolver isso aqui, desenvolver. Hoje eles acham que não precisa mais, mas na época havia a necessidade de crescer aí foi aonde, é... existia aqui, existia aqui que era posto de, de recepcionista, existia curso de garçom todo mês, de garçom, existia curso de, de, de, de cozinhar, como é que fala? Curso de... vários cursos no Senac, voltados pra o desenvolvimento do turismo, que era uma preocupação que o governo do Estado tinha com, o Estado desenvolver a parte do turismo. Na época era muito mais organizado do que hoje, hoje, na época era muito mais voltado pra o turismo do que hoje. Hoje acabou-se tudo, acabou-se tudo, existia um carro aqui em Coruripe do Senac que não saía daqui, com curso.
P 11	Não, é tranquilo, pra contratar é tranquilo.

Entr.	Reclamações de hóspedes sentida pelos pousadistas
P 1	Reclamam muito que não tem restaurante, reclamam muito que no restaurante que foram, não foi, não foi... não tava legal, sabe? Só vejo assim essas reclamações disso. De estrutura, de lugar pra eles ficarem.
P 2	É, eu não diria reclamação, mas seria um comentário, a gente escuta: falta do que fazer à noite. Já que é um local que não tem um shopping, não tem um cinema, não tem um teatro, não tem casas de shows, assim, uma coisa assim: 'ahh eu quero toda noite fazer algo... dar uma saída.' Não tem muito. É basicamente restaurante e pronto.
P 3	Isso é o que eu digo: lixo, é a... cheia de lama, a praia suja. Os esgotos indo pro mar. Lá, lá ali naquela parte do baiano vai tudo pro mar, esgoto e tudo. Aqui: essas casas aqui têm três que botam pro mar, ou quatro, esgoto. O povo ver isso, né? E sente.
P 4	Lixo, lixo, lixo. Barulho, barulho, barulho. São esses dois pontos. [...] Um lugar tão bonito e tão sujo! Falam. [...] A noite tá quase tudo fechado.
P 5	Às vezes chega um reclama assim: 'oh meu Deus do céu, aqui não tem nenhum banco pra você tirar dinheiro.' Aí tem que ir pra cidade. É, essas coisas mínimas, entendeu? [...] Às vezes assim a exploração, porque quando chega numa época de turismo, o pessoal aí em baixo explora mais, né? Aí o pessoal reclama, né? Eles percebem a exploração e reclama.
P 6	Porque a noite, a maioria dessas lâmpadas até chegar lá na orla, elas são quebradas [...]. A questão da limpeza pública [...] 'Ah! A gente foi [na praia] e não encontramos lixeiro.' [...] E algumas outras situações que realmente a gente vê. Ahh que não tinha, as mesas onde ficam o pessoal que vende não tinham a higiene, vamos dizer assim, bem... aonde você poderia lavar as mãos pra vender algum alimento, porque não tinha suporte, na beira da praia. Já em cima tem alguns quiosques que davam, que são poucos né, depois da reforma.
P 7	Não há nada pra fazer, não há nenhuma loja decente com divulgação, com pequenas coisas, a única coisa positiva disto é o artesanato fantástico que há aqui ao lado que é maravilhoso. De resto, a noite não há nada para fazer, o medo e a insegurança, tem medo de andar durante a noite porque percebem que não há polícia, tem medo de serem assaltados. Essas são as reclamações. E a falta de restaurantes pra comer a noite, também não tem. Tá tudo fechado à noite, não há. Tem que se mandar vir uma pizza de Coruripe, pras pessoas comerem à noite.
P 8	Assim, local pra sair, antigamente não se tinha, mas hoje já se tem os restaurantes que abrem a noite, tem um barzinho que toca música ao vivo, quer dizer: a cada dia que passa se cria mais atrativos, né? Pras, pras pessoas.
P 9	É, algumas vezes, é... a falta de um restaurante aberto à noite.[...]. Abriu ao contrário em Coruripe [...], mas sempre tem que ser ligado ao transporte, porque quem vai sair às 7 da noite, não tem mais ninguém lá que pega a pessoa e leva em Coruripe. Voltamos sempre lá, não? É como uma cobra que morde o rabo dela. E de excursões que falamos antes.
P 10	Não, não. [...] não era hóspede exigente, entendeu? Ele vinha, às vezes não jantava no hotel, vinha, tinha vários café, que fazia café caseiro. [Aqui?] É no Pontal, o pessoal vinha comia macaxeira com carne do sol, peixe frito e tal, aquele negócio todo, aí vinha e encontravam vários, vários locais aqui que eles procuravam café.
P 11	Saneamento; lixo nas ruas.

ANEXOS

ANEXO A- Crandall's list of motivation

<p>1 ENJOYING NATURE, SPACING FROM CIVILIZATION <i>To get away from civilisation for a while</i> <i>To be close to nature</i></p> <p>2 ESCAPE FROM ROUTINE AND RESPONSIBILITY <i>Change from my daily routine</i> <i>To get away from the responsibilities of my everyday life</i></p> <p>3 PHYSICAL EXERCISE <i>For the exercise</i> <i>To keep in shape</i></p> <p>4 CREATIVITY <i>To be creative</i></p> <p>5 RELAXATION <i>To relax physically</i> <i>So my mind can slow down for a while</i></p> <p>6 SOCIAL CONTACT <i>So I could do things with my companions</i> <i>To get away from other people</i></p> <p>7 MEETING NEW PEOPLE <i>To talk to new and varied people</i> <i>To build friendships with new people</i></p> <p>8 HETEROSEXUAL CONTACT <i>To be with people of the opposite sex</i> <i>To meet people of the opposite sex</i></p> <p>9 FAMILY CONTACT <i>To be away from the family for a while</i> <i>To help bring the family together more</i></p>	<p>10 RECOGNITION, STATUS <i>To show others I could do it</i> <i>So others would think highly of me for doing it</i></p> <p>11 SOCIAL POWER <i>To have social control over others</i> <i>To be in a position of authority</i></p> <p>12 ALTRUISM <i>To help others</i></p> <p>13 STIMULUS SEEKING <i>For the excitement</i> <i>Because of the risks involved</i></p> <p>14 SELF-ACTUALISATION (FEEDBACK, SELF-IMPROVEMENT. ABILITY UTILISATION) <i>Seeing the results of your efforts</i> <i>Using a variety of skills and talents</i></p> <p>15 ACHIEVEMENT, CHALLENGE, COMPETITION <i>To develop my skills and ability</i> <i>Because of the competition</i> <i>To learn what I am capable of</i></p> <p>16 KILLING TIME, AVOIDING BOREDOM <i>To keep busy</i> <i>To avoid boredom</i></p> <p>17 INTELECTUAL AESTHETICISM <i>To use my mind</i> <i>To think about my personal values</i></p>
---	--

Fonte: Crandall *apud* Pearce (2003).